

UNESP  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

PATRÍCIA ORÉFICE

**A construcionalização e a rede construcional de
[ir/vir + INFINITIVO] em português brasileiro: uma
análise baseada no uso**

Orientadora: Profa. Dra. Angélica T. C. Rodrigues

ARARAQUARA – SP

2019

PATRÍCIA ORÉFICE

**A construcionalização e a rede construcional de
[ir/vir + INFINITIVO] em português brasileiro: uma
análise baseada no uso**

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise morfológica, morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Angélica T. C. Rodrigues

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – SP

2019

Oréfice, Patrícia

A construcionalização e a rede construcional de
[ir/vir + INFINITIVO] em português brasileiro: uma
análise baseada no uso / Patrícia Oréfice – 2019
146 f.

Tese (Doutorado em Linguística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Angélica Terezinha do Carmo Rodrigues

1. Construcionalização. 2. Construção. 3. Modelos
Baseados no Uso. 4. verbo ir. 5. verbo vir. I. Título.

PATRÍCIA ORÉFICE

**A construcionalização e a rede construcional de
[ir/vir + INFINITIVO] em português brasileiro: uma
análise baseada no uso**

Linha de pesquisa: Análise morfológica,
morfossintática, Semântica e Pragmática
Orientadora: **Profa. Dra.** Angélica T. C.
Rodrigues

Data da defesa: 22/07/2019

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Angélica T. C. Rodrigues – presidente e orientadora
UNESP, Araraquara

Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves
UNESP, Araraquara

Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck
UNESP, Araraquara

Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira
UFMS, Câmpus de Três Lagoas

Profa. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale
UFSCAR, São Carlos

À minha família, meu lugar.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A Deus, pelo discernimento e mansidão, pela espiritualidade que acalma (principalmente nos momentos mais sombrios) e pela coragem e essência.

À querida Angélica, por esses 7 anos de caminhada conjunta. Meu obrigada por sua força, sempre um exemplo de mulher, pela orientação, com ensinamentos e conselhos tão pertinentes e pela amizade, nos momentos bons ou ruins, de perto ou de longe.

À minha mãe, por estar ao meu lado, cuidando e amando, dia e noite, e por me respeitar e incentivar.

À minha família, em especial meus irmãos, Bruna e Homero, e cunhados, Fabrício e Luciene, pelo suporte, pela cumplicidade e pelo amor.

Ao meu noivo, Lucas, pelo apoio, pela compreensão, pelo abraço, toque, gesto. Pelo amor. Por estar sempre aqui. Por permanecer.

Aos meus sobrinhos, pela doçura e alegria, por me permitirem ser sempre criança.

Às amigas de Bariri, Gisele, Anaí, Natália e Rachel, pela compreensão em minhas constantes ausências e pelo abrigo, nos momentos de diversão e esparecimento. Obrigada por nossos momentos, por *nossas coisas*.

Às amigas de faculdade, Liana, Iris, Joana e Alice, por nossa amizade que sempre amadurece com o tempo. É tão reconfortante poder ter vocês e compartilhar tantas coisas boas juntas!

Às eternas *bixetinhas*, Marina e Naiara, por tornarem nossa casa um lar e por seguirem, mesmo distantes, tão presentes aqui comigo.

Aos amigos da Linguística, Paty, Felipe e, em especial, à Carol, por caminhar comigo nos últimos 5 anos, dividindo conquistas e acalmando, nos momentos de ansiedade e tensão.

Aos amigos da ETEC, por me acolherem, entenderem, divertirem e pela credibilidade e parceria na missão. Em especial, meu carinho pelos colegas Evandro, De Angelis, Sheila, André Felipe, André Zago, Adalton, Thiago, Val, Aline e Nany, por se tornarem minha família etequiana.

Aos meus alunos, os de ontem, de hoje e de amanhã, por me permitirem as certezas na escolha, por me respeitarem, por confiarem em mim.

À colega Camila Bordonal Clempi, pela ajuda com a quantificação de dados e pelos ensinamentos sobre o programa R (CORE TEAM, 2017).

Aos professores doutores Edson Rosa, Marize Mattos Dall’Aglío Hattner, Sanderléia Roberta Longhin, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda e Sebastião Carlos Leite Gonçalves, pela análise do trabalho nos SELINs e pelas contribuições, sempre tão valiosas.

Às professoras doutoras Rosane de Andrade Berlinck e Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, pela leitura detalhada e eficiente do trabalho para os exames de qualificação e pelas sugestões tão ricas.

Às professoras doutoras Maria Helena de Moura Neves, Rosane de Andrade Berlinck, Flávia Bezerra de Menezes Hirata Vale e Taísa Peres de Oliveira, pela disponibilidade na leitura do trabalho e por comparecerem à banca de defesa. Obrigada, antecipadamente, por dividirem comigo o conhecimento, pelas sugestões e pela discussão do trabalho.

Aos professores que, durante a minha trajetória até aqui, incentivaram, ensinaram e me despertaram o amor às letras.

Ao Centro de Paula Souza pelo tempo de afastamento de função.

Que a arte me aponte uma resposta
mesmo que ela mesma não saiba
e que ninguém a tente complicar
pois é preciso simplicidade pra fazê-la florescer
pois metade de mim é plateia
a outra metade é canção.
Que a minha loucura seja perdoada
pois metade de mim é amor
e a outra metade também
Oswaldo Montenegro

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir as construções formadas pelos verbos *ir/vir* seguidos de infinitivo, relacionando-as à construção prototípica de finalidade, a oração adverbial final, demonstrando a rede construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) formada por essas construções. Mais especificamente os objetivos deste trabalho são a **CMCP** (Construção de Movimento com Propósito), formada por dois verbos, onde V1 é um verbo de movimento orientado e V2 é um verbo em forma infinitiva (ORÉFICE, 2014), **CPP** (Construção Perifrástica de Passado), cuja semântica indica um deslocamento temporal ao momento anterior à fala, e **CFV2** (Construção Focalizadora da Ação), a qual indica focalização da ação verbal expressa pela construção, dando ênfase à ação de V2. Esta tese, embasada nos pressupostos teóricos do Modelo Baseado no Uso, por meio do processo de construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), apresenta a hipótese de uma rede construcional das construções supracitadas, relacionando-as, de forma hierárquica, às construções de finalidade prototípicas (adverbial final). Nossas análises, feitas de forma qualitativa e quantitativa, são embasadas em dados de fala, coletados no *Corpus* do Projeto Iboruna.

Palavras-chave: Construcionalização, construção, Modelo Baseado no Uso, finalidade, verbo *ir*, verbo *vir*.

ABSTRACT

The goal of this work is to discuss the constructions formed by the verbs *ir/vir* (to go/to come) followed by infinitive, in its relationship with the prototypical construction of purpose, final adverbial clause, showing the constructional network (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) formed by this constructions. More specifically the goals of this work are **CMCP** (Construction Motion Cum Purpose), formed by two verbs, where V1 is a oriented motion verb and V2 is a verb in the infinitive form (ORÉFICE, 2014), **CPP** (Past Paraphrastic Construction), whose semantics indicates a temporal displacement to the moment before the speech, and **CFV2** (Action Focused Construction), which indicates focalization of the verbal action expressed by construction, emphasizing the V2 action. This thesis, supported by theoretical assumptions of Usage-Based Linguistics, by means of the process of construcionalization (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), presents the hypothesis of a construcional network of the constructions mentioned, relating then by hierarchical form with the prototypical purpose constructions (purpose clause). Our analysis, made in qualitative and quantitative way, are supported in spoken data, collected in the corpus of Iboruna Project.

Keywords: Construcionalization, Construction, Usage-Based Linguistics, verb *ir*, verb *vir*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: O <i>continuum</i> do tipo de sentença complexa.....	33
Figura 2: Mudanças envolvidas na construcionalização	35
Figura 3: Representação da Construção	35
Figura 4: Hierarquia construcional	37
Figura 5: Representação de uma rede conceptual	40
Figura 6: Rede construcional com os verbos <i>ir/vir</i> seguido de infinitivo	131
Figura 7: Oração adverbial final.....	135
Figura 8: CMCP	136
Figura 9: CPP	136
Figura 10: CFV2.....	138

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Modelo de estrutura simbólica da construção radical	29
Quadro 2: Propriedades das CMCP, CPP e CFV2	129
Quadro 3: Nível hierárquico das construções com <i>ir+infinitivo</i>	132
Quadro 4: Nível de esquematicidade das construções com <i>ir/vir</i> seguido de infinitivo	132
Quadro 5: Nível de composicionalidade das construções com <i>ir/vir</i> seguido de infinitivo	133
Quadro 6: Nível de produtividade das construções com <i>ir/vir</i> seguidos de infinitivo ..	134
Quadro 7: Propriedades das construções formadas por <i>ir/vir</i> seguidos de infinitivo ...	139

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Frequência de uso das microconstruções com verbo <i>ir</i>	76
Gráfico 2: Frequência de uso das microconstruções com verbo <i>vir</i>	76
Gráfico 3: Semântica de V2 em CMCP <i>ir</i>	78
Gráfico 4: Semântica de V2 em CMCP <i>vir</i>	80
Gráfico 5: Semântica de V2 em CPP <i>ir</i>	83
Gráfico 6: Semântica de V2 em CPP <i>vir</i>	85
Gráfico 7: Semântica de V2 em CFV2 <i>ir</i>	87
Gráfico 8: Semântica de V2 em CFV2 <i>vir</i>	92
Gráfico 9: Animacidade do sujeito em CMCP com verbo <i>vir</i>	97
Gráfico 10: Animacidade do sujeito em CFV2 com verbo <i>vir</i>	98
Gráfico 11: Transitividade de V2 em CMCP com <i>ir</i>	100
Gráfico 12: Transitividade de V2 em CMCP com <i>vir</i>	101
Gráfico 13: Transitividade de V2 em CPP com verbo <i>ir</i>	103
Gráfico 14: Transitividade de V2 em CPP com <i>vir</i>	104
Gráfico 15: Transitividade de V2 em CFV2 com <i>ir</i>	106
Gráfico 16: Transitividade de V2 em CFV2 com <i>vir</i>	107
Gráfico 17: Presença de locativo em CMCP com o verbo <i>ir</i>	111
Gráfico 18: Presença de locativo em CMCP com o verbo <i>vir</i>	112
Gráfico 19: Presença de locativo em CPP com o verbo <i>ir</i>	113
Gráfico 20: Presença de locativo em CPP com o verbo <i>vir</i>	115
Gráfico 21: Presença de locativo em CFV2 com o verbo <i>ir</i>	116
Gráfico 22: Presença de locativo em CFV2 com o verbo <i>vir</i>	118
Gráfico 23: presença de material interveniente em CMCP com o verbo <i>ir</i>	120
Gráfico 24: Presença de material interveniente em CMCP com o verbo <i>vir</i>	121
Gráfico 25: Presença de material interveniente em CPP com verbo <i>ir</i>	122
Gráfico 26: Presença de material interveniente em CPP com o verbo <i>vir</i>	124
Gráfico 27: Presença de material interveniente em CFV2 com o verbo <i>ir</i>	125

LISTA DE SIGLAS

CMCP	Construção de Movimento com Propósito
CFV2	Construção Focalizadora de Verbo 2
CPP	Construção Perifrástica de Passado
V1	Primeiro Verbo em Forma Composta
V2	Segundo Verbo em Forma Composta
PRES	Presente
FUT	Futuro
INF	Infinitivo
PreCxzn	Pré-construcionalização
CCs	Construcionalização
PostCxzn	Pós-construcionalização
F	Forma
M	Significado
Micro-Cxn	Microconstrução
AC	Amostra Censo
RO	Relato de Opinião
RP	Relato de Procedimento
NE	Narrativa de Experiência
NR	Narrativa Recontada
DE	Descrição do Local
GPGF	Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional
ALIP	Amostra Linguística do Interior Paulista

LISTA DE SÍMBOLOS

→	Resultado
>	Categoria maior
< >	Equivalência
↓↓	Relação de hierarquia
(*)	Construções agramaticais
(!)	Construções aceitáveis
(?)	Construções ambíguas ou com algum grau de estranheza

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. REFERENCIAL TEÓRICO	21
Introdução	21
1.1 Funcionalismo	21
1.1.1 Gramaticalização	22
1.1.2 Modelos Baseados no Uso	27
1.1.3 Categorização	30
1.1.4 Construcionalização	34
1.2 FOCALIZAÇÃO	41
1.2.1 Estrutura informacional	41
1.2.2 Caracterização do foco	42
Conclusão	44
1.3 FINALIDADE	45
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	56
2.1 Projeto ALIP (Iboruna)	56
2.2 Descrição do <i>script</i> usado para a coleta automatizada dos dados	57
2.3 Parâmetros de análise	57
2.3.1 Tempo verbal de V1	58
2.3.2 Possibilidade de formação de perífrase	58
2.3.3 Classificação da construção	58
2.3.4 Semântica de V2	50
2.3.5 Animacidade do sujeito	61
2.3.6 Presença de material interveniente entre V1 e V2	61
2.3.7 Presença de locativo ligado à construção	61
2.3.8 Transitividade de V2	61
3 ANÁLISE	62
3.1 AS CONSTRUÇÕES COM <i>IR/VIR</i> SEGUIDOS DE INFINITIVO: ANÁLISE	63
Introdução	63
3.2.1 CMCP, CPP, CFV2	69
3.2.2 Frequência de uso das construções com <i>ir/vir</i> seguidos de infinitivo	75

3.2.3 Tipo semântico de V2	77
3.2.3.1 Tipo semântico de V2 em CMCP.....	78
3.2.3.2 Tipo semântico de V2 em CPP	82
3.2.3.3 Tipo semântico de V2 em CFV2	87
3.2.4 Animacidade do sujeito	95
3.2.4.1 Animacidade do sujeito em CMCP.....	95
3.2.4.2 Animacidade do sujeito em CPP.....	96
3.2.4.3 Animacidade do sujeito em CFV2.....	97
3.2.5 Transitividade de V2.....	99
3.2.5.1 Transitividade de V2 em CMCP.....	99
3.2.5.2 Transitividade de V2 em CPP.....	102
3.2.5.3 Transitividade de V2 em CFV2	105
3.2.6 Presença de locativo	109
3.2.6.1 Presença de locativo em CMCP.....	109
3.2.6.2 Presença de locativo em CPP.....	112
3.2.6.3 Presença de locativo em CFV2	114
3.2.7 Presença de material interveniente entre V1 e V2.....	118
3.2.7.1 Presença de material interveniente em CMCP.....	118
3.2.7.2 Presença de material interveniente em CPP.....	121
3.2.7.3 Presença de material interveniente em CFV2	124
3.3 CONSTRUCIONALIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES COM <i>IR/VIR</i>	
SEGUIDOS DE INFINITIVO	129
3.3.1 Rede construcional de <i>ir/vir</i> seguidos de infinitivo.....	129
3.3.2 Esquematicidade das construções formadas por <i>ir/vir</i> seguidos de infinitivo	
.....	132
3.3.3 Composicionalidade das construções formadas por <i>ir/vir</i> seguidos de	
infinitivo	133
3.3.4 Produtividade das construções formadas por <i>ir/vir</i> seguidos de infinitivo	
.....	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	141

INTRODUÇÃO

O verbo *ir* figura em construções e usos variados no português, no qual encontramos desde construções em que esses verbos representam deslocamento espacial, como em (1), até construções que adquirem valores funcionais, como marcação de tempo, como a perífrase *ir+infinitivo*. Uma análise qualitativa e quantitativa, retida especialmente nos usos mais marginais desse verbo, permitiu a identificação de construções como as Construção de Movimento com Propósito (doravante CMCP) e, também, a observação de que o verbo *vir* aparece em construções semelhantes a essas, embora não tenham sido alvo de análises mais sistemáticas. Desse modo, o objetivo do trabalho é descrever as construções com *ir* e *vir* seguidos de infinitivo, buscando estabelecer relações hierárquicas entre elas através da proposição de uma rede construcional.

Em (1), o verbo *ir*, [foi], seguido do locativo *ao banco*, carrega uma semântica de movimento espacial, o qual leva o falante a um destino físico e, além disso, a um destino metafórico, marcado pela finalidade de *pagar as contas*. Esse tipo de construção, já bastante discutido, é denominado como *oração adverbial final*.

(1) João **foi** ao banco para pagar as contas.

A oração adverbial final é uma oração em período complexo que marca, prototipicamente pela configuração *ir+infinitivo*, a noção de finalidade, com uma primeira oração sendo a causa responsável pelo alcance da segunda ação.

O mesmo tipo de semântica, marcando finalidade, ocorre com o verbo de movimento básico *vir* seguido por um infinitivo, como em (2).

(2) Ele **veio** à loja para ver vitrines.

O falante, nessa construção, desloca-se até a loja com a finalidade de *ver vitrines*. Nesse caso, a semântica de movimento marcada pelo verbo *vir*, seguida por uma segunda oração, *para ver vitrines*, é classificada também como uma oração adverbial final.

Construções como em (1) e (2) são descritas na língua portuguesa de forma bastante exaustiva, visto o alto índice de ocorrências desses verbos em construções desse tipo. Contudo, há construções formadas por esses verbos que são pouco ou nada estudadas

e, por essa razão, são foco deste trabalho. São elas as CMCP, Construções Perifrásticas de Passado (doravante CPP) e Construções Focalizadoras de V2 (CFV2, daqui em diante), ilustradas, respectivamente, em (3), (4) e (5).

(3) aí ela pegô(u) no outro dia **teve quermesse... aí/ tal ela foi lá conversá(r) com ele...** e falô(u) pra ele – “ah (inint.) como que cê é o que cê me mandô(u) (que num sei quê)” (IBORUNA/AC-16; NR: 163-166).

Em (3), a informante diz que em um dia, quando estava ocorrendo uma quermesse, uma pessoa *foi* até o lugar para conversar com outro alguém. Nesse caso, o verbo *ir*, seguido por um locativo, *lá*, e um verbo no infinitivo, *conversar*, representam uma CMCP, visto que podemos compreender que houve um movimento espacial orientado até um destino (quermesse), com a finalidade de realizar outra ação, a de *conversar com ele*.

Consoante Oréfica (2014, p. 8) a CMCP é um subtipo de construção de finalidade formada por um V1 de movimento orientado e um V2 em forma não finita, inexistindo, entre eles, elemento conectivo, parte essencial para a adverbial final prototípica, a qual instancia CMCP.

Os casos de CMCP analisados por Oréfica (2014) têm o *slot* de V1 preenchido pelos verbos de movimento orientado *chegar, descer, entrar, sair, subir, passar, voltar, vir* e *ir*. Nesse tipo de construção, embora não ocorra o conectivo *para* entre V1 e V2, como na oração adverbial final prototípica, na qual esse conectivo auxilia no deslocamento metafórico de finalidade, o que possibilita sustentar a leitura de finalidade é a construção formada por V1 e V2, sendo V1 obrigatoriamente um verbo de movimento orientado, o qual pressupõe um deslocamento de uma origem a uma meta e V2 um verbo em forma não finita. Assim, a trajetória, na CMCP, projeta-se no mundo das intenções. Isso é possível pela metaforização da trajetória, configurada pela metáfora “finalidades são destinos” (LAKOFF, 1992).

As CPP, como em (4), são construções em que percebemos que a semântica de movimento espacial dos verbos *ir* e *vir* foi metaforizada em um deslocamento temporal, marcando um movimento até o momento anterior à fala, o pretérito. Nesse caso, V1 e V2, por estarem mais integrados, sem a presença de um conectivo entre eles e com perda gradual da semântica de V1, marcam somente um evento, e a CPP é uma construção em concorrência com uma forma simples, como em *veio comentar* → *comentou*.

(4) Inf.: bom eu achei que tava BEM animado o pessoal... até depois **veio... comentá(r)** que... gostô::(u) bastan::te (IBORUNA/AC-18; NE: 29-35).

Em (4), o informante diz que uma festa foi bem animada e que, depois, o pessoal *veio comentar* que tinha gostado. Nesse caso, o verbo *ir* não pressupõe mais um movimento espacial, como ocorre com o sentido inicial desse verbo, em CMCP, por exemplo. Podemos notar que na CPP, em (4), a forma composta *veio comentar* indica que os comentários ocorreram anteriormente ao momento da fala.

Construções como em (4), partimos suscitaram o questionamento sobre a possibilidade de intercambiá-las por formas simples, à maneira do que ocorre com a perífrase verbal em concorrência com uma forma simples, no futuro. Por essa razão, desenvolvemos, ao longo do trabalho, análises detalhadas sobre essas construções, a fim de comprovar se são usos perifrásticos em tempo passado.

Em (5), a CFV2 demonstra que o falante optou pelo uso da forma composta com o objetivo de salientar a ação da construção. Nesse caso, a organização da informação por meio de uma construção com o verbo *ir* seguido de infinitivo, *foi inventar*, envolve um cálculo do falante acerca do conhecimento do locutor. Desse modo, ao estruturar a construção por meio de uma forma composta, o falante demonstra julgamentos sobre a ação de V2, influenciando a opinião do ouvinte sobre isso.

(5) e ela tinha dado um tapa na minha cabeça de mão fechada... aí eu peguei e falei assim – “aí já que **ela foi inventá(r)** né? inventa (e fala) direito né?... que num existe tapa de mão/ de mão fechada... (IBORUNA/AC-16; NE: 66-70).

Em (5), a informante está narrando um desentendimento ocorrido entre ela e outra menina e questiona sobre o que ela tinha inventado. Nesse caso, percebemos certo aborrecimento por parte da falante, a qual julga absurda uma informação anterior passada pela rival, de que ela tinha batido nesta. Isso se evidencia, inclusive, pelo uso da partícula *né*, buscando concordância com aquilo que é declarado.

A escolha da CFV2, nesse caso, não demonstra movimento espacial. Partimos do questionamento a respeito de a CFV2 marcar focalização da ação da construção.

O uso dos verbos *ir* e *vir* nessas diferentes construções suscita uma análise unificada na medida em que observamos, por um lado, semelhanças e, por outro, diferenças que devem ser consideradas na sua descrição.

Algumas construções formadas pelo verbo de movimento básico *ir* seguido de infinitivo já foram bastante discutidas (SANTOS, 1997; GIBBON, 2000; SILVA, 2003; MALVAR, 2003; OLIVEIRA, 2006) em trabalhos de cunho funcionalista sobre a gramaticalização do verbo *ir*, o qual, segundo a literatura, ocorre em tempo presente ou futuro, marcando deslocamento temporal futuro. A respeito do verbo *vir* nesse mesmo contexto, contudo, nada foi tratado, bem como sobre construções formadas pelo verbo *ir* no passado seguido de infinitivo, como na CPP.

Nosso trabalho tem como justificativa, portanto, o tratamento dessas construções ainda não ou pouco analisadas na língua. Selecionamos, descrevemos e analisamos as construções formadas pelos verbos de movimento *ir/vir* seguido de infinitivo no português brasileiro, considerando, para isso, aspectos sintáticos e semânticos.

Procuramos demonstrar que as construções formadas pelos verbos de movimento *ir/vir* seguido de infinitivo organizam-se em uma rede hierárquica (nos termos de TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013), sendo, a oração adverbial final, um esquema mais geral, abaixo do qual se aloca o subesquema da CMCP. Dentre as CMCP, existem extensões de microconstruções que se tornam ainda mais específicas e menos esquemáticas, como é o caso das CPP e das CFV2.

Nossas análises foram embasadas pelos pressupostos do Modelo Baseado no Uso, mais especificamente pela abordagem construcional defendida pela construcionalização. Nossa análise parte de dados coletados no *corpus Iboruna*, do Projeto ALIP e nossa metodologia de análise é quantitativa, por meio de verificações estatísticas utilizando o Excel.

Este trabalho foi dividido em quatro seções, além da introdução. Na seção de fundamentação teórica, após uma breve revisão sobre os processos de mudança linguística sob o viés funcionalista, dentre eles a gramaticalização, apresentamos os pressupostos teórico do Modelo Baseado no Uso, o qual serve de modelo teórico para esse trabalho, em especial pelos processos de mudança da construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Ademais, fizemos uma revisão sobre estrutura informacional, nos termos da pragmática, discorrendo a respeito dos mecanismos de focalização da língua portuguesa, bem como o uso de advérbios focalizadores (ILARI, 2002).

Na segunda seção, apresentamos as construções formadas com os verbos *ir/vir* seguidos de infinitivo, retomando as discussões acerca das construções de finalidade

(DIAS, 2001; TORRENT, 2009, ORÉFICE, 2014) e da perífrase temporal *ir*+infinitivo, visto que são pontos de partida das construções aqui estudadas.

Na seção de metodologia, apresentamos o *corpus* de busca das construções, a sistematização realizada pelo programa Excel e as variáveis eleitas para quantificação dos dados, *tipo semântico de V2; presença de material interveniente entre V1 e V2; animacidade do sujeito, locativos ligados à construção*.

Na seção de análise, delineamos os diferentes tipos de construções formadas por *ir/vir* seguidos infinitivo e ilustramos, no fim, a rede construcional hierárquica formada por essas construções, por meio das propriedades de esquematicidade, composicionalidade e produtividade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Por fim, apresentamos as considerações finais a respeito da rede de construções com *ir/vir* seguidos de infinitivo, bem como a relevância do trabalho, realizado de forma empírica, para o modelo da construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Introdução

Nesta seção, apresentamos correntes teóricas importantes à nossa tese, que fundamentam nossas hipóteses e dão suporte à análise dos processos de mudança sofridos pelas construções com os verbos *ir* e *vir* seguidos de infinitivos. do viés Funcionalista de vertente norte americana em interface com o Cognitivismo (CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995; 2006; FILLMORE, 1968), correntes que são basilares para o tratamento das mudanças gramaticais aqui proposto.

Primeiramente, buscando embasar análises sobre os princípios de mudança ocorridos com as CFV2, CMCP e CPP, apresentamos os pressupostos do funcionalismo (TRAUGOTT, 2008; BYBEE, 2010; GIVÓN, 1979, 1995), mais especificamente os ligados à gramaticalização (GIVON, 1971. HOPPER, TRAUGOTT, 2003; HEINE, 1993), apontando suas principais fases e descobertas, e os processos de mudanças elencados por autores que lançam mão dessa perspectiva, visto que alguns conceitos inerentes a esse processo foram importantes para nossas análises, como a noção de alteração semântica dos verbos em mudanças categoriais.

Reconhecemos a relação entre sistema linguístico e estrutura cognitiva do usuário, a partir de uma vinculação forte entre gramática e discurso e, lançando mão da interface sintaxe-semântica-pragmática, apresentamos, posteriormente, discussões acerca dos estudos com modelos baseados no uso, mais especificamente os princípios da abordagem construcional da mudança linguística, pautando-nos nas concepções de mudanças construcionais e construcionalização de Traugott e Trousdale (2013), as quais partem das noções de construção, rede, nós, *link* entre nós e os princípios de esquematicidade, produtividade, composicionalidade e níveis hierárquicos de mudança. Defendemos que a ampliação contextual, considerada pela construcionalização, envolvendo questões ligadas à pragmática, além da observação das mudanças por meio de relações de hierarquia entre construções relacionadas, são importantes às nossas análises, uma vez que, através de um recorte maior do contexto da construção, considerando, para tanto, o evento em que ela ocorre, podemos justificar as diferentes leituras habilitadas por construções semelhantes sintaticamente.

1.1 Funcionalismo

O termo *funcionalismo* ganhou enfoque na década de 70, quando os estudos linguísticos passaram a considerar modelos baseados no uso, levando em conta a língua

do ponto de vista do contexto linguístico e extralinguístico. A partir disso, a sintaxe passou a ser vista como uma estrutura que está inserida no discurso e em constante mudança.

Nichols (1984) afirma que gramática funcional estuda não somente as estruturas gramaticais da língua, como também a situação comunicativa em que elas ocorrem, considerando-se, para tanto, os participantes da fala e o próprio contexto de uso.

Ademais, o termo *função*, em estudos de cunho funcionalista, é polissêmico, fazendo referência ao sentido de finalidade discursiva e contexto de comunicação. Em vista disso, a linguística funcional estrutura-se a partir de análises de expressões linguísticas as quais são resultados de interações comunicativas.

O funcionalismo, refutando os princípios basilares do estruturalismo formal, por meio do tratamento dinâmico da língua, fundamenta-se na interface sintática-semântica-pragmática, o que se nota em Givón (1995), o qual apresenta um grupo de premissas básicas que caracterizam a visão funcionalista, afirmando que a linguagem é uma atividade sociocultural, com estruturas que servem a funções cognitivas e comunicativas. Além disso, a estrutura da língua, consoante Givón (1995), é não-arbitrária, motivada e icônica, opondo-se aos pressupostos do estruturalismo.

Desse modo, para Givón (1995), o sentido é contextualmente dependente, e as categorias não são discretas, sendo a estrutura maleável e dinâmica, negando o tratamento da língua de forma rígida. As gramáticas são emergentes e com limites categoriais difusos.

As mudanças linguísticas, a partir do funcionalismo, são analisadas com foco em aspectos semântico-pragmáticos de mudança, a partir dos princípios de gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; HEINE, 1993) os quais são elucidados na seção seguinte.

1.1.1 Gramaticalização

Segundo Givón (1971), para entender a estrutura da língua, conhecer, inicialmente, os primeiros estágios da mudança. Outros estudos passam a tratar as mudanças linguísticas a partir da proposta da gramaticalização, dentre eles Hopper e Traugott (2003), segundo os quais o termo *gramaticalização* se refere ao estudo de mudança linguística que se preocupa em como os itens lexicais e construções, determinados pelo contexto, passam a realizar funções gramaticais ou, ainda, em como itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais.

Heine (2003), por seu turno, ao afirmar que o processo de gramaticalização consiste na passagem de itens com significados mais concretos para itens mais abstratos, apresenta quatro mecanismos fundamentais para medir diferentes graus de gramaticalização, a saber: dessemantização, decategorização, erosão e extensão.

A dessemantização, também chamada de branqueamento ou desbotamento semântico (HOPPER; TRAUGOTT, 2003), consiste na perda gradual de conteúdo semântico, em que determinada noção se modifica a depender do contexto. Um exemplo do processo de desbotamento semântico ocorre com o verbo *go* em perífrase futura, na língua inglesa, o qual, segundo Sweetser (1988), ao ser utilizado em perífrase temporal, perde o sentido de movimento físico, ganhando, no entanto, um novo significado, que é o de finalidade.

O mesmo ocorre, na língua portuguesa, com a perífrase formada pelo verbo *ir* (em tempo presente ou futuro) seguido de infinitivo. Em (6), podemos perceber que existe um deslocamento espacial do falante, que tem como destino o cinema. Em (7), contudo, a perífrase *vou assistir* pode ser interpretada como uma ação futura, em que a construção, com o desbotamento semântico do verbo *ir*, metaforiza o movimento espacial em movimento temporal, indicando uma ação posterior ao momento da fala. Não se sabe, porém, se o verbo *ir* indica somente futuro ou se ele marca também movimento. Em (8), a noção de futuridade é ainda mais marcada, em oposição ao sentido inicial do verbo *ir*, pois não é possível inferir, nesse caso, leitura de movimento, como poderia ocorrer com a construção em (7). Em (8), podemos perceber que o verbo *ir* não tem o sentido inicial de movimento, como em (6), pelo fato de, seguido a ele, ocorrer o verbo *falar*. Interpretar a construção em (8) como um movimento prototípico, com deslocamento espacial, causa estranhamento, visto que não há necessidade de se movimentar para se pronunciar, para *falar*. Contudo, assistir um filme no cinema pressupõe deslocamento, como é o caso da ocorrência em (6).

(6) Vou ao cinema para assistir um filme.

(7) Vou assistir um filme → Assistirei um filme.

(8) Vou falar sobre o filme → Falarei sobre o filme.

Além do desbotamento semântico, outro mecanismo apresentado por Heine (2003) que afere o grau de gramaticalização de itens é o de decategorização, segundo o qual determinado item, ao se gramaticalizar, muda de categoria, passando de uma classe morfológica mais pesada e fonologicamente maior para uma categoria mais leve e menor, conforme o esquema proposto por Hopper e Traugott (2003):

“Categoria maior (> categoria intermediária) > categoria menor”.

(HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.107).

A decategorização foi exemplificada, por Hopper e Traugott (2003), com a gramaticalização da conjunção *while*, em (10), a qual, inicialmente, era utilizada como um nome indicando duração de tempo, em (9). Em (9), o termo *while* foi utilizado com a intenção de marcar a duração do tempo que o falante permaneceu em determinado lugar. Em (10), contudo, o termo muda de categoria, sendo utilizado como uma conjunção, cuja semântica determina delimitação temporal da ação de dormir, a qual ocorre simultaneamente a uma outra ação.

(9) Nós permanecemos lá por um tempo¹.

(10) Enquanto nós estávamos dormindo² (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.107).

A decategorização pode também ser explicada com a perífrase temporal futura, com o verbo *ir*, uma vez que este foi gramaticalizado, mudando da categoria de verbo pleno, em (6), para a de verbo auxiliar em perífrase temporal, em (8). A decategorização das formas tem como efeito a ocorrência de novas construções, sendo forte evidência de que a língua está constantemente se modificando. Com relação à decategorização do verbo *ir*, de pleno, em (6), para auxiliar, em (8), percebemos que semântica inicial de movimento espacial desse verbo foi se perdendo, metaforizando-se em um novo sentido, no eixo temporal. Isso faz com que as construções sejam reconhecidas como semelhantes, mas, ao mesmo tempo, com especificidades suficientes para diferenciá-las.

Com relação ao mecanismo de erosão, Heine (2003) afirma que ela ocorre quando, em gramaticalização, um termo perde parte de seu conteúdo fonético, reduzindo-se. Em

¹ *We stayed there for a while.*

² *While we were sleeping.*

(11), mostramos um caso de erosão na língua Swahili, da família Niger-Congo, Bantu, descrito por Heine (2003, p. 580). Trata-se de um verbo de volição usado para marcação de futuro. Em (11a), há um uso lexical do verbo *taka* (que significa *querer*). Em (11b), trouxemos esse verbo como marcador de futuro, já com a forma reduzida, *-ta*.

(11a) *a- taka ku- ja*
 C1:PRES *-want* INF *-come*
 He wants to come
 Ele quer vir.

(11b) *a- ta- ku- ja*
 C1- FUT INF *come*
 He will come.
 Ele virá.

Em casos como em (11), segundo Heine (2003), esse verbo, comumente usado com referência a sujeitos humanos, foi usado com sujeitos inanimados, sofrendo, também, o processo de extensão para outros usos. Além disso, houve categorização, visto que um termo passou de verbo principal para marcador de futuro.

Além dos mecanismos apresentados por Heine (2003) para se medir gramaticalização dos termos da língua, dois outros princípios atuantes na gramaticalização são importantes para este trabalho, a analogia e a reanálise, visto que por meio delas podemos acompanhar a trajetória de um termo até que ele se modifique ao ponto de ser usado em outras funções.

A reanálise é entendida como um processo que envolve alteração na fronteira dos constituintes. Ela é percebida no último estágio de mudança, sendo um processo silencioso e que não envolve modificação imediata. As construções em (6), (7) e (8), aqui retomadas em (12), (13) e (14) são um exemplo desse processo. Em (12), podemos compreender que existe o movimento até o cinema com a finalidade de assistir ao filme. Em (13), ocorre uma situação de ambiguidade, em que o verbo *ir* pode ser compreendido tanto como um verbo pleno, de movimento, quanto como um verbo auxiliar. Em (14), contudo, uma vez reanalisada, a construção dificilmente marcaria um movimento com a finalidade de falar sobre algo.

A analogia é a mudança gerada a partir da aproximação entre os elementos. Assim, novas formas vão sendo atraídas para construções já em uso. Um exemplo do processo de analogia pode ser descrito a partir da construção perifrástica futura, em (14):

(12) Vou ao cinema para assistir um filme.

(13) Vou assistir um filme → Assistirei um filme.

(14) Vou falar sobre o filme → Falarei sobre o filme.

Em (13), a construção perifrástica *vou assistir* permite, por analogia, que outros verbos vão sendo usados no lugar do verbo *assistir*, como *vou falar*, *vou gostar*, formas perifrásticas em concorrência com formas simples, *falarei* e *gostarei*. A analogia fortalece a constatação de a construção com o verbo *ir* está altamente gramaticalizada em um marcador temporal, perdendo parte do conteúdo de movimento e deslocamento espacial.

O processo de gramaticalização consiste, portanto, em mudança gramatical das construções de forma gradual, e a investigação de mudanças linguísticas por meio dela ocorre abordando um processo unidirecional, a partir da relação de *forma* > *função*. Segundo o princípio da unidirecionalidade, os itens (lexicais ou menos gramaticais), por meio de um *continuum*, modificam-se para itens gramaticais ou mais gramaticais. Por meio da gramaticalização, portanto, as formas resultantes são mais abstratas, reduzidas e generalizadas.

Percebemos que a gramaticalização trata da derivação categorial com abstratização de formas. Ainda que haja referência à importância de aspectos contextuais ligados à mudança, os estudos por meio do processo de gramaticalização não revelam muita preocupação com relação ao levantamento e controle de propriedades do contexto em que determinado item é utilizado ou a influência desse contexto na construção.

A partir do início do século XXI, alguns questionamentos são levantados com relação aos estudos de mudanças linguísticas, sobretudo com relação ao contexto em que os itens se inserem e a influência do discurso sobre as expressões linguísticas. A construção, nos termos da Gramática de Construções (GC) (GOLDBERG, 1995, 2006) torna-se foco das análises de mudança linguística e o enfoque no contexto em que o item ocorre passa a ser preocupação dos estudos de cunho funcionalista, os quais recorrem ao

cognitivismo para elaborar o que hoje é denominado de Modelo Baseado no Uso, descrito na seção seguinte.

1.1.2 Modelos baseados no Uso

Conforme discutido na seção 1.1.1.1, as análises de mudança linguística, por meio da gramaticalização, preocupavam-se, de forma unilateral, em controlar alterações ocorridas em termos formais ou funcionais, não se atentando à observação do contexto em que determinado item se inseria e à importância dele para a mudança. Com o passar do tempo, os estudos sobre mudança via gramaticalização passaram a investigar itens mais complexos, inclusive oracionais. Somado a isso, adotou-se uma abordagem holística do uso da língua, além da noção de construção advinda dos trabalhos cognitivistas. Desse modo, passa-se a considerar a mudança linguística por meio da gramaticalização das construções.

A construção, cuja definição já havia aparecido em Lehmann (1992), Hopper e Traugott (1993) e Bybee (1994), foi adotada como objeto de estudo de trabalhos desenvolvidos em Linguística Cognitiva, pela Gramática de Construções, como em Croft (2001) e Goldberg (1995, 2006).

Desse modo, para Bybee (2003a), a gramaticalização representa a criação de uma nova construção. Por meio dessa afirmação, a autora já antecipa o que vem a ser uma das concepções elementares dos estudos construcionais do modelo de construcionalização, que ressalta a importância de se adotar, em análises linguísticas funcionais, a noção de contexto.

Bybee (2003b) afirma, ainda, que o processo de gramaticalização controla a frequência de uso de uma construção e, por essa razão, a autora define a gramaticalização como um processo em que estruturas se tornam automatizadas ao serem usadas com frequência.

Ao considerarmos a frequência de uso em processos de mudança, é necessário diferenciar os dois tipos ocorridos em uma língua: frequência *type* e *token*, visto que esta auxilia na alteração semântica da construção e aquela, na extensibilidade da construção a outros usos. A frequência *token* diz respeito ao número de ocorrências de um termo em um texto. Já a frequência *type* é número de diferentes expressões que são apresentadas por um padrão particular.

Segundo Bybee (2003a), a repetição tem como consequência as propriedades do processo de gramaticalização. A frequência do uso auxilia na alteração semântica, uma

vez que um item, ao ser utilizado de forma habitual em um contexto, não corresponde no mesmo nível a um estímulo. Além disso, as reduções e fusões de construções, estruturas foco da gramaticalização, são resultado da alta frequência de uso, o que permite maior autonomia às construções. Consequentemente, a perda da transparência semântica da construção em processo de mudança amplia o seu contexto de uso, o que permite associações pragmáticas com outras estruturas.

A ampliação do objeto de pesquisa, incorporando, para tanto, a dimensão contextual, prevê que a mudança linguística consiste na derivação de processos cognitivos gerais, os quais são produtos da experiência habitual, por meio da rotinização motivada na própria linguagem. Assim, os itens não ocorrem ou são produzidos isoladamente, mas através de interações com outras propriedades contextuais nas quais eles se inserem. Nesse sentido, considerar a gramática por meio de uma estrutura holística, com estruturas não individuais, torna-se essencial, o que evidencia a o tratamento da mudança gramatical por meio do evento de fala, pela experiência do usuário.

Desse modo, a mudança tem motivação na experiência cotidiana, pautada em processos cognitivos de domínio geral, com instanciações de maior abstratização e não somente os *tokens* comprovados de forma empírica.

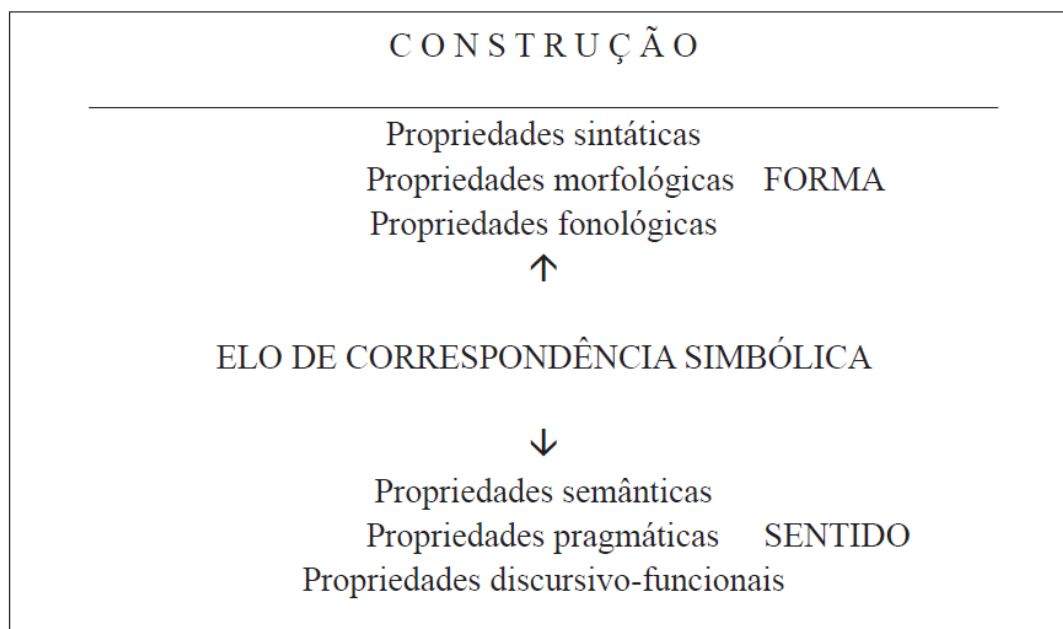
Da gama de estudos cognitivistas, os estudos funcionalistas atuais dialogam com pesquisas que estejam preocupadas em analisar construções gramaticais (CROFT, 2001; CROFT; CRUZE, 2004; GOLDBERG, 1995; 2006), entre outros. Ao afirmar que a língua se modifica na experiência cognitiva, por meio de processos de domínio geral, o cognitivismo passa a considerar os usos dentro de um contexto de produção, da mesma forma como fazem os estudos de cunho funcionalista.

Ao unir os estudos cognitivistas ao funcionalismo, as pesquisas passam a analisar a *construção gramatical*, o que é definido por Goldberg (1995; 2006), como pareamento entre forma e sentido. Por meio do viés construcional, a análise recai na instanciação do esquema e não mais em itens isolados, como se abordava nos estudos de gramaticalização. Assim, segundo Croft (2001) a construção é uma unidade gramatical e a língua se modifica constantemente, com um conjunto de construções, as quais se ligam por meio de uma rede hierárquica, com propriedades fonológicas, morfológicas semânticas e pragmáticas interligadas.

Essa correspondência sintático-semântica da construção foi ilustrada por Croft (2001, p.18) (quadro 1). De acordo com Croft (2001), a construção é formada por

propriedades relacionadas em dois eixos, o da forma e o do sentido, sem se priorizar nenhum dos dois, uma vez que o foco se dá no vínculo formado por ambos.

Quadro 1: Modelo de estrutura simbólica da construção radical



Fonte: Croft (2001, p.18).

A proposta de Croft (2001) traz um novo olhar às análises, uma vez que as seis propriedades, ao serem identificadas para a descrição das construções, convergem em unidades convencionalizadas, que são as próprias construções. Traugott e Trousdale (2013), ao considerarem as seis propriedades supracitadas, descrevem a mudança gramatical como a abstração das relações entre pares de forma-sentido, por meio da multidirecionalidade de mudança linguística, via relações entre forma-sentido, opondo-se ao tratamento unidirecional antes adotado pelo funcionalismo tradicional.

Além disso, a correlação unidirecional função > forma, na qual ocorria o privilégio de uma sobre a outra, passa a ser figurada pelo binômio função < > forma, uma vez que se admite que ambas as partes têm envolvimento.

Ao adotarmos abordagem holística, ampliando o contexto e defendendo um elo simbólico entre forma e função, utilizamos as propriedades defendidas pelo Modelo baseado no Uso, conforme descritas em Bybee (2010).

Ademais, a abordagem construcional, ao adotar, por meio uma metáfora, a noção de rede, considera, para tanto, processos de expansão dessas, extinguindo-se elos, por meio da obsolescência.

Os estudos embasados pelo Modelo Baseado no Uso, associando a abordagem funcionalista a estudos cognitivistas, lançam mão de propriedades como organização conceptual, categorização, processamento linguístico ligado à experiência humana através de padrões sociointeracionais e culturais do uso da língua em contexto e habilidades cognitivas.

Dentre as propriedades cognitivistas abordadas pelo Modelo Baseado no Uso, a categorização, cujos estudos remontam ao período clássico aristotélico, ainda na contemporaneidade gera discussões. Para os estudos de mudança linguística, o tratamento categorial de forma mais aberta se mostra importante para explicar o surgimento de novas categorias ou a eleição de novos membros para as categorias. Por essa razão, retomamos, na próxima seção, embasamentos a respeito da categorização, com o intuito de demonstrar os principais estudos a respeito do tema, principalmente no que diz respeito à mudança categorial.

1.1.3 Categorização

Os primeiros estudos a respeito de categorização, realizados por Aristóteles, defendiam que a noção de categorização determinava que um item, para ser considerado membro de uma determinada categoria, deveria contar com todas as propriedades comuns a essa categoria. Os traços necessários aos membros dela eram considerados binários, uma vez que uma entidade só poderia apresentar um ou outro traço. Taylor (1995, p. 24), por seu turno, propõe graus de filiação, os denominados *membership*.

Wittgenstein (1953 *apud* Lakoff, 1987), utilizando uma perspectiva epistemológica e tendo como objeto de estudo a categoria *jogo*, determina que as categorias gramaticais se aproximam, a exemplo da semelhança entre membros de uma família: seja por compartilhamento do mesmo tronco, de características físicas, cor de cabelo, jeito, temperamento, entre outros. Contudo, ainda que os membros da família compartilhem propriedades, não existe a obrigatoriedade de haver uma única coleção de propriedades compartilhadas por todos. Assim, segundo Lakoff (1987), os membros de uma categoria podem estar ligados sem que tenham alguma propriedade comum que os defina como membros.

A abordagem categorial por meio da semelhança de família abarca as noções de gradiência e centralidade. Alocados na centralidade, estão os membros mais representativos da categoria em comparação a outros membros. A gradiência, por seu

turno, admite que os membros localizados nas fronteiras de categoria são considerados mais ou menos centrais, de forma gradiente.

Com relação à categoria jogo, Wittgenstein, (*apud* Lakoff, 1987, p. 16), percebeu que ela não possuía fronteira fixa, estendendo-se, de forma gradiente, a novos jogos, que vão sendo introduzidos como membros semelhantes a jogos prévios, a exemplo do que ocorreu com a criação do videogame, nas décadas de 70.

Labov (1973 *apud* Taylor, 1995) comprovou, de forma empírica, as hipóteses de Wittgenstein (1953), ao estudar categorização dos recipientes domésticos (canecas, copos, tigelas e vasos). O autor desenhou os utensílios em diversos tamanhos e fez questionamentos acerca da denominação dos objetos às pessoas. A figura com uma área circular afunilada no fundo foi denominada xícara. Um desenho semelhante, com largura e profundidade maiores, foi reconhecido como tigela. Ao mesmo tempo, ele solicitou que as pessoas imaginassem os recipientes completos com algum produto. Desse modo, a categorização também foi variável (com café, eram *xícaras*, com batatas, *bacia*). Ao se aumentar a profundidade, o membro xícara se tornava um vaso. O autor percebeu que não existe uma divisão clara entre os membros dessa categoria, uma vez que, ao se levantar os padrões específicos de cada uma delas, eles se fundem e fica impossível estabelecer um limite.

Berlin e Kay (1969 *apud* LAKOFF, 1987) discutem os processos de categorização por meio do estudo das cores básicas, uma vez que, segundo os autores, o *continuum* de terminologia das cores é dividido de maneira diversa em diferentes línguas, sendo que as categorias não podem ter um fundamento objetivo e com fronteiras nítidas e bem definidas. Para Berlin e Kay (1969 *apud* LAKOFF, 1987), ainda que haja uma grande variedade de terminologia das cores, existe um inventário com onze cores focais. A noção de *continuum* de cores se constitui por meio da identificação de entidades focais (as quais são mais centrais). Assim, cada cor tem uma unidade central e membros mais periféricos, com diferentes *status* entre os membros da categoria.

Rosch (1978) propõe a **Teoria dos Protótipos**, segundo a qual as categorias não são estruturas bem delimitadas e homogêneas. A partir da categorização por meio da noção de atributos mais centrais (prototípicos) do que outros, Labov (1973 *apud* TAYLOR, 1995), Rosch (1978), posteriormente retomados por Taylor (1995) afirmam que as categorias possuem uma estrutura mais prototípica, um “melhor exemplo”, o qual é evocado primeiramente por um falante ao ser questionado sobre a definição de determinado termo. Em torno dos protótipos, os demais termos se organizam.

O protótipo, por seu turno, é o membro com maior número de atributos, o centro cognitivo exemplar. As entidades são ordenadas, incluídas e excluídas dessas categorias, o que caracteriza os efeitos de protótipo (*Prototype effects*) (LAKOFF, 1987; TAYLOR, 1995).

Segundo a teoria dos protótipos, ainda, as estruturas de atributos são graduáveis e os limites entre as categorias, difusos (*fuzzy categories*, TAYLOR, 1995). O tratamento dos limites entre as categorias de forma difusa explica a diversidade de atributos dos membros da categoria e, ainda, as relações de mudança categorial. Assim, visto que as categorias, por possuírem limites difusos, com membros sendo incluídos e excluídos com o passar do tempo, elas tendem a se fundir, o que impossibilita o estabelecimento unânime e homogêneo dos membros que pertencem a uma categoria.

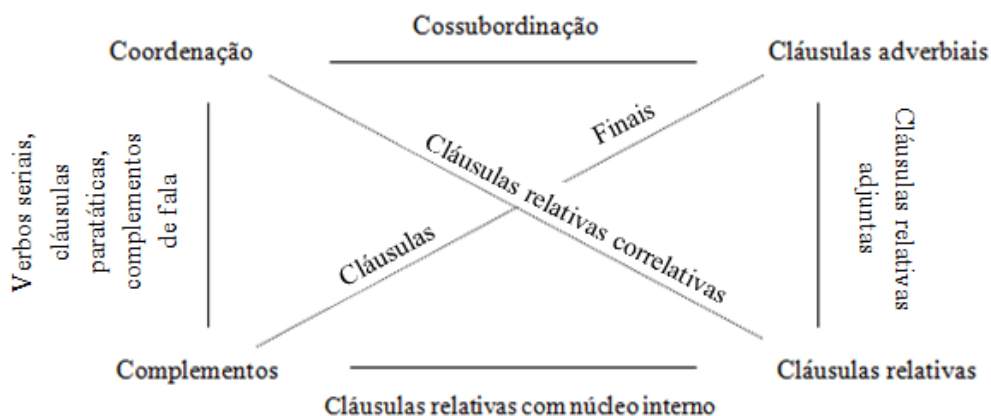
Com relação à categorização gramatical, portanto, Lakoff (1987, p.58) afirma que ela deve ocorrer, como as demais categorias do nosso sistema conceitual, a partir da teoria dos protótipos. O autor afirma que a maioria dos estudos linguísticos de categorização têm demonstrado assimetrias e gradações, o que se distancia da determinação de um *melhor exemplo*. Segundo Taylor (1995), o termo *marcação* é uma demonstração disso, uma vez que representa assimetrias nas categorias linguísticas, por meio da classificação de estruturas que possuem *marca* em oposição às *não-marcadas*.

A título de exemplificação do tratamento não clássico de categorização linguística, mostramos, a seguir, estudos sobre a integração de cláusulas complexas, no português. A gramática tradicional reconhece, de forma binária, dois tipos de orações: coordenadas ou subordinadas. Croft (2001) sistematiza a classificação de predicação complexa por meio de parâmetros de orações, as quais são divididas em *balanceadas* (possuem a mesma forma verbal das orações principais) e *degradadas* (orações complexas que contêm formas verbais não apresentadas nas orações independentes, sendo que são eliminadas as marcas de tempo, modo, aspecto, e dos marcadores de concordância que aparecem nas orações simples).

O autor apresenta, a partir disso, um *continuum* (figura 1) de integração de cláusulas, o qual prevê estruturas intermediárias entre as orações definidas pela gramática tradicional. Assim, existem orações que não se encaixam em nenhuma das categorias pré-definidas pela gramática tradicional e, por essa razão, a abordagem por meio de um *continuum* se torna mais adequado. De acordo com o *continuum* de integração de cláusulas complexas, proposto por Croft (2001), as orações subdividem-se em categorias mais discretas, partindo das coordenadas até as orações completivas. Entre as

coordenadas e as cláusulas adverbiais, encontram-se as orações cossubordinadas. Intermediando as adverbiais e as relativas, estão as relativas adjuntas. Entre as relativas e as completivas se encontram as cláusulas relativas com núcleo interno. A cláusulas finais, por seu trunco, estão entrecruzadas entre as cláusulas completivas e as adverbiais.

Figura 1: O *continuum* do tipo de sentença complexa



Fonte: Croft (2001, p.322)

Podemos concluir, a respeito do exposto com relação à categorização, que as categorias se organizam baseadas em capacidades cognitivas, e não de modo arbitrário. Elas ocorrem por meio da representação de protótipos salientes e centrais em relação a outros membros. Além disso, as fronteiras categoriais não são definidas de modo rígido, uma vez que ocorrem intersecções categoriais e estruturas que se encontram em meio às fronteiras. Portanto, em uma categoria, existem termos mais centrais, os prototópicos, e membros mais periféricos.

Os estudos embasados pelos Modelos Baseados no Uso adotam esse modelo ao analisar os diferentes tipos de construções, elencando-se, dentre elas, construções mais e menos prototípicas dentro de um esquema, admitindo, também, que existem padrões intermediários.

Assim, levando-se em conta aspectos cognitivistas unidos ao funcionalismo, analisa os padrões de mudança via *construcionalização*, por meio da qual a relação entre construções está estruturada em uma rede, sendo que, da oração adverbial final, prototípica de finalidade, outras construções vão sendo criadas para suprir lacunas discursivas do falante. Pensando nisso, apresentamos, na próxima seção, essas noções defendidas pela abordagem construcional.

1.1.4 Construcionalização

A partir de uma abordagem funcionalista contemporânea da língua, por meio dos Modelos Baseado nos Usos, com a ampliação das análises de mudanças linguísticas, abarcando, para isso, a dimensão contextual, pretendemos, nesta seção, apresentar as propriedades fundamentais do processo de construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Ao realizarmos estudos linguísticos embasados pela abordagem construcional da língua, percebemos várias nuances de mudança nas construções. Essas mudanças representam modificações nas propriedades de uma construção existente, sejam elas mudanças sintáticas, fonéticas, morfológicas, pragmáticas, discursivas ou semânticas, as quais recaem sobre toda a construção.

As mudanças em construções podem ocorrer de forma a não gerar uma nova entidade, por meio da mudança construcional, ou a apresentar, como resultado, uma nova construção, por meio da construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

A mudança construcional pode ser exemplificada por meio da forma *will*, no inglês. O primeiro uso de *will* refere-se ao sentido de *querer, pretender*. Por meio de uma alteração semântica, esse termo passou a marcar futuro. A partir da mudança sintática, *will* passou a possuir restrições com relação à posição, uma vez que alterou seu estatuto de verbo pleno para verbo auxiliar. A alteração morfofonológica, por seu turno, ocorreu por meio da redução da forma *will* para *'ll*, a qual se aglutina a pronomes pessoais ao marcar futuro (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013).

Segundo os autores, a construcionalização consiste em um “novo pareamento *forma nova – função nova*” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.1)

A figura 2 representa os diferentes estágios de mudança abarcados pela construcionalização, sendo PreCxzn CCs as mudanças construcionais, pré-construcionalização, e PostCxzn CCS as mudanças pós-construcionalização.

Figura 2: Mudanças envolvidas na construcionalização

PreCxzn CCs



Cxzn



PostCxzn CCS

Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p.28)

Ao estudar mudanças construcionais da língua, os estudos pautados nos Modelos Baseados no Uso baseiam-se na proposta da GC. Contudo, a definição defendida pela GC, sobretudo por Goldberg (1995; 2006), de que a construção é “um pareamento entre forma e sentido” dá lugar ao que se denomina como um pareamento entre forma e função, definição doravante adotada. Isso se justifica pela equidade entre os dois componentes desse pareamento e por se considerar as análises linguísticas construcionais lançando mão de uma extensão do objeto incluindo o contexto.

Além disso, ainda que a gramaticalização de construções tenha ampliado os estudos linguísticos construcionais, é através dos estudos mais recentes, dentre eles Traugott e Trousdale (2013), que se percebe o tratamento sistemático das mudanças construcionais. Ao se afastar da noção de unidirecionalidade na mudança construcional, Traugott e Trousdale (2013) propõem a ampliação do eixo da dimensão da forma, igualando-a ao eixo da função. A partir disso, os autores simbolizam, através da figura 3, a construção, sendo que F representa a forma (em inglês, *form*), englobando as noções de sintaxe, morfologia e fonologia e M, função (em inglês, *meaning*), que se refere ao discurso, à semântica e à pragmática. A seta, com dupla orientação, especifica a ligação entre essas duas faces da construção, e os colchetes externos indicam que o pareamento é uma unidade convencionalizada. A noção de discurso é entendida pelos autores de acordo com o que Croft (2001) chama de “função discursiva”, ou seja, ao papel que uma construção desempenha dentro de um discurso.

Figura 3: Representação da construção

[[F] ↔ [M]]

Fonte: Traugott e Trousdale, (2013, p.8).

Os autores, baseando-se na proposta da *Radical Construction Grammar*, de Croft (2001, 2005, 2013), afirmam que as construções não são instanciadas de forma isolada, mas que se organizam, seja no nível da gramática ou do léxico, em redes taxonômicas hierarquicamente organizadas em nós, sendo que cada construção simboliza um nó específico.

Buscando fornecer embasamento para a definição de um modelo que abranja o tratamento das construções organizadas em rede hierárquica, os autores advogam acerca de três propriedades que ocorrem simultaneamente, a saber: esquematicidade, produtividade e composicionalidade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.13-20).

A esquematicidade é “uma propriedade de categorização a qual envolve abstração”, sendo que “(...) um esquema é a generalização taxonômica de categorias” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.13). No que tange essa propriedade, há uma relação de extensão de características de padrões mais gerais para uma série de padrões mais específicos, sendo que a categoria de *nome* é mais abstrata e geral do que a categoria *nome contável*, por exemplo.

Os esquemas são grupos abstratos de construções que são inconscientemente percebidas pelo falante e diretamente relacionadas a outras construções dentro de uma rede construcional. Os graus de esquematicidade são responsáveis por classificar os níveis de generalidade ou especificidade dessas construções.

Com relação à esquematicidade das construções, elas delimitam-se a quatro diferentes níveis, sendo eles o *construto*, a *microconstrução*, o *subsquema* e o *esquema*. Esse tratamento, que ocorre de forma hierárquica, é crucial para que compreendamos as relações entre os tipos de construções com os verbos *ir* e *vir* aqui selecionados, bem como o estágio de esquematicidade em que se encontram. Desse modo, apresentamos, a seguir, reflexões a respeito de cada nível esquemático descrito acima para embasar nossas análises.

Os construtos são o *locus* da mudança, ou seja, relacionam-se às ocorrências das construções e, por essa razão, possuem carga pragmática. É nesse ponto que se inicia a mudança construcional e, por ela ocorrer no discurso, habilita uma nova categorização.

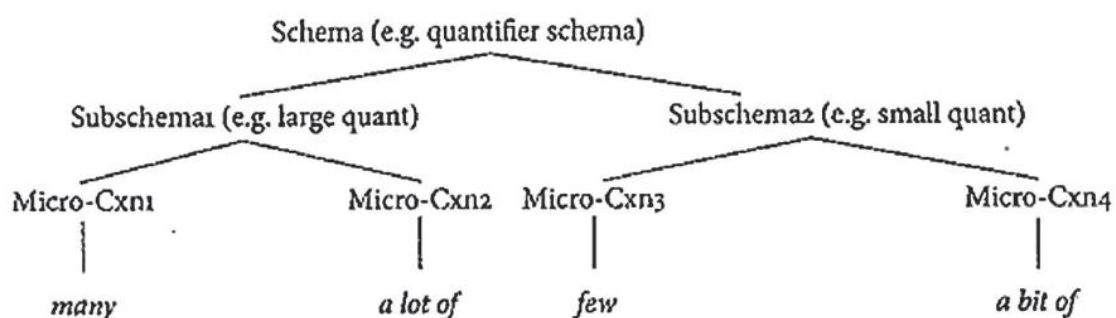
As microconstruções são as próprias construções, que, instanciadas no uso pelos construtos, já foram convencionalizadas na língua (considerando-se, para construção, a definição de pareamento de forma e função).

Os subesquemas são as relações de semelhança e particularidades que se estabelecem entre diferentes microconstruções. Eles instanciam os esquemas linguísticos.

E os esquemas, por sua vez, são os grupos de construções mais genéricas da rede hierárquica. Os esquemas são “abstrações de conjuntos de construções que são (inconscientemente) percebidos pelos usuários da língua como proximamente relacionados numa rede construcional” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 14).

Traugott e Trousdale ilustram essa propriedade por meio da construção quantificadora do inglês, na figura 4:

Figura 4: Hierarquia construcional



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p.17).

A figura mostra o esquema representando os quantificadores como o nível mais alto da hierarquia, seguidos por dois subesquemas (os quantificadores de grande quantidade e os de pequena). Abaixo deles, estão as microconstruções 1, 2, 3, e 4, habilitadas pelos construtos *many*, *a lot of*, *few* e *a bit of*.

Os níveis esquemáticos devem ser pensados por meio da noção de *continuum* porque existem construções esquemáticas e abstratas e construções pouco esquemáticas, por exemplo, os verbos intransitivos são mais específicos do que as demais categorias dos verbos. Os adjetivos são mais específicos e menos gerais do que os nomes. Goldberg (2006, p.98) afirma que o conhecimento dos falantes não se limita a itens específicos da língua, pois o conhecimento esquemático também está associado à cognição humana. Por exemplo, a frase *Eu comi um bolo* está em nível mais geral e esquemático da construção Suj V Obj e, a partir desse esquema, essa frase e outras se formam, mantendo-se a semântica outorgada pelo esquema.

A propriedade produtividade também se embasa na noção de gradiência com esquemas parciais e suas extensões, através de sanções de construções menos

esquemáticas e do grau em que tais esquemas são restringidos. Essa propriedade dialoga com as definições de frequências *type* e *token* (BYBEE, 2003). Em abordagem construcional hierárquica, segundo Traugott e Trousdale (2013, p.18) essas medidas são usadas da seguinte maneira: a frequência *type* mede a produtividade de construções e frequência *token*, a produtividade do construto.

A criação de novas construções, segundo essa propriedade, ocorre majoritariamente por meio da mudança e embasando-se nas formas produtivas da construção-fonte. Um exemplo disso é a adoção de novos verbos, no inglês, que têm o passado formado pelo método mais produtivo e “regular”, que seria a aglutinação do afixo (como em *Skype*, fazer uma chamada via internet, que se torna *skyped*, e não *skope*, como em *write* – *wrote*).

Essa propriedade é muito importante para o nosso trabalho, uma vez que apresentamos evidências de que, dentro de um rol de construções que marcam finalidade, as formadas pelos verbos *ir/vir*, mais produtivas do que as outras, têm licenciado diferentes leituras de novas construções.

Os trabalhos de cunho construcional também levam em conta a propriedade da composicionalidade, como mostrado nas construções em (15) e (16). Ela preocupa-se com o nível de transparência da ligação entre forma e função. Dentro da abordagem construcional, a composicionalidade subdivide-se em dois tipos: composicionalidade semântica (referindo-se à soma dos significados das partes, sendo uma construção mais composicional quando é possível se recuperar o significado das partes no significado do todo); e composicionalidade sintática (segundo a qual se observa o nível de integridade morfossintática das partes); desse modo, uma construção é mais composicional quando as subpartes recuperam o sentido da categoria de origem.

(15) **Se** você está atrasado, você não será atendido.³

(16) **Se** você é Betty Ford agora, você está provavelmente pensando, você sabe, eu espero que todos estejam ok.⁴

³ *If you're late, you won't be served.* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.19)

⁴ *[I]f you're Betty Ford right now, you're probably thinking, you know, I hope everybody's OK* (KAY; MICHAELIS, 2012, p 2272)

Apesar de o falante aprender construções composicionais, ele também reconhece que estruturas semelhantes devem ser tratadas de forma diferente. Em (16), a construção é considerada não-composicional semântica e sintaticamente, pois não transmite uma condicional, como ocorre em (15), com partícula condicional *if*, mas sim uma observação sobre Betty Ford e pessoas que são como ela. Não há, em (16), recuperação do sentido do *if* na construção com o sentido de origem, como em (15).

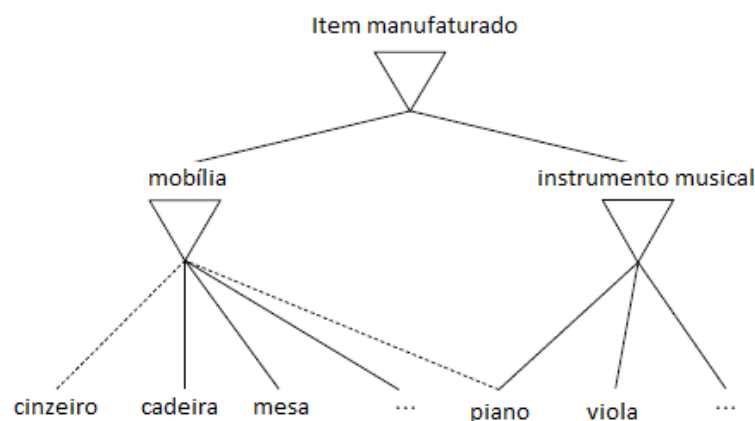
O tratamento da mudança gramatical de um viés construcional aponta nível reduzido de composicionalidade, seja ela sintática ou semântica, uma vez que o sentido das subpartes e a formação morfossintática se tornam mais opacos.

A partir dessas propriedades, compreende-se a noção de rede taxonômica hierárquica, a qual se baseia na metáfora de rede para analisar o tratamento da emergência de novas construções. Alguns trabalhos cognitivistas (LAKOFF, 1987; BRUGMANN; LAKOFF, 1988) reportam-se a essa noção para analisar aspectos do pensamento, focando-se em semântica e léxico.

Goldberg (2006, p.219) afirma que “a totalidade do nosso pensamento de linguagem é capturada por uma rede de construções”⁵. Croft (2007, p. 463) identifica, dentro da abordagem construcional da língua, a noção de que uma construção é um par de estrutura e significados complexos e que a associação desse pareamento se dá através de uma rede.

Traugott e Trousdale (2013, p. 9) ilustram o conceito de rede através da rede conceptual simples, mostrada na figura 5, por meio da qual se observa que o conceito de “mobiliário” é mais abstrato e inclusivo do que “cadeira”, a qual, por sua vez, é mais abstrata do que o de “poltrona”.

⁵ “(...) *the totality of our knowledge of language is captured by a network of constructions*” (GOLDBERG, 2003, p. 219)

Figura 5: Representação de uma pequena rede conceitual

Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p.9).

Nesta imagem, a base do triângulo representa a categoria superior e abaixo está uma subcategoria. A linha ininterrupta representa forte associação entre uma categoria mais instanciada e uma mais geral. O esquema *item manufaturado* liga-se a dois subesquemas, *mobília* e *instrumento musical*. As microconstruções *cadeira* e *mesa* têm linhas ininterruptas ligando-as ao subesquema *mobília* por serem membros centrais dessa categoria. *Cinzeiro* por sua vez, apesar de compartilhar algumas propriedades com membros mais centrais dessa categoria, não é um bom exemplar de *mobília*, por ser facilmente transportado e, além disso, um objeto menor, o que nos remete à noção cognitivista de prototípicidade. A microconstrução *piano* possui relação de herança múltipla, pois, ao mesmo tempo que se associa ao subesquema de instrumento musical, é usado muitas vezes como móvel, estabelecendo relação de herança com o subesquema *mobília*.

Hudson (2007, p.1-2) afirma que “qualquer sistema de entidades interconectadas é uma rede de significados normais do cotidiano⁶” e, ainda, que i) “A linguagem é um sistema de elementos interconectados” e ii) “A linguagem é conceptual no sentido de que está ‘na mente’, mesmo que haja também um sentido em que ela está ‘na sociedade’⁷”. Traugott e Trousdale (2013) postulam, baseando-se em Hudson (2007), que, dentro de uma abordagem construcional, novos *nós* vão continuamente sendo estabelecidos, e os valores, sendo criados em fluxos.

⁶ “Any system of interconnected entities is a network under the normal everyday meaning of this word” (HUDSON, 2007, p.1)

⁷ “Language is a system of interconnected elements” e “Language is conceptual in the sense that it is ‘in the mind’, even if there is also a sense in which it is ‘in Society’” (HUDSON, 2007, p.2)

A concepção de rede, para os estudos e abordagem construcional recentes, permite, ao contrário do que propunham estudos tradicionais de abordagem funcionalista, por meio da gramaticalização, descrever a estrutura completa da linguagem, e não somente uma parte, uma vez que, segundo Hudson, “tudo na linguagem pode ser descrito formalmente por meio de nós e suas relações” (HUDSON, 2007, p.2). Assim, não somente se distingue léxico de gramática, mas se estabelecem limites entre pragmática, semântica, sintaxe, fonologia e morfologia.

1.2 FOCALIZAÇÃO

Nesta seção discorreremos a respeito das estratégias de focalização da língua, por meio de aspectos sintáticos e semânticos integrados à pragmática, visto que encontramos construções, como as CFV2, as quais marcam focalização da ação de V2 por meio da estrutura de uma forma composta. Apresentamos, primeiramente, discussões sobre a noção de *discurso* aqui adotada, a qual considera, em análises linguísticas, além de propriedades sintáticas e semânticas, a pragmática do ouvinte e do falante, além do contexto de ocorrência da comunicação.

Em seguida, apresentamos alguns parâmetros de focalização por meio de advérbios focalizadores (ILARI, 1990, 2002), os quais são foram importantes na identificação das propriedades da CFV2, a qual, ao marcar focalização por parte do falante, utiliza os mecanismos supracitados.

Segundo a abordagem funcionalista da língua, o sistema linguístico representa um instrumento por meio do qual os seres humanos estabelecem interação social, comunicando-se e influenciando as atividades mentais.

Por meio dessa reflexão, o termo *discurso* é aqui adotado como a representação de um valor interindividual, em um processo cognitivo abarcando níveis de conhecimentos e operações. Assim sendo, ao considerarmos o discurso, levamos em conta as unidades linguísticas somadas ao estatuto mental dos participantes desse discurso, tanto do locutor, quanto do interlocutor, além do contexto de enunciação e a relação estabelecida entre as partes.

Percebe-se que, além da informação pragmática do falante, formada por sua intenção, existe a informação pragmática do ouvinte, o qual antecipa a hipótese da intenção do falante ao passar a mensagem. Portanto, além do nível da expressão linguística, a qual engloba análise sintática e semântica, existe a pragmática, cujo foco

está na comunicação verbal, formada tanto pela informação pragmática do falante, quanto do ouvinte, conforme a figura.

1.2.1 Estrutura informacional

Lambrecht (1994) afirma que a estrutura informacional está relacionada com fenômenos mentais, os quais levam em consideração as suposições que partem do falante para com o ouvinte. Desse modo, para ele, a estrutura informacional marca a estruturação pragmática da proposição no nível do discurso. Lambrecht (1994) delimita três categorias centrais para o estudo da estrutura informacional:

- i. Pressuposição e asserção: estão relacionadas às suposições do falante para com o ouvinte, delimitando o que este sabe ou não a respeito do que será enunciado;
- ii. Identificabilidade e ativação: relacionam-se às suposições do falante sobre as representações mentais na mente do destinatário;
- iii. Tópico e foco: dizem respeito à avaliação que o falante faz sobre o quanto é previsível ou imprevisível a informação passada.

Ademais, Lambrecht (1994) afirma que a estrutura informacional é influenciada, por aspectos prosódicos, marcadores gramaticais, ordenação dos constituintes na oração, forma das construções e pela escolha de alguns elementos lexicais.

1.2.2 Caracterização do foco

Ao adotarmos uma abordagem pragmática da língua, extrapolando as propriedades sintático-semântica dos elementos constituintes da língua, percebemos que a análise de construções e fenômenos linguísticos não se restringem somente a propriedades inerentes à linguagem, mas também são considerados elementos contextuais, os quais são, muitas vezes, requisitos extralinguísticos para a ocorrência de diferentes interpretações de construções, como é o caso do *foco*.

Lambrecht (1994, p.345) define *foco* como a “parte da informação que o locutor assume não ser compartilhada entre ele e o interlocutor [...]”. Assim, o foco estaria relacionado à contraparte do que se compartilha entre o falante e o ouvinte. Portanto, ele diz respeito ao que é novo, contrastante à informação compartilhada na relação falante-ouvinte.

Desse modo, a marcação de foco, segundo Lambrecht (1994), consiste em um artifício que salienta a relação entre um elemento constituinte e uma proposição, não apenas marcando-o como informação nova, mas também assinalando a relação existente entre um elemento da proposição e a proposição. Portanto, o foco coloca em evidência um elemento constitutivo, veiculando tipos diferentes de informação (nova, dada e inferível).

No nível mais baixo estão os predicados e os argumentos. Os predicados marcam propriedades ou relações e os termos, por seu turno, referem-se a entidades.

Ilari (2002), baseando-se em Ilari *et al.* (1990), propõe a classificação de advérbios focalizadores, os quais auxiliam na saliência linguística. Adotando o *status* de alguns exemplos de advérbios focalizadores como uma questão aberta, o autor apresenta alguns tipos de focalizadores.

Ilari (2002, p.185) apresenta advérbios do tipo focalizadores por meio de números, como em (17), (18) e (19):

(17) L1 - ... somos de famílias grandes então acho que dado esse fator nos acostumamos a muita gente [...]

L2 – e daí o entusiasmo para nove filhos

L1 – *exatamente* nove ou dez (SP-306:31)

(18) contei também o número de estudantes... quarenta e um... e: eu tenho quase certeza embora não tenhamos a lista... que vocês: são *no total* cinquenta e um... quer dizer sempre está faltando não é? um pouco... (REC-337:16)

(19) contei os seguintes grupos: grupo a: o b, o c, o d, o f, o i...; portanto temos entre 8 e 9 grupos *no máximo* (REC-337:12)

Os termos *exatamente*, *no total* e *no máximo* têm a função de focalizar os elementos numerais sobre os quais recaem, com o intuito de salientar essa quantificação. Além disso, o autor descreve advérbios que representam expressões ligadas à noção de proporcionalidade, como em (20), (21), (22) e (23).

(20) Eu estou *absolutamente* fiel à comunicação, eu posso ver que a turma inteira atingiu tal rendimento em, em matemática, em português... (POA-278:204)

(21) eu concordo *plenamente* que, para que a gente vá aplicar uma lei (...) para que a gente vá aplicar sinais no trânsito, por exemplo [...] é preciso que eu utilize os sinais de trânsito na hora certa... (POA-278:289)

(22) a lei é feita para o homem, para proteger o homem... e, no entanto, o homem está... sujeito e *até certo ponto* escravo da lei (RE-337:91)

(23) essa primeira taxionomia refere-se *mais ou menos* a uma classificação, eu digo mais ou menos porque nós vamos ver qual é a diferença que existe entre uma taxionomia e uma classificação (POA-45:326).

Os termos *absolutamente*, *plenamente*, *mais ou menos* e *até certo ponto* também têm a função de saliência sobre os elementos focalizados, intensificando comprometimento total ou parcial por parte do falante. Em (24), por seu turno, o uso do advérbio *bem* tem a intenção de salientar a delimitação de um protótipo, deixando, o locutor, a mensagem bastante clara (casas que são prototipicamente de brasileiras).

(24) Meu avô tinha uma chácara lá em Caí [...] em São Sebastião do Caí. E mas era assim, ela tinha... é era uma subida. Num morrinho ficava e a casa ficava lá em cima... sabe como é, essas casa(s) *bem* de brasileira (RE-337:475).

Com relação às estratégias de focalização, portanto, percebemos que o uso de alguns advérbios auxilia a saliência dada na situação comunicativa, seja por meio de maior comprometimento por parte do falante, seja na necessidade de delimitar uma categoria ou numeral.

A análise por meio dessas estratégias, sobretudo ao que se refere às CFV2, é importante para sustentar as propriedades inerentes a essa construção, a qual se constrói, em forma composta, salientada por advérbios, intensificando o foco dado à própria construção.

Conclusão

Nesta seção, discorreremos brevemente sobre os pressupostos dos Modelos Baseados no Uso, focando, principalmente, na abordagem construcional de mudança linguística, nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

A adoção dessas correntes como embasamento teórico para o nosso trabalho justifica-se pelas propriedades que elas apresentam, advindas da Linguística Cognitiva, como a noção de prototipia, categorização e semelhança de famílias.

A abordagem proposta pelo Modelo Baseado no Uso, considerando-se o nível de mudança da construcionalização, parece contemplar de forma mais abrangente as construções objeto deste trabalho, uma vez que encontramos evidências, as quais serão discutidas na análise, de que os diferentes níveis de construções com verbos *ir/vir* apresentam propriedades que vão além do que foi discutido pela literatura.

Desse modo, apresentamos discussões acerca das estratégias de focalização da língua, por meio da estrutura informacional e da discussão de foco, embasando nossas análises acerca da focalização dada em construções com verbos *ir/vir* seguido de infinitivo.

Nosso objetivo é expandir o contexto de análise da construção e estabelecer, entre cada membro, uma relação hierárquica, o que tem sido realizado pela proposta de rede taxonômica da abordagem construcional da construcionalização.

Desse modo, as noções de produtividade, esquematicidade, composicionalidade, bem como a metáfora de rede construcional, serão retomadas na sessão de análise com o intuito de demonstrarmos, através de dados de fala, a relação hierárquica de construções com *ir/vir* seguido de infinitivo.

1.3 FINALIDADE

Nesta seção, apresentamos uma discussão acerca da noção de finalidade, partindo da oração adverbial final prototípica (PARA + INFINITIVO), estabelecendo conexões entre esta e a CMCP, visto que a oração adverbial final instancia as CMCP. Com isso, buscamos fornecer embasamentos que comprovem a hierarquia entre essas construções, além de compreender os processos de instanciação das CFV2 e CPP, nos temos da abordagem da construcionalização (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013).

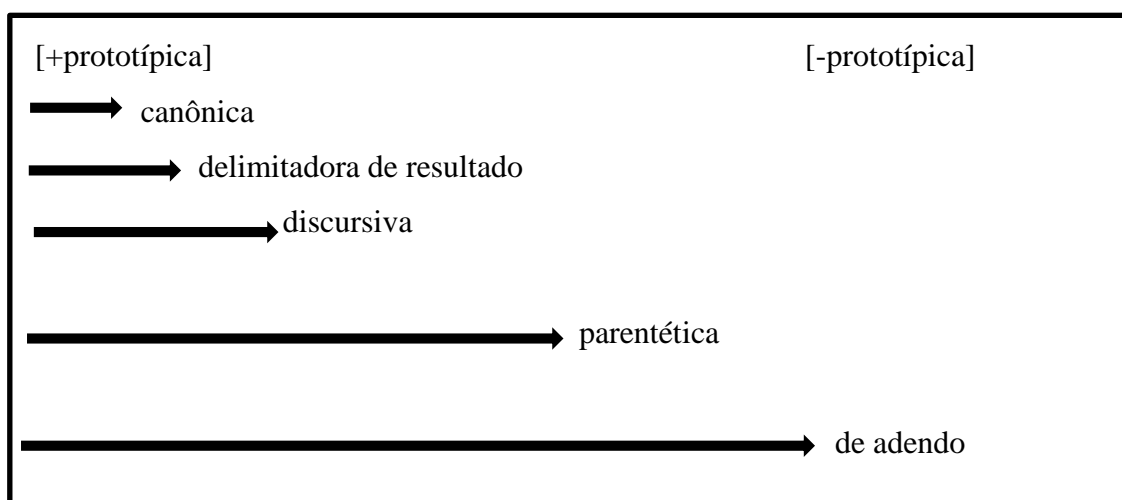
Desse modo, discorreremos, inicialmente, a respeito da finalidade pautada em estudos cognitivos-funcionalistas do português (DIAS, 2001; TORRENT, 2009). Em um segundo momento, apresentamos discussões mais específicas a respeito da CMCP (ORÉFICE, 2014). A partir dessas revisões, traçaremos, na seção de análise, a rede construcional com os verbos *ir/vir* seguido de infinitivo e discutimos a relação de hierarquia entre a oração adverbial final, a CMCP, a CPP e a CFV2.

A finalidade é tradicionalmente definida por meio das orações adverbiais finais, as quais funcionam como termos acessórios da ação verbal de uma oração a que se referem, denominada pelos normativos como oração principal. Azeredo (2010) define as orações de finalidade como orações que “(...) expressam um efeito visado, um propósito”. (AZEREDO, 2010, p.329). Bechara (2000), por seu turno, afirma que as orações finais expressam objetivo, intenção, ou seja, a finalidade expressa pela declaração da oração principal. A noção de objetivo e de meta é, portanto, nas orações adverbiais finais, constante.

Muitos são os conetivos apresentados na GT como indicadores de oração adverbial final, como as preposições *para*, *a fim de*, *por que*, *para que*, entre outros. Dias (2001), ao realizar análise tipológica das cláusulas de finalidade extraídas de dados da modalidade falada e escrita no português brasileiro contemporâneo, apresenta a preposição *para* como o conectivo mais prototípico desse tipo de oração.

Dias (2001, p. 66-87) delimita 3 tipos de cláusulas de finalidade: i) cláusulas hipotáticas, entre as quais estão as hipotáticas de finalidade canônica, em (25), hipotáticas de finalidade delimitadora de resultado, em (26) e hipotáticas de finalidade discursiva em (27); ii) cláusulas de finalidade de adendo, como em (28); iii) cláusulas de finalidade parentética, como em (29). A partir dessa delimitação, a autora apresenta um diagrama que aloca as cláusulas em um *cline* que parte de orações [+ prototípicas], como a oração canônica, para [-prototípicas], como as parentéticas.

Diagrama 1: Posição escalar das cláusulas de finalidade



Fonte: Dias (2001, p.66)

(25) Imerso em meus sonhos, vejo o velho Antoine pegar o meu caderno e escrever alguma coisa. No dia seguinte, após o desjejum, repartimos a carne, e cada um segue para seu lado. Uma vez no acampamento, faço o meu relato e mostro o caderno **para que saibam o que ocorrerá**. ‘Esta não é sua letra’ dizem-me com o caderno aberto na última folha (DIAS, 2001, p. 67).

Em (25), há uma *cláusula de finalidade canônica*, nos termos de Dias (2001). Nessa oração, o informante diz que, ao chegar no *acampamento*, *faz o seu relato e mostra o caderno para que saibam o que ocorrerá*.

A ligação entre as orações ocorre por meio do conectivo *para que*. Segundo Dias (2001), esse é o tipo canônico de finalidade, em que, sintaticamente, a cláusula de finalidade é introduzida a uma oração principal por meio de um conectivo.

Dias (2001) classifica as orações do tipo em (26) como *cláusulas delimitadoras de resultado*, as quais, por meio de oração de finalidade iniciada por um conectivo, *para*, delimita-se o resultado de uma ação. Dessa forma, o informante explica, anteriormente, a razão que motivou a informação prevista na oração de finalidade e, em seguida, salientou a importância dessa ação.

(26) Como é que se diz? Negócio de viga de cimento, como os pedreiros fala, não é? Não botaram nem nada. (...) E estava com uma escora, não é? **para não cair**, porque se ele não caísse, gastava muito menos dinheiro. Porque aí fazia só um – uma viga de – de cimento, dava para segurar ainda ele, não é? Mas aí teve que fazer ele todo de novo (DIAS, 2001, p. 69).

Em (27), a informante diz que Lygia deixou a gata com a vizinha *para não se desconcentrar*. Segundo Dias (2001), trata-se de uma *oração hipotática de finalidade discursiva*, subtipo em que se delimita, anterior à oração principal, uma finalidade prévia, de modo que se antecipa o porquê de realizar uma segunda ação, no caso o fato de *deixar a gata na casa da Lili Carabina*.

(27) Ao escrever, Lygia gosta de ouvir música clássica. ‘Mas não pode ser música com letra, porque aí não me concentro’. **Para não se desconcentrar**, precisou deixar Lili Carabina, sua gata, com a vizinha. ‘Eu a amo, mas ela estava me roubando muita atenção (DIAS, 2001, p. 79).

Em (28), ocorre uma *cláusula de finalidade de adendo*, segundo Dias (2001). Nesse caso, a informante diz que é melhor *nem ela, nem ele* saírem para ir à praia. Em seguida, faz um adendo dizendo que não saem, *para ir a lugar nenhum, para fazer nada*.

(28) E, quando eu saio, às vezes, só tem – só recebe coisa, não é? Que eu resolva, aí embola tudo. Aí confunde tudo e, aí, eu falo assim: Bem, então é melhor a gente não sair?. Nem sai eu, nem sai ele para ir à praia. **Para ir a lugar nenhum, para fazer nada** (DIAS, 2001, p. 85).

Em (29), Dias (2001) ilustra uma cláusula de finalidade parentética, a qual representa uma pausa com a finalidade de incluir um comentário a respeito de um termo anterior, *filistinismo*. Essa oração ocorre, também, por meio do uso de uma preposição, no caso *para*, seguido por um verbo no infinitivo, *usar*.

(29) Seja como for, o efeito de contraste criado por essa complacência indiscriminada – esse filistinismo, **para usar o termo mais adequado** – ao menos chama a atenção para um fato óbvio, banal e desenhado (...) (DIAS, 2001, p. 88).

Dias (2001) afirma que a noção de movimento é uma constante em todos os diferentes tipos de cláusulas e que as duas proposições que englobam a oração de finalidade são semanticamente dependentes, uma vez que a própria oração final se subordina à oração principal. Em vista disso, o estado das coisas descrito na oração principal é condição para o estado das coisas na oração subordinada a ela.

Além disso, existe correferencialidade de sujeito entre a oração principal e a final ou, em casos em que ocorram dois diferentes sujeitos, a ação do sujeito da oração final é subordinada à ação do sujeito da oração principal. Sendo assim, o sujeito da oração principal, seja ele referido ou não, é responsável por determinar a finalidade ocorrida na oração final.

Dentre os tipos identificados por Dias (2001), o que interessa ao nosso trabalho é a *cláusula hipotática de finalidade canônica*, uma vez que encontramos evidências de que ela possui relação direta com as CMCP e as outras construções formadas a partir dela e que são foco em nosso trabalho.

Segundo Dias (2001, p.66)

A Cláusula de finalidade canônica é aquela que indica o fim ou o propósito de um sujeito predominantemente agentivo e controlador, expresso na cláusula núcleo. A hipotática ocorre, de modo absoluto, na posição posposta à cláusula núcleo. O evento motivador codificado pela cláusula hipotática de finalidade ocorrerá posteriormente ao período do evento expresso pela cláusula núcleo.

A construção em (30) é classificada como uma cláusula de finalidade canônica.

(30) A: Eu estava <encos->-sentado no carro, com a chave, perguntou se eu dirigia, eu falei que sabia, eles me prendeu. Foi isso que livrou. Senão eu estava também junto com eles, estava na mesma encrenca. Eles não tem necessidade (de roubar) não. (É) diversão, é mole? Eles roubam para dar os outros.

B: Para dar, cara?

A: Tipo Robin Hood, rouba na-na sul, **para dar para os outros que necessita**. Diversão. Tem filho aí-um garoto aí- filho de capitão, tem filho de sargento. Mas rouba, que sabe que o pai vai soltar, aí vai dar aos outro. (Censo/RJ: Ubir., 20 anos). (DIAS, 2001, p.67)

A cláusula de finalidade **para dar para os outros que necessita** é a finalidade cujo destino é buscado pelo sujeito ao realizar a primeira ação, *roubar*. A trajetória é marcada de norte a sul do Rio de Janeiro, com o deslocamento físico (origem – trajetória – meta) e, sobre ele, o movimento no mundo das intenções.

A respeito das orações finais, Dias (2001) apresenta casos que ocorrem com verbos de movimento básico. Segundo a autora, orações finais que se ligam a cláusulas com verbos de movimento básico, como *ir*, em (31) e *vir*, em (32), estão mais sujeitos a mudanças construcionais.

A cláusula de finalidade constitui um contexto propício à gramaticalização dos verbos *ir/vir* porque a finalidade pressupõe uma trajetória com uma origem e uma meta, tal como o verbo *ir* pressupõe um deslocamento físico de uma origem próxima do eu para um espaço físico distante do eu e o verbo *vir*, um deslocamento físico de algo/alguém próximo ao espaço físico distante do eu para um espaço físico próximo do eu (DIAS, 2001, p. 72).

(31) Não, meu marido está pagando para ela morar na Barra, não é? Ainda hoje ele **foi** a Copacabana **pagar o condomínio e uma das partes**, porque ela deixou atrasar, aliás quase 400.000 (Censo/RJ: Dor., 44 anos).

Percebemos, em (31), que há o verbo *ir*, na forma *foi*, seguido de um locativo, *a Copacabana*, e de um infinitivo, *pagar*. Há, portanto, dois alvos ligados ao verbo *ir*: Copacabana (que representa um deslocamento no espaço físico) e *pagar o condomínio e uma das partes* (o qual configura um deslocamento temporal, no mundo das intenções). No segundo caso há um deslocamento metafórico. Nessa construção, ainda, diferentemente das orações prototípicas de finalidade, não se apresenta o conectivo *para*. Esse tipo de construção, no português brasileiro, é o que chamamos de perífrase de futuro. Em (32), o mesmo tipo de mudança é apresentado por Dias (2001) como um processo de gramaticalização, nesse caso com o verbo *vir*, pois há um deslocamento do eu do espaço físico para um espaço próximo ao leitor, no domínio das ações intencionais, o que significa que é uma ação iminente. A trajetória configura uma unidirecionalidade à meta, que é a vontade do sujeito, no caso a missão naval francesa, a qual pretende, no Brasil, examinar seus planos.

(32) A Marinha havia perdido esses planos. Mas o engenheiro naval brasileiro era de ascendência francesa, e uma missão naval francesa **veio ao Brasil examinar seus planos**. (Encarte *MAIS!* da Folha de São Paulo: A outra grande guerra).

A partir disso, Dias (2001, p.77) afirma que

o esquema semântico comum entre as duas estruturas, verbos *ir/vir* mais locativo e verbos *ir/vir* mais cláusula de finalidade é o deslocamento de uma origem para um lugar, ou de uma origem para um objeto da finalidade. Isso implica uma trajetória que deve ter seus espaços ou pontos de tempo preenchidos linearmente.

Torrent (2009), por seu turno, ao estabelecer a rede construcional em *para* (*SN*) *INFINITIVO*, identifica dezessete subtipos de construções que estão interligadas: construção adjuntiva final em *para* infinitivo; construção de dativo com infinitivo; construção manipulativa em *para* infinitivo; construção manipulativa de

complementação mesclada em *para* infinitivo; construção de tempo decorrido em complementação em *para* infinitivo; construção nominal de complementação em *para* infinitivo; construção nominal volitiva de complementação em *para* infinitivo; construção predicativa em *para* infinitivo; construção habilitativa em *para* infinitivo; construção modal com dar; construção modal com ser; construção modal com deixar; construção aspectual com estar; construção aspectual com dar; construções adverbiais intensificadoras em *para* infinitivo; construções perspectivadoras de ato de fala em *para* infinitivo; construções perspectivadoras de tópicos de discurso em *para* infinitivo (cf. TORRENT, 2009, p. 77-104).

Ainda que apresentem peculiaridades, todas as construções em *para* (SN) *infinitivo*, segundo o autor

(...) apontam para um espaço mental que representa, ancorado no esquema cognitivo do movimento em direção a um alvo, uma resultante virtual desejada de uma dada ação, expressa por uma construção de estrutura argumental, ou pelo contexto. (TORRENT, 2009, p. 75)

Torrent (2009) afirma, ainda, que as construções que se comportam como cláusulas de finalidade, as *construções adjuntivas finais em para infinitivo*, (CAFPI, nos termos de TORRENT) como em (33), indicando a meta a que se direciona a partir de dado evento codificado na oração principal, são as mais frequentes, contabilizando 58,27% dos casos por ele listados. Essas construções funcionam como adjunto da oração principal.

(33) Num é não. Não não... Não existe esse hábito. Por quê? Justamente pra coibir, esse tipo de que problema que a gente tem aqui. Ir no PROCON, ir na justiça cível, é o que a gente vem evitando muito. Por quê? A gente acaba, é perdendo tempo em síntese, porque a gente tem se deslocar do... do local de trabalho, **pra vir** aqui falar sobre sobre esses casos. (PROCON – SUL *apud* TORRENT, 2009, p.77)

Em (33), percebe-se, além de um deslocamento físico do *local de trabalho* até o ponto em que se dá o ato da fala, que existe codificação de uma meta da ação expressa pela oração anterior. Esse deslocamento no mundo das intenções está relacionado à Teoria da Metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 2002; LAKOFF, 1987).

Dias (2001, p.163), a partir dessa projeção metafórica, define as construções de finalidade como aquelas que

(...) codificam o *movimento* no mundo das intenções. O sujeito e/ou locutor estabelecem um propósito ou finalidade, cuja execução do objetivo demanda o deslocamento de uma origem a uma meta, com uma trajetória, no mundo das intenções. Este *movimento* no mundo das intenções *pode sobrepor-se* ao deslocamento no mundo físico.

Ao realizar análises diacrônicas, a partir do século XII, Torrent (2009) comprova que as construções adjuntivas finais em para (SN) Infinitivo são as mais frequentes no decorrer de todo o período, apresentando 92,20% dos casos durante o século XIII. Dentre as construções selecionadas por Torrent (2009), apenas 5 foram encontradas no português europeu antigo e, com o passar do tempo, novas construções foram emergindo e/ou se tornando mais frequentes, sendo que os cinco tipos encontrados durante o século XIII aumentaram para seis no século XIV, sete no século XVI, oito no XVII, nove no XVIII, onze no século XIX e, nos dias atuais, chegando aos dezessete subtipos. Torrent (2009, p. 128) afirma que a CAFPI é a prototípica da construção, visto que “(...) ela não passou por nenhuma mudança gramatical maior além daquelas a partir das quais se formaram novas construções”. Assim, essa estabilidade e alta frequência em que é encontrada ao longo dos séculos são dois fortes argumentos em favor do caráter prototípico dessa construção quando comparada aos demais padrões de *para (SN) Infinitivo*, as quais foram sendo criadas a partir da prototípica. A partir da identificação das CAFPI como prototípica entre as orações *para (SN) infinitivo*, apresentamos, a seguir, discussões sobre as CMCP (ORÉFICE, 2014), as quais estabelecem relação estrita com as CAFPI.

Oréfica (2014) descreve uma construção de finalidade não prototípica, a CMCP, como em (34).

(34) Sobre Mim - sou uma pessoa muito tímida procura uma pessoa para relacionamento sério. Dispensio curiosas. sou um pouco caseiro mais as vezes **saio ver** um filme, passear no shopping, gosto de varios tipos de musicas sertanejas, pop, rok varias (ORÉFICE, 2014, p.9).

Em (34), a ação da primeira oração, *sair*, habilita um deslocamento também no mundo das intenções, segundo o qual se parte de um ponto a uma meta, que seria a finalidade de *ver um filme, passear no shopping*. Nesse tipo de construção, contudo,

percebem-se mudanças estruturais quando comparadas às prototípicas de finalidade (DIAS, 2001; TORRENT, 2009), pois não existe conectivo entre V1 e V2, como ocorrem em outras orações, como as cláusulas de finalidade descritas por Dias (2001).

A manutenção da leitura de finalidade sem o conectivo *para*, prototípico da marca de destino metafórico, nas construções de finalidade, é garantida pela semântica de movimento orientado do V1 em junção ao verbo em forma não finita, em V2. Assim, a leitura de finalidade é possibilitada pelo resultado da junção da própria construção. A CMCP, segundo Oréfice (2014), estabelece relação direta com a oração adverbial final, diferenciando-se dela, contudo, por algumas propriedades:

- Ocorrência de um primeiro verbo, necessariamente de movimento orientado, antecedendo outro verbo, em sua forma não finita, sem nenhum conector entre eles
- Semântica de movimento orientado do primeiro verbo, ativando o preenchimento com um segundo verbo, que marca o ponto final no mundo das intenções (ORÉFICE, 2014, p. 79).

Em (35), há uma CMCP formada pelo verbo *descer*, seguido de um verbo no infinitivo, *apanhar*. O sentido metafórico da ação de *descer*, nesse caso, é intensificado, inclusive, pela ação de *subir*, a qual aparece, no contexto, anteriormente à ação da CMCP. Na CMCP percebemos o deslocamento físico de um ponto mais alto a um ponto mais baixo e, além disso, um deslocamento metafórico, marcando finalidade, no caso, a de *apanhar água*.

(35) Depois subir de novo com a bacia. Chega em casa, (hes) acabava de estender a roupa, **descia de (“novo”) apanhar água**. (ruído) Mas agora é melhor, que a gente pode lavar (“roupa”) em casa, não precisa *descer* para *apanhar água*. Agora está tudo melhor (CENSO/1988: RJ: arquivo 6, p.2 *apud* ORÉFICE, 2014, p.57).

Em (36), há uma CMCP formada pelos verbos *subir* e *buscar*.

(36) Ele pegô(u) já **subiu na casa dele buscar** o cano lá::... e (a)cabô(u) briga::n(d)o lá teve a maior com/confusão::chama atenção tam(b)ém de polícia né? (IBORUNA/AC-031; NR: 77-78 *apud* ORÉFICE, 2014, p.59).

Nesse caso, V1 é seguido por um locativo, *na casa dele*, o que intensifica a leitura de deslocamento físico orientado a um ponto. Além do deslocamento físico, percebemos, em (36), que a trajetória de um ponto mais baixo para um ponto mais alto vem acompanhada da finalidade de se conseguir algo, no caso, *buscar um cano*.

Em (36), há uma CMCP formada pelos verbos *entrar* e *ver*. O deslocamento, aqui, é marcado pela trajetória de um ponto exterior a outro ponto interior, o qual, pelo locativo, identificamos ser a *UTI*. Percebemos, em (37), que a finalidade do falante, ao afirmar que *entrou na UTI* é visitar uma pessoa querida que está sofrendo, *Ariel*.

(37) Cara, como é difícil ver uma pessoa que a gente gosta sofrendo... Hoje **entrei na UTI ver** o Ariel, eu nunca tinha visto uma UTI, só na TV, confesso que entrei com um pouco de receio do que ia ver, mas mesmo assim fui firme e forte (...)

(Disponível em: <http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=28540154&tid=2519818337906016550> *apud* ORÉFICE, 2014, p.62).

Conforme podemos notar nos casos em (41), (42) e (43), as CMCP, por marcarem deslocamento físico seguido de finalidade, ocorrem, muitas vezes, com presença de locativos entre os verbos da construção. Isso é uma forte evidência, segundo Oréfice (2014), de que a CMCP marca dois eventos distintos: o primeiro, de movimento orientando, e o segundo, cuja semântica é marcar o destino metafórico da finalidade do falante. Contudo, a presença de um material interveniente entre os verbos da construção, seja ela locativo ou não, não é uma propriedade inerente a todas as CMCP, como notado em *saio ver*. Em (38) há uma CMCP que ocorre com verbos contíguos, sem nenhum material interveniente entre eles. Nessa construção, o verbo *passar* é seguido pelo verbo *pegar*. O falante solicita a alguém que diga onde mora para que ele possa *passar pegar* essa pessoa. Desse modo, eles poderão ir ao *drive*.

(38) Fala-me onde você mora que eu **passo pegar** você para gente ir no drive ai você vai saber quem é

(Disponível em <<http://www.formspriming.me/kattycamargo/q/1647280089>> *apud* ORÉFICE, 2014, p.63).

Embora o destino do movimento orientado, em (38), não esteja marcado por locativo logo após o verbo, percebemos, pelo contexto, que a meta do falante é a casa da

pessoa com quem ele está conversando. Dessa forma, ainda que esteja subentendido, o destino ao qual o movimento de V2 se orienta é essencial para que se compreenda a leitura de finalidade da construção, bem como a delimitação de dois eventos distintos.

Ainda que a CMCP tenha sido descrita por Oréface (2014), estabelecendo semelhanças entre a ela e a oração adverbial final prototípica, os casos de CMCP com os verbos *ir* e *vir* não foram aprofundados, visto que ocorrem com maior frequência do que as CMCP com outros verbos. Além disso, há casos em que delimitação de dois eventos (conforme ocorre com a CMCP) ou apenas um evento (consoante as perífrases temporais, por exemplo) não é claramente definida.

As diferentes semânticas resultantes de construções com *ir/vir* seguido de infinitivo habilitam relações hierárquicas entre elas. Por essa razão, descrevemos, nessa seção, considerações a respeito da finalidade, sentido o qual se perde em construções específicas, como a CPP e a CFV2, descritas na seção de análise.

Com o intuito de comprovar a relação existente entre os diferentes tipos construcionais supracitados, bem como justificar as propriedades inerentes a cada construção, apresentamos, na seção seguinte, os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, com o intuito de fornecer base para uma análise mais acurada.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme já apresentado, esta tese está fundamentada em aparato teórico que prioriza a análise de dados reais da língua, extraídos de *corpora* da modalidade falada do português. Nesta seção, descrevemos a metodologia usada na coleta de dados e análise das construções formadas pelos verbos *ir/vir* seguido de infinitivo, com ou sem presença de material interveniente entre eles, a fim de alocá-las em rede construcional de finalidade (nos termos de TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), seja de forma central prototípica, seja em posição mais periférica.

Para desenvolvimento do trabalho e análise das construções, embasada em análises quantitativas controladas pelo EXCEL, apresentamos o seguinte: (i) o *corpus* Iboruna, do Projeto ALIP, utilizado para busca dos dados; (ii) a descrição do *script* usado para a coleta automatizada dos dados; (iii) os passos para a coleta das ocorrências de construções com os verbos *ir* e *vir* seguidos de infinitivo e a formação do *corpus*; (iv) a delimitação dos parâmetros de análise; (v) a metodologia qualitativa realizada.

2.1 Projeto ALIP (Iboruna)

O banco de dados do Iboruna, coordenado pelo Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, constitui-se de *corpus* usado como base para descrição do português falado no interior de São Paulo. O *corpus* conta com dois tipos de falas: Amostra Comunidade (ou Amostra Censo, AC), reunindo 152 amostras de falas coletadas considerando-se princípios sociolinguísticos (LABOV, 1972; VOTRE, OLIVEIRA, 1995); e o banco de dados Amostra de Interação Dialógica, coletas secretas de amostras em situações de interação social. O projeto foi criado pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF) do IBILCE/UNESP, entre os anos de 2002 e 2003. Para realização do nosso trabalho, coletamos os dados do grupo Amostra Comunidade.

Os dados de AC estão subdivididos em narrativas de experiência (NE), nas quais o falante entrevistado narra fatos vivenciados por ele mesmo em momentos anteriores ao momento da entrevista; narrativas recontadas (NR), nas quais, por meio da solicitação do entrevistador, o entrevistado narra algo que alguém tenha contado para ele; Descrição do Local (DE), sendo o entrevistado questionado sobre as características de algum ambiente que seja familiar a ele; Relato de procedimento (RP), em que ele indica a sucessão de ações para a realização de algo; Relato de opinião (RO), sendo o entrevistado questionado sobre algum assunto polêmico.

2.2 Descrição do *script* usado para a coleta automatizada dos dados

Em vista da grande quantidade de ocorrências dos verbos de movimento básico *ir* e *vir* e a fim de otimizarmos a metodologia de busca dos dados, lançamos mão de um método de busca automatizado que garantisse a identificação e separação das ocorrências dos verbos *ir/vir* seguido de verbo em forma não finita.

Utilizamos, para tanto, um aplicativo próprio do sistema operacional Windows, intitulado *findstr.exe*, o qual permite a busca de determinada sequência de caracteres (*string = str*), que, no nosso caso, são os radicais dos verbos *ir* e *vir*, em um determinado documento de texto, que, neste trabalho, corresponde aos 152 arquivos de fala transcritos, os quais constituem a Amostra Censo do Iboruna.

O primeiro passo para a busca dos verbos por meio do aplicativo foi a criação, no *findstr.exe*, de linhas de comando, denominadas *scripts*, uma para cada um dos radicais dos verbos *ir* e *vir* que seriam pesquisados no *corpus*. Para isso, contamos com o auxílio de um profissional de Tecnologia da Informação, Guilherme Rezende Marques, já que se trata de um conhecimento específico de quem atua nessa área.

Após serem criadas, as linhas de comando foram executadas, processo por meio do qual se fez, efetivamente, a busca das sequências de caracteres (radicais dos verbos) no Iboruna. Da execução do *script* foi gerado um arquivo de texto para cada um dos radicais, no qual constam todas as ocorrências dos mesmos identificadas nas 152 amostras de fala do *corpus*.

Em seguida, abrimos cada um dos arquivos e separamos, manualmente, as ocorrências que nos interessavam – aquelas em que, após o verbo, seguia-se um V2 em forma não finita (com ou sem material interveniente entre V1 e V2) – das demais, uma vez que o *script* apenas identifica a sequência de caracteres sinalizada nas linhas de comando e, portanto, não considera aspectos morfosintáticos ou semânticos dos verbos. A utilização desse tipo de ferramenta, além de agilizar o processo de coleta de dados em pesquisas linguísticas, garante maior acuracidade, já que diminui a probabilidade de erro.

2.3 Parâmetros de análise

Após realizadas as buscas e separadas as ocorrências de construções formadas pelos verbos *ir/vir* seguidos de infinitivo, delimitamos um *corpus* com 450 ocorrências, sendo 302 constituídas pelo verbo *ir* na posição de V1 e 148 com o verbo *vir*. As construções formadas com os verbos *ir* e *vir* no presente não foram quantificadas, uma

vez que, conforme sinalizaremos na seção de análise, os trabalhos que descrevem perífrases temporais já se aprofundaram na análise dessas construções.

Delimitado o *corpus*, classificamos as construções, com o auxílio do programa EXCEL, por meio dos parâmetros abaixo:

2.3.1 Tempo verbal de V1: Buscamos os tempos verbais do pretérito em todas as pessoas do discurso. As construções formadas por V1 em tempo presente, como em *daqui quatro anos vou t(ê)r noventa e seis mil guardados*⁸ ou tempo futuro, como em *os mau contato que irá originar um defeito futuramente*⁹ não foram controlados, uma vez que ambas as formas já foram descritas como usos perifrásticos de futuro.

A escolha desse parâmetro foi realizada para procurar verificar se existia alguma diferenciação com relação à distribuição das construções e os tempos verbais. Visto que os resultados não se mostraram relevantes, não foram utilizados na seção de análise dos dados.

2.3.2 Possibilidade de formação de perífrase: Por meio de testes qualitativos, transformamos todas as sequências de V1 e V2 das construções em perífrases, classificando-as como aceitáveis (!), agramaticais (*), ou, ainda, casos em que se perde parte da semântica quando tentamos realizar a troca, marcado por (?).

Esse parâmetro foi escolhido por partirmos do questionamento acerca da CPP e CFV2 marcarem somente um evento, ainda que no segundo caso, o uso perifrástico intercambiado por uma forma simples resulte em perda de focalização da ação da construção, alcançada pelo uso de uma forma composta. Com relação à CPP, todavia, por se tratar de uma construção com alteração semântica, mudando o sentido de movimento espacial para deslocamento temporal, acreditávamos que uma das propriedades responsáveis por sustentar essa leitura era a possibilidade de formação de uma perífrase em concorrência em forma simples. Com relação à CMCP, por seu turno, defendemos a configuração de dois eventos distintos marcados pela construção, os quais não se mantêm em um uso simples.

2.3.3 Classificação da construção: após analisar as construções, ainda de forma qualitativa e realizando as trocas acima descritas, classificamos as orações de acordo com

⁸ IBORUNA/AC-117; RO: 439

⁹ IBORUNA/AC-139; RP: 453

as propriedades semelhantes ou diferentes entre elas, as quais foram denominadas como CMCP, CPP, CFV2 e A (ambíguas). As orações ambíguas são aquelas sobre as quais não conseguimos determinar, de forma clara, se há dois eventos (como nas CMCP), ou apenas um evento, como ocorreu, por exemplo, com as perífrases verbais temporais futuras. Essas construções, portanto, não estão alocadas em categorias específicas, sendo consideradas membros mais periféricos.

2.3.4 Semântica do V2: Classificamos as construções com relação ao tipo semântico de verbo na posição de V2, utilizando a proposta de Halliday (1994), o qual descreve, a partir do estudo da língua inglesa, tipos de processos distintos, dentre os quais três são considerados mais básicos, a saber: processo material, mental e relacional.

Segundo Halliday (1994), os processos materiais são os processos que expressam experiências “externas”, as quais representam ações e eventos. São os processos de fazer, os quais indicam que “alguma entidade faz alguma coisa - que pode ser feita para alguma outra entidade”¹⁰ (HALLIDAY, 1994, p.110), como em (39).

(39) O leão pegou o turista ¹¹

Ator Processo Meta

Os processos mentais, por seu turno, são as “experiências internas”, exprimindo as noções de *sentir*, *pensar* e *perceber*, como em (40):

(40) Eu não tinha notado que as crianças temem fantasmas.¹²

Os processos relacionais são os *de ser*. Eles envolvem a noção de classificação e identificação, quando afirmamos que uma coisa é semelhante à outra ou, ainda, quando fazemos associações entre termos, como em (41):

(41) Peter tem um piano.¹³

¹⁰ “(...) *some entity does something - which may be done to some other entity*”(HALLIDAY, 1994, p.110).

¹¹ “*The lion caught the tourist*” (HALLIDAY, 1994, p.110).

¹² “*I hadn’t noticed that children fear ghosts*” (HALLIDAY, 1994, p.114).

¹³ “*Sarah is wise; The fair is on Tuesday; Peter has a piano*” (HALLIDAY, 1994, p.119).

Além desses processos, o autor define os processos *comportamentais, verbais e existenciais*. Os processos comportamentais indicam “o comportamento fisiológico e psicológico como respirar, tossir, sorrir, sonhar e encarar” (HALLIDAY, 1994, p. 139), como em (42)¹⁴, na qual questiona-se alguém sobre o comportamento dele, no caso, o de chorar.

(42) Por que você está chorando? ¹⁵

Os processos representam os verbos de *dizer*, ou seja, são verbalizações simbólicas de significado, construídas na mente humana e expressas na língua, como falar e se expressar, em (43):

(43) John disse ‘Eu estou com fome’.¹⁶

Por fim, há os processos existenciais, envolvendo a existência de fenômenos, como em (44), em que se afirma a presença de um homem parado na porta de algum lugar.

(44) Há um homem na porta. ¹⁷

Embora o autor delimite os processos para a língua inglesa, acreditamos que ela é possível de ser aplicada também no português quando classificamos as construções com os verbos *ir/vir* seguidos de infinitivo. Nossa hipótese foi a de que, a depender do conteúdo semântico do V2, diferentes construções vão se criando a partir de uma construção mais específica, que é a adverbial de finalidade. As microconstruções, por estarem em um nível mais abstrato, perdendo a noção de movimento prototípico (presente na adverbial final e na CMCP), são mais inclusivas com relação a diferentes processos habilitados.

¹⁴ “(...) *physiological and psychological behaviour, like breathing, coughing, smiling, dreaming and staring*” (HALLIDAY, 1994, p.139).

¹⁵ “*What are you crying about?*” (HALLIDAY, 1994, p. 140)

¹⁶ “*John said ‘I am hungry’*” (HALLIDAY, 1994, p. 140).

¹⁷ “*There’s a man at the door*” (HALLIDAY, 1994, p.143)

2.3.5 Animacidade do sujeito: verificamos os tipos de sujeitos referentes à construção e o nível de animacidade deles. Consideramos essa variável importante para avaliar o tipo semântico da construção, uma vez que construções que marcam prototipicamente movimento espacial, como é o caso da CMCP, ocorrem com sujeito animado, responsável pelo próprio movimento da ação de V1. Construções com movimentos metafóricos, sejam eles temporais, como na CPP, ou pragmáticos, como na CFV2, justificam maior aceitabilidade de sujeitos inanimados, visto que não se marca mais movimento.

2.3.6 Presença de material interveniente entre V1 e V2: essa variável foi importante para verificarmos a integração entre V1 e V2. A escolha foi justificada em vista dos parâmetros de integração das cláusulas complexas (LEHMANN, 1988), segundo o qual a presença/ausência de material interveniente entre os V1 e V2 marca [-integração]/[+integração]. A presença de um material entre os verbos é um forte indício de que a construção delimita duas ações e, a ausência disso, por indicar maior integração entre os verbos, indica que a construção pode estar delimitando apenas uma ação.

2.3.7 Presença de locativos ligados à construção: por meio do contexto em que a construção se insere, verificamos se existe a ocorrência de locativos ligados a ela. Isso foi importante para a constatação do tipo semântico da construção, visto que a presença de um locativo auxilia na leitura de um deslocamento até uma meta, a exemplo do que ocorre com a CMCP.

2.3.8 Transitividade de V2: avaliamos, ainda, a transitividade de V2, classificando estes como *transitivos* e *intransitivos* (quando se tratava de um verbo que não possuía nenhum tipo de complemento). Essa variável se mostrou importante para avaliarmos, em construções em que o verbo *ir* sofreu desbotamento semântico, como a CPP e a CFV2, a carga semântica dessas construções.

Para realizarmos a análise da forma como foi descrita acima, classificando e quantificando parcialmente as construções, utilizamos o EXCEL (Pacote Office 2010), o qual permite filtrar, de forma qualitativa e quantitativa, os parâmetros acima listados.

Após realizarmos as classificações acima, com o uso do programa EXCEL (Pacote Office 2010), quantificamos os dados, por meio do programa R (CORE TEAM, 2017), com o intuito de dar valores absolutos aos resultados pré-determinados pelo EXCEL. As

variáveis que se mostraram interessantes ao nosso trabalho foram *o tipo semântico de V2, animacidade do sujeito, tipo de complemento de V2, presença de material interveniente entre V1 e V2.*

Na seção de análise não consideramos as variáveis *tempo verbal de V1 e possibilidade de formação de forma simples*. Elas foram importantes para realizarmos análises qualitativas das construções, visto que as Construções Perifrásticas de Passado e as Construções Focalizadoras de V2, ao serem transformadas em forma simples, carregam as flexões temporais de V1 em forma composta. Além disso, percebemos que, ao transformarmos, de forma hipotética, a CMCP em uma forma simples, a construção perde o conteúdo de finalidade.

A seção de análise, a seguir, está construída, inicialmente, com a abordagem qualitativa dos dados, na qual, por meio da frequência *type*, destacamos as propriedades comuns a cada tipo construcional. Em seguida, mostramos os resultados dos testes quantitativos, controlando a frequência *token*, os quais embasaram a criação da rede construcional com os verbos *ir/vir* seguidos de infinitivo.

3 ANÁLISE

3.1 AS CONSTRUÇÕES COM *IR/VIR* SEGUIDO DE INFINITIVO

Introdução

Nesta seção, apresentamos uma análise das Construções de Movimento com Propósito (CMCP), Construções Focalizadoras de V2 (CFV2) e Construções Perifrásticas de Passado (CPP), presentes no português brasileiro falado. Baseamos nossas análises na abordagem do Modelo Baseado no Uso, a qual considera as construções da língua como em constante mudança, apresentando várias nuances categoriais, as quais se inter-relacionam de modo hierárquico.

As construções foco neste trabalho, como em (45) e (46), CMCP, em (47) e (48), CPP e em (49) e (50), CFV2, são formadas pela sequência de dois verbos, sendo o primeiro o verbo *ir/vir* e o segundo estando em forma infinitiva, podendo existir ou não material interveniente entre V1 e V2.

(45) eles **foram lá vê(r)** o banhe(i)ro/ a câmara do banhe(i)ro femini::no.. (IBORUNA/AC-74; NE: 48-49.)

Em (45), o falante afirma que *eles foram* a algum lugar, marcado pelo locativo *lá*, com a finalidade de *ver a câmara*. Trata-se de CMCP, cuja leitura permite compreender o deslocamento físico de um ponto a outro com uma finalidade, que no caso é a de *ver algo*. Consoante Oréfica (2014), em CMCP, é importante que a noção de movimento espacial de V1 esteja presente, uma vez que é responsável por, ligada a um segundo verbo em forma infinitiva, assinalar um deslocamento no mundo das intenções, marcando finalidade. Esse deslocamento no mundo das intenções justifica, portanto, a presença de um verbo com semântica de um movimento orientado.

Em (46), há uma CMCP formada pelo verbo *vir*:

(46) daí dois dia precisô(u) voltá(r) pa mesa de cirurgia de novo... FEZ outra cirurgia... aí precisô(u) de doa/ doador de sangue... aí **ele veio tomá(r) um sangue** uma doadora uma própria colega dele do hospital... (IBORUNA/AC-59; NE: 33-36).

O informante afirma que uma pessoa precisou receber uma doação de sangue de uma colega dela do hospital. Percebemos, pelo contexto em que a CMCP se insere, que se trata de uma construção formada por dois eventos: o deslocamento espacial até o hospital com a finalidade de se atingir o segundo evento, a de *tomar sangue*. A CMCP é evidenciada tanto pela presença do verbo *voltar*, próximo a ela, cuja semântica também indica um movimento, quanto pelo fato de ocorrer um locativo logo em seguida, com o termo *hospital*.

Em (47), embora a construção em destaque pareça se relacionar à CMCP, apresentando semelhanças em sua organização sintática, observamos que a leitura é diferente, uma vez que ela não apresenta a noção de finalidade, como a CMCP ou mesmo como as orações adverbiais finais, com as quais a CMCP apresenta relação estrita.

(47) ... ou:: você trabalha ou num trabalha você é rico você é pobre você é atendido pelo SUS... só que é meio éh éh éh um sistema furado... [Doc.: uhum ((concordando))] porque:: ((informante pigarreia))... se **fosse funcioná(r)** como... como foi PROgramado o sistema SUS... era/ porque o sistema SUS foi funcionado ah/... todas as cidade tem uma verba do governo pro SUS... (IBORUNA/RP-105; NE:400-404)

Na construção em (47), o informante está reclamando sobre o sistema SUS. Segundo ele, o sistema público de saúde não funciona como foi programado para funcionar, visto que, caso *fosse funcionar*, não seria um sistema furado.

Diferentemente do que ocorre em CMCP, as construções como em (56), as CPP, não marcam dois eventos distintos. O verbo *ir, fosse*, nesse caso, não apresenta semântica de trajetória espacial, como ocorre com o movimento orientado da CMCP. Isso se comprova pelo fato de a CPP poder ser intercambiada por uma forma simples hipotética, sem danos ao entendimento da construção, *se fosse funcionar* → *se funcionasse*. Além disso, o sujeito inanimado, *SUS*, auxilia na constatação de que na CPP perdeu-se o conteúdo semântico de movimento espacial. O que ocorre, nesse, a exemplo das perífrases verbais *ir+ infinitivo*, é um deslocamento temporal, contudo, sem que marque uma trajetória futura, como nas perífrases temporais de futuro. O mesmo tipo de semântica pode ser observada em (48):

(48)–“uma coisa eu vô(u) te falá(r) tua mulher... éh/ éh/ nasceu de novo... eu só num matei ela consideração a você que **cê veio conversá(r)** comigo hu/ humildemente... se não eu ia dá(r) um tiro na cabeça dela” (IBORUNA/RP-62; NR:185-188)

Em (48), o falante está narrando um conflito vivenciado pelo irmão, cuja mulher foi poupada, em um assalto, por consideração ao marido, o qual *veio conversar* com o assaltante. Não se interpreta, nessa construção, sentido de finalidade. O verbo *vir*, do qual se exprime, em sentido inicial, a noção de movimento, parece ter desbotado parte do seu conteúdo semântico.

Assim, a construção em (48), diferentemente da CMCP, possibilita-nos perceber que existem formas verbais compostas em concorrência às formas simples, formadas pelo verbo *vir*, cuja leitura se metaforizou de um sentido de deslocamento espacial a uma finalidade, como na CMCP, para um deslocamento temporal, conforme mostrado em (48a).

Em (48a), a troca hipotética da forma composta *veio conversar* (em 48) por *conversou* é gramaticalmente aceita e oferece a mesma leitura, sem prejuízo da mensagem passada pelo falante. Classificamos construções como essa em CPP, cujo estatuto é semelhante ao das construções perifrásticas temporais futuras, com V1 com uma forma auxiliar.

(48a) (!) eu só num matei ela consideração a você que **cê conversou** comigo

Percebemos, no entanto, que as CPP, como em (48), diferentemente das perífrases de futuro, representam deslocamento temporal para um momento anterior ao momento da fala do locutor. Além disso, a perífrase verbal, como em (49), ao ser substituída por uma forma simples (49a), apresenta sempre leitura de futuro, ao contrário do que ocorre com construções como em (47) e (48), as quais conservam, na forma simples, o mesmo tempo verbal de V1 em perífrases. Em (49a), a ação verbal se mantém no passado, *conversou*, mesmo tempo verbal de V1 em (48), *veio*, bem como as desinências verbais em (47), *fosse funcionar*, que são conservadas na forma simples, *funcionasse*.

(49) Eu **vou comprar** um vestido novo.

(49a) Eu **comprarei** um vestido novo.

Desse modo, embora as CPP sejam parecidas com as perífrases futuras, não possuem todas as propriedades dessa categoria, conforme descreveremos na seção seguinte. O fato de as CPP carregarem as mesmas desinências verbais, seja em forma simples ou composta, e de essa concorrência entre as construções ocorrer com V1 em tempo passado, justifica, por meio de dados empíricos, que analisemos esse tipo de construção, buscando estabelecer relações e diferenças entre elas, com o intuito de embasar nossa hipótese de que as CPP é uma microconstrução com propriedades distintas, mas que estabelece relações de herança, seja com a CMCP, ou com a oração adverbial final.

Além dessas ocorrências, encontramos construções formadas pelos verbos *ir/vir* seguido de infinitivo, as quais não marcam finalidade, como a CMCP, nem deslocamento temporal, como a CPP. Essas construções, como em (50) e (51), são as que denominamos CFV2, as quais, no nível do discurso, parecem enfatizar a ação verbal de V2 por meio do uso de uma forma composta.

Em (50), o falante afirma que são poucos os brasileiros que têm um salário em torno de vinte, trinta mil reais e essas pessoas ainda acham que ganham pouco. Podemos perceber, pelo conteúdo da mensagem, de que se trata de um desabafo, com o qual o falante demonstra aborrecimento em relação a esses indivíduos, o que se intensifica pela pergunta retórica, no final do trecho, *que é isso?* Ademais, a CFV2, em (50), está salientada pelo segmento de um advérbio, *ainda*, o que, segundo Ilari (2002), focaliza ainda mais a construção, visto que demonstra maior perplexidade por parte do informante com relação ao fato de as pessoas julgarem ser mal remuneradas.

(50) tinha condição de fazê(r) um tratamento com essas pessoas... éh:: esses dentistas mais... mais:: sofisticados... e assim é esses ai... o::... esses vinte trinta mil reais... são POUcos pouquí::ssimos brásile(i)ros que ganham isso... e eles **vem achá(r)** ainda... que ganham po(u)co... que jogam muito... que é isso?... (IBORUNA/AC-147; RO:110-114)

Em (51), o informante está narrando algo que ocorreu com outra pessoa, a qual estava viajando de carro, mas se perdeu ao não ver uma placa. O destino do motorista era a cidade de Bálsamo, mas ele *foi parar em Monte Aprazível*. A CFV2 *foi parar*, nesse caso, seguida por um locativo e por risos, demonstra que o falante, ao usar a forma composta, salientou a ação de forma divertida, visto que, segundo ele, o fato de o

motorista ter se perdido e, ainda, perguntar informações para uma terceira pessoa era algo engraçado.

(51) e ele diz que num viu placa nenhuma e seguiu reto... **foi pará(r)** em Monte Aprazível ((risos))... chegando em Monte Aprazível ele perguntô(u) pr'um senhor... se Bálamo tava longe (IBORUNA/AC-112; NR:128-130)

Ainda que a CFV2 apresente propriedades comuns à CMCP e CPP, nesse tipo de construção não ocorre deslocamento, como na CMCP. Em (50), podemos notar que a construção *vem achar* não marca movimento prototípico e, embora a construção em (51) indique o ponto final ao qual se dirige o falante, por meio de um movimento anterior, o de *seguir reto*, a semântica de destino é marcada pelo verbo *parar*, pois o verbo *ir*, nesse caso, está desbotado semanticamente. Além disso, diferentemente da CPP, na CVF2 a troca da forma composta pela forma simples, *vem achar* → *acham/ foi parar* → *parou* influencia na intenção do falante de focalizar a ação. Desse modo, não estamos falando de metaforização temporal, como ocorre em CPP, mas de se enfatizar a ação de V2 por meio de uma forma composta.

Os três tipos de construções, cujas propriedades são delimitadas nas seções seguintes, estão ligados, tanto pela semelhança da configuração sintática, quanto pelo sentido de movimento. Na CMCP, ocorre um movimento espacial orientado a uma meta, marcando finalidade. Na CPP, o movimento é metafórico temporal, levando a ação para um momento anterior ao da fala, no passado. E a CFV2, por seu turno, embora não marque movimento prototípico, como na CMCP, movimenta a atenção do falante para a ação de V2, de forma a enfatizá-la, buscando convencê-lo a respeito do julgamento que tem sobre essa ação.

Acreditamos, portanto, que as construções com *ir/vir* seguido de infinitivo possuem diferentes níveis categoriais, os quais possuem limites difusos, conforme vimos em alguns dados, como em (52). Nesse caso, não fica evidente se podemos classificar a construção como uma CMCP, com um movimento temporal, ou CPP, em que o V1 marcaria deslocamento temporal.

Em (52), o entrevistador pergunta ao informante como foi o dia em que ele *foi contar* ao sogro que estava namorando com a filha dele. Não fica claro, nesse caso, se o verbo *ir* foi utilizado com a intenção de demonstrar um deslocamento até a casa do sogro ou se o falante utilizou a forma perifrástica referente à ação de contar, no passado, *contou*.

(52) Doc.: como que foi o dia que cê **foi contá(r)** pr'os pais dela me conta de/ assim [como que foi] Inf.: 2[ah::] ficô(u) lo/ fiquei meio com medo fiquei na hora... porque o pai dela é meio bravo... (IBORUNA/AC-61; NE:15-16)

Casos do tipo descrito em (52), os quais permitem uma leitura ambígua, são forte evidência de que as construções formadas pelos verbos *ir/vir* seguido de infinitivo estão organizadas em diferentes níveis esquemáticos, formando uma rede hierárquica, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), com membros mais prototípicos em oposição a outros mais periféricos, com diferentes níveis categoriais.

Adotando essas evidências e por meio de análise quantitativa de dados retirados do Projeto Iboruna, nesta seção, apresentaremos a hipótese de uma rede hierárquica formada pelas construções com os verbos *ir/vir* seguido de infinitivo.

Acreditamos que, a partir da relação de finalidade, prototipicamente marcada pela oração adverbial final (TORRENT, 2009), as construções formadas pelos verbos *ir/vir* seguido de infinitivo se organizam em diferentes níveis hierárquicos, dentro de uma rede construcional. Observamos que todas as construções carregam de algum modo parte do valor semântico de movimento, comum aos verbos *ir* e *vir*. A CMCP é marcada por um movimento espacial associado aos verbos de movimento orientado que integram sua estrutura. A CPP apresenta um movimento no eixo temporal, uma vez que, por meio dessa construção, a ação verbal é marcada sempre em um tempo anterior ao momento da fala. A CFV2, por seu turno, movimenta a atenção do leitor à ação verbal de V2, visto que, por meio dos verbos *ir* ou *vir*, dá ênfase a esse evento. Além disso, acreditamos que as fronteiras categoriais não são delimitadas, mas sim difusas (TAYLOR, 1995), e que algumas ocorrências parecem estar alocadas entre os diferentes níveis de microconstruções, marcando ambiguidades. Esses casos serão discutidos de forma qualitativa somente e, embora não tenham sido consideradas no *corpus* de quantificação de dados, são importantes para demonstrar a noção de gramática emergente (HOPPER, 1987) e sem limites estritamente definidos, conforme adotado pela noção de prototipia (LABOV, 1973; ROSCH, 1978; TAYLOR, 1995).

3.2 AS CONSTRUÇÕES COM *IR/VIR* SEGUIDO DE INFINITIVO: ANÁLISE

3.2.1 CMCP, CPP e CFV2

Nesta seção, apresentamos uma análise das Construções de Movimento com Propósito (CMCP), Construções Focalizadoras de V2 (CFV2) e Construções Perifrásticas de Passado (CPP), presentes no português brasileiro falado. Baseamos nossas análises na abordagem do Modelo Baseado no Uso, a qual considera as construções da língua como em constante mudança, apresentando várias nuances categoriais, as quais se inter-relacionam de modo hierárquico.

As construções foco neste trabalho, como em (53) e (54), CMCP, em (55) e (56), CPP e em (57) e (58), CFV2, são formadas pela sequência de dois verbos, sendo o primeiro o verbo *ir/vir* e o segundo estando em forma infinitiva, podendo existir ou não material interveniente entre V1 e V2.

(53) eles **foram lá vê(r)** o banhe(i)ro/ a câmara do banhe(i)ro femini::no.. (IBORUNA/AC-74; NE: 48-49.)

Em (53), o falante afirma que *eles foram* a algum lugar, marcado pelo locativo *lá*, com a finalidade de *ver a câmara*. Trata-se de CMCP, cuja leitura permite compreender o deslocamento físico de um ponto a outro com uma finalidade, que no caso é a de *ver algo*. Consoante Oréfice (2014), em CMCP, é importante que a noção de movimento espacial de V1 esteja presente, uma vez que é responsável por, ligada a um segundo verbo em forma infinitiva, assinalar um deslocamento no mundo das intenções, marcando finalidade. Esse deslocamento no mundo das intenções justifica, portanto, a presença de um verbo com semântica de um movimento orientado.

Em (54), há uma CMCP formada pelo verbo *vir*:

(54) daí dois dia precisô(u) voltá(r) pa mesa de cirurgia de novo... FEZ outra cirurgia... aí precisô(u) de doa/ doador de sangue... aí **ele veio tomá(r) um sangue** uma doadora uma própria colega dele do hospital... (IBORUNA/AC-59; NE: 33-36).

O informante afirma que uma pessoa precisou receber uma doação de sangue de uma colega dela do hospital. Percebemos, pelo contexto em que a CMCP se insere, que

se trata de uma construção formada por dois eventos: o deslocamento espacial até o hospital com a finalidade de se atingir o segundo evento, a de *tomar sangue*. A CMCP é evidenciada tanto pela presença do verbo *voltar*, próximo a ela, cuja semântica também indica um movimento, quanto pelo fato de ocorrer um locativo logo em seguida, com o termo *hospital*.

Em (55), embora a construção em destaque pareça se relacionar à CMCP, apresentando semelhanças em sua organização sintática, observamos que a leitura é diferente, uma vez que ela não apresenta a noção de finalidade, como a CMCP ou mesmo como as orações adverbiais finais, com as quais a CMCP apresenta relação estrita.

(55) ... ou:: você trabalha ou num trabalha você é rico você é pobre você é atendido pelo SUS... só que é meio éh éh éh um sistema furado... [Doc.: uhum ((concordando))] porque:: ((informante pigarreia))... se **fosse funcioná(r)** como... como foi PROgramado o sistema SUS... era/ porque o sistema SUS foi funcionado ah/... todas as cidade tem uma verba do governo pro SUS... (IBORUNA/RP-105; NE:400-404)

Na construção em (55), o informante está reclamando sobre o sistema SUS. Segundo ele, o sistema público de saúde não funciona como foi programado para funcionar, visto que, caso *fosse funcionar*, não seria um sistema furado.

Diferentemente do que ocorre em CMCP, as construções como em (55), as CPP, não marcam dois eventos distintos. O verbo *ir, fosse*, nesse caso, não apresenta semântica de trajetória espacial, como ocorre com o movimento orientado da CMCP. Isso se comprova pelo fato de a CPP, em (55), poder ser intercambiada por uma forma simples hipotética, sem danos ao entendimento da construção, *se fosse funcionar* → *se funcionasse*. Além disso, o sujeito inanimado, *SUS*, auxilia na constatação de que na CPP, em (55), perdeu-se o conteúdo semântico de movimento espacial. O que ocorre, nesse, a exemplo das perífrases verbais *ir+ infinitivo*, é um deslocamento temporal, contudo, sem que marque uma trajetória futura, como nas perífrases temporais de futuro (cf. seção 2). O mesmo tipo de semântica pode ser observada em (56):

(56)–“uma coisa eu vô(u) te falá(r) tua mulher... éh/ éh/ nasceu de novo... eu só num matei ela consideração a você que **cê veio conversá(r)** comigo hu/ humildemente... se não eu ia dá(r) um tiro na cabeça dela” (IBORUNA/RP-62; NR:185-188)

Em (56), o falante está narrando um conflito vivenciado pelo irmão, cuja mulher foi poupada, em um assalto, por consideração ao marido, o qual *veio conversar* com o assaltante. Não se interpreta, nessa construção, sentido de finalidade. O verbo *vir*, do qual se exprime, em sentido inicial, a noção de movimento, parece ter desbotado parte do seu conteúdo semântico.

Assim, a construção em (56), diferentemente da CMCP, possibilita-nos perceber que existem formas verbais compostas em concorrência às formas simples, formadas pelo verbo *vir*, cuja leitura se metaforizou de um sentido de deslocamento espacial a uma finalidade, como na CMCP, para um deslocamento temporal, conforme mostrado em (57a).

Em (56a), a troca hipotética da forma composta *veio conversar* (em 56) por *conversou* é gramaticalmente aceita e oferece a mesma leitura que em (56), sem prejuízo da mensagem passada pelo falante. Classificamos construções como essa em CPP, cujo estatuto é semelhante ao das construções perifrásticas temporais futuras, com V1 com uma forma auxiliar.

(56a) (!) eu só num matei ela consideração a você que **cê conversou** comigo

Percebemos, no entanto, que as CPP, como em (56), diferentemente das perífrases de futuro, representam deslocamento temporal para um momento anterior ao momento da fala do locutor. Além disso, a perífrase verbal, como em (57), ao ser substituída por uma forma simples (57a), apresenta sempre leitura de futuro, ao contrário do que ocorre com construções como em (56) e (57), as quais conservam, na forma simples, o mesmo tempo verbal de V1 em perífrases. Em (56a), a ação verbal se mantém no passado, *conversou*, mesmo tempo verbal de V1 em (56), *veio*, bem como as desinências verbais em (55), *fosse funcionar*, que são conservadas na forma simples, *funcionasse*.

(57) Eu **vou comprar** um vestido novo.

(57a) Eu **comprarei** um vestido novo.

Desse modo, embora as CPP sejam parecidas com as perífrases futuras, não possuem todas as propriedades dessa categoria, conforme descreveremos na seção seguinte. O fato de as CPP carregarem as mesmas desinências verbais, seja em forma

simples ou composta, e de essa concorrência entre as construções ocorrer com V1 em tempo passado, justifica, por meio de dados empíricos, que analisemos esse tipo de construção, buscando estabelecer relações e diferenças entre elas, com o intuito de embasar nossa hipótese de que as CPP é uma microconstrução com propriedades distintas, mas que estabelece relações de herança, seja com a CMCP, ou com a oração adverbial final.

Além dessas ocorrências, encontramos construções formadas pelos verbos *ir/vir* seguido de infinitivo, as quais não marcam finalidade, como a CMCP, nem deslocamento temporal, como a CPP. Essas construções, como em (58) e (59), são as que denominamos CFV2, as quais, no nível do discurso, parecem enfatizar a ação verbal de V2 por meio do uso de uma forma composta.

(58) tinha condição de fazê(r) um tratamento com essas pessoas... éh:: esses dentistas mais... mais:: sofisticados... e assim é esses aí... o::... esses vinte trinta mil reais... são POUcos pouquí::ssimos brasile(i)ros que ganham isso... e eles **vem achá(r)** ainda... que ganham po(u)co... que jogam muito... que é isso?... (IBORUNA/AC-147; RO:110-114)

Em (58), o falante afirma que são poucos os brasileiros que têm um salário em torno de vinte, trinta mil reais e essas pessoas ainda acham que ganham pouco. Podemos perceber, pelo conteúdo da mensagem, de que se trata de um desabafo, com o qual o falante demonstra aborrecimento em relação a esses indivíduos, o que se intensifica pela pergunta retórica, no final do trecho, *que é isso?* Ademais, a CFV2, em (58), está salientada pelo segmento de um advérbio, *ainda*, o que, segundo Ilari (2002), focaliza ainda mais a construção, visto que demonstra maior perplexidade por parte do informante com relação ao fato de as pessoas julgarem ser mal remuneradas. Essa focalização da ação, por meio de uma construção em forma composta, também é observada em (59):

(59) e ele diz que num viu placa nenhuma e seguiu reto... **foi pará(r)** em Monte Aprazível ((risos))... chegando em Monte Aprazível ele perguntô(u) pr'um senhor... se Bálamo tava longe (IBORUNA/AC-112; NR:128-130)

Em (59), o informante está narrando algo que ocorreu com outra pessoa, a qual estava viajando de carro, mas se perdeu ao não ver uma placa. O destino do motorista era a cidade de Bálamo, mas ele *foi parar em Monte Aprazível*. A CFV2 *foi parar*, nesse

caso, seguida por um locativo e por risos, demonstra que o falante, ao usar a forma composta, salientou a ação de forma divertida, visto que, segundo ele, o fato de o motorista ter se perdido e, ainda, perguntar informações para uma terceira pessoa era algo engraçado.

Ainda que a CFV2 apresente propriedades comuns à CMCP e CPP, nesse tipo de construção não ocorre deslocamento, como na CMCP. Em (58), podemos notar que a construção *vem achar* não marca movimento prototípico e, embora a construção em (59) indique o ponto final ao qual se dirige o falante, por meio de um movimento anterior, o de *seguir reto*, a semântica de destino é marcada pelo verbo *parar*, pois o verbo *ir*, nesse caso, está desbotado semanticamente. Além disso, diferentemente da CPP, na CVF2 a troca da forma composta pela forma simples, *vem achar* → *acham/ foi parar* → *parou* influencia na intenção do falante de focalizar a ação. Desse modo, não estamos falando de metaforização temporal, como ocorre em CPP, mas de se enfatizar a ação de V2 por meio de uma forma composta.

Os três tipos de construções, cujas propriedades são delimitadas nas seções seguintes, estão ligados tanto pela semelhança da configuração sintática, quanto pelo sentido de movimento. Na CMCP, ocorre um movimento espacial orientado a uma meta, marcando finalidade. Na CPP, o movimento é metafórico temporal, levando a ação para um momento anterior ao da fala, no passado. E a CFV2, por seu turno, embora não marque movimento prototípico, como na CMCP, movimenta a atenção do falante para a ação de V2, de forma a enfatizá-la, buscando convencê-lo a respeito do julgamento que tem sobre essa ação.

Acreditamos, portanto, que as construções com *ir/vir* seguido de infinitivo possuem diferentes níveis esquemáticos (nos termos de TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013), os quais possuem limites difusos, conforme vimos em alguns dados, como em (61). Nesse caso, não fica evidente se podemos classificar a construção como uma CMCP, com um movimento temporal, ou CPP, em que o V1 marcaria deslocamento temporal.

Em (60), abaixo, o entrevistador pergunta ao informante como foi o dia em que ele *foi contar* ao sogro que estava namorando com a filha dele. Não fica claro, nesse caso, se o verbo *ir* foi utilizado com a intenção de demonstrar um deslocamento até a casa do sogro ou se o falante utilizou a forma perifrástica referente à ação de contar, no passado, *contou*.

(60) Doc.: como que foi o dia que cê **foi contá(r)** pr'os pais dela me conta de/ assim [como que foi] Inf.: 2[ah::] ficô(u) lo/ fiquei meio com medo fiquei na hora... porque o pai dela é meio bravo... (IBORUNA/AC-61; NE:15-16)

Casos do tipo descrito em (60), os quais permitem uma leitura ambígua, são forte evidência de que as construções formadas pelos verbos *ir/vir* seguido de infinitivo estão organizadas em diferentes níveis esquemáticos, formando uma rede hierárquica, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), com membros mais prototípicos em oposição a outros mais periféricos, com diferentes níveis categoriais.

Adotando essas evidências e por meio de análise quantitativa de dados retirados do Projeto Iboruna, nesta seção, apresentamos a rede hierárquica formada pelas construções com os verbos *ir/vir* seguido de infinitivo.

A partir da relação de finalidade, prototipicamente marcada pela oração adverbial final (TORRENT, 2009), as construções formadas pelos verbos *ir/vir* seguido de infinitivo se organizam em diferentes níveis hierárquicos, dentro de uma rede construcional. Observamos que todas as construções carregam de algum modo parte do valor semântico de movimento, comum aos verbos *ir* e *vir*. A CMCP é marcada por um movimento espacial associado aos verbos de movimento orientado que integram sua estrutura. A CPP apresenta um movimento no eixo temporal, uma vez que, por meio dessa construção, a ação verbal é marcada sempre em um tempo anterior ao momento da fala. A CFV2, por seu turno, movimenta a atenção do leitor à ação verbal de V2, visto que, por meio dos verbos *ir* ou *vir*, dá ênfase a esse evento. Além disso, as fronteiras categoriais não são delimitadas, mas sim difusas (TAYLOR, 1995), e algumas ocorrências parecem estar alocadas entre os diferentes níveis de microconstruções, marcando ambiguidades. Esses casos foram discutidos de forma qualitativa somente e, embora não tenham sido consideradas no *corpus* de quantificação de dados, são importantes para demonstrar a noção de gramática emergente (HOPPER, 1987) e sem limites estritamente definidos, conforme adotado pela noção de prototipia (LABOV, 1973; ROSCH, 1978; TAYLOR, 1995).

Com o intuito de comprovar as mudanças em diferentes estágios na rede formada pelas construções com os verbos *ir/vir* seguidos de infinitivo, apresentamos, a seguir, os resultados da quantificação dos dados coletados do *corpus* Iboruna.

Desse modo, na CMCP, onde o nível de esquematicidade é mais explícito pelo uso dos verbos com noção de movimento, parece existir um nível maior de restrição

quanto a processos semânticos mais abstratos, na posição de V2, ao contrário do que ocorre com as CPP e as CFV2.

Com relação ao critério *animacidade do sujeito*, ele se mostrou importante para comprovarmos o desbotamento semântico das CPP e CFV2, as quais, por não implicarem movimento espacial, são mais propícias a ocorrência com sujeitos inanimados se comparadas às CMCP.

O tipo de complemento em V2 também é relevante à categorização da CMCP como uma construção em nível mais concreto, com deslocamento seguido de ação, a qual marca finalidade.

A presença/ausência de materiais intervenientes entre V1 e V2 mostra o nível de integração sintática das construções e é importante para entendermos aspectos relacionados à composicionalidade ou não-composicionalidade delas.

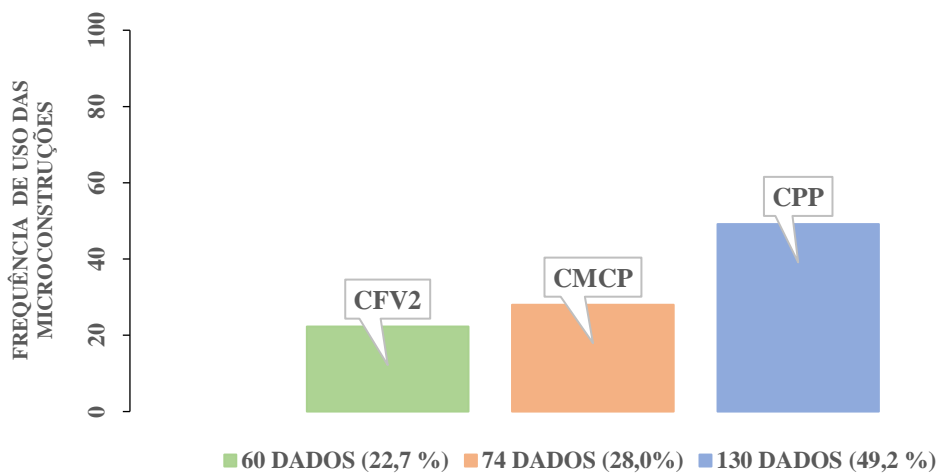
A presença de locativos em contextos aos quais as construções se inserem foi controlado porque são fortes evidências de que estamos diante de CMCP, as quais pressupõem um deslocamento espacial a um destino físico, que é a própria finalidade.

Os resultados dos cruzamentos realizados estão apresentados por meio das variáveis, exemplificados com microconstruções com os verbos *ir* e *vir*.

Pautados na quantificação e cruzamento dos dados e baseando-nos nas variáveis acima, apresentamos as propriedades inerentes a cada tipo de construção, a fim de identificar a relação hierárquica existente entre elas dentro da rede construcional de *ir/vir* seguido de infinitivo, a qual está apresentada na seção de construcionalização das CMCP, CPP e CFV2.

3.2.2 Frequência de uso das construções com *ir/vir* seguido de infinitivo

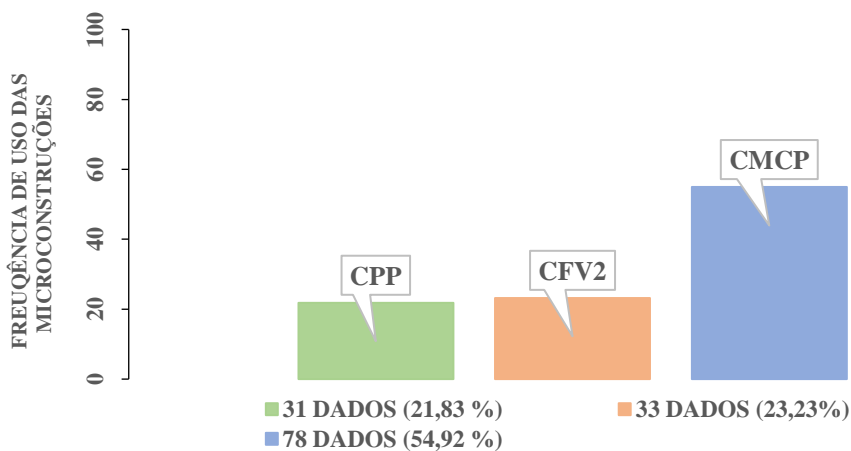
As construções com o verbo *ir* no passado, quantificadas pelo programa Excel somam um total de 264 construções, dentre as quais 49,2% foram classificadas como CPP (130 dados). As CMCP totalizam 28% dos dados (74 ocorrências). A soma da quantidade de ocorrências das CFV2 equivale 22,7% (60 construções).

Gráfico 1: Frequência de uso das microconstruções com verbo *ir*

Microconstruções com *ir* seguido de infinitivo

Fonte: elaboração própria.

As construções formadas pelo verbo *vir* seguido de infinitivo somam um total de 142 ocorrências. Representando a construção mais recorrente, dentre os dados quantificados, está a CMCP, com 54,9% (78 dados). Em seguida, estão as CFV2, com 23,2% (33 dados) e, por fim, as CPP, proporcionalmente 21,8% (31 dados).

Gráfico 2: Frequência de uso das microconstruções com verbo *vir*

Microconstruções com *vir* seguido de infinitivo

Fonte: elaboração própria.

Embora as CPP sejam mais recorrentes na construção com *ir*, nos casos de construções com o verbo *vir*, defendemos a hipótese de que as CMCP são mais frequentes pelo fato de estarem mais próximas das orações adverbiais finais, mantendo a noção de movimento espacial do verbo *vir*. As construções com o verbo *ir*, em contrapartida, por apresentarem semelhanças com a perífrase temporal, ocorrem em maior número em CPP, se comparadas às CFV2 e CMCP, visto que parecem causar menos estranheza aos falantes. Além disso, nas CMCP, não ocorre perda do conteúdo semântico de movimento de V1, o que permite ao falante utilizá-las de forma mais natural do que as demais construções.

A alta frequência das CMCP, como ocorre com as construções com o verbo *vir*, é uma forte evidência de que essas construções possibilitam maior extensibilidade a novos itens, como as CPP e CFV2, visto que, segundo Bybee (2016, p.13), “quanto maior a frequência de um *type* (ou padrão construcional) maior a produtividade ou probabilidade de a construção se estender a novos itens”. A respeito das CPP com o verbo *ir*, por seu turno, apesar de sua predominância com relação às demais construções com esse verbo, são extensões das CMCP e oração adverbial final e se apresentam de forma bastante frequentes por se tratar, o verbo, *ir*, de um verbo altamente recorrente na língua.

Ainda que exista diferença no número de ocorrências das construções com *ir/vir* seguido de infinitivo, todas elas são bastante frequentes na língua portuguesa e estão hierarquicamente posicionadas, em uma rede construcional, abaixo das orações adverbiais finais. Algumas propriedades são importantes para compreendermos os três caminhos seguidos pela mudança dessa construção, por meio das CPP, CMCP ou CFV2. Apresentamos, a seguir, o tipo semântico de V2 em todos os tipos de construções aqui estudados, defendendo que existem restrições e implicações que são justificadas levando-se em conta essa variável.

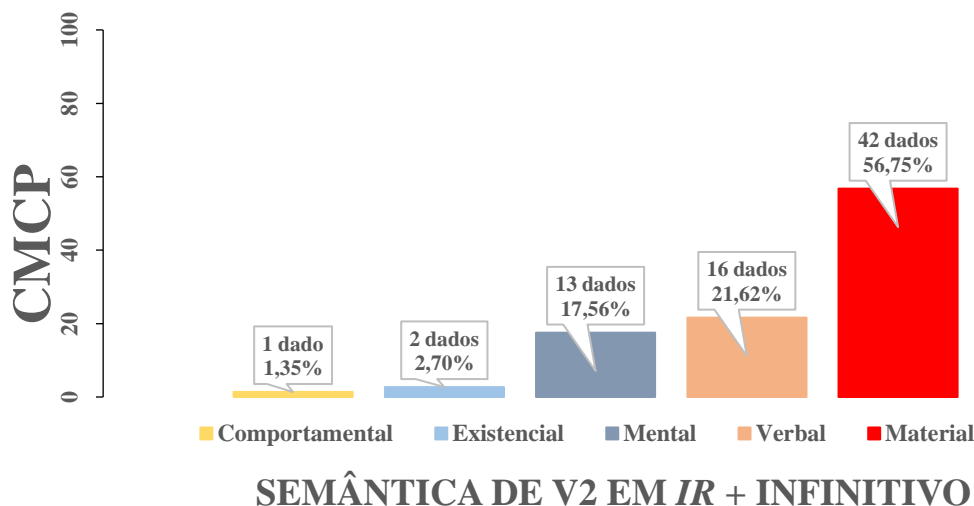
3.2.3 Tipo semântico de V2

Nesta subseção, apresentamos os cruzamentos de dados referentes às microconstruções CMCP, CPP e CFV2 e os tipos semânticos de V2 (HALLIDAY, 1994). Consideramos essa variável importante à comprovação de nossas hipóteses, visto que as microconstruções supracitadas estão em diferentes níveis de esquematicidade e composicionalidade e por meio do tipo de verbo presente em V2, podemos averiguar a quantidade de eventos presentes na construção.

3.2.3.1 Tipo semântico de V2 em CMCP

As CMCP com *ir* seguido de infinitivo apresentaram 56,7% dados com verbos de processo **material**, como em (61), 21,2% de dados com processo **verbal**, como em (62), 17,5% com verbos de processo **mental**, como em (63), 2,7% de dados com processo **existencial**, em (64) e 1,3% com processo **comportamental**, em (65). Além disso, não encontramos ocorrência de CMCP com *ir* seguido de verbos de **processo relacional** no lugar de V2.

Gráfico 3: Semântica de V2 em CMCP *ir* seguido de infinitivo



Fonte: elaboração própria.

(61) Inf.: conversei com meu irmão::... aí nós **foi lá limpá(r)...** a chácara... depois nós lavô(u) a piscina... depois nós foi... limpô::(u)... a casa... (IBORUNA/AC-61; NE:59-60).

Em (61), o falante afirma que ele e o irmão foram até um lugar, *a chácara*, marcado pelo locativo *lá*, com a finalidade de *limpar* o local, a casa e a piscina. Na CMCP, ocorrem dois eventos, o primeiro de deslocamento, marcado pelo verbo *ir*, e um segundo, o de realizar outra ação prevista pela finalidade da construção, *limpar*, no caso da CMCP.

(62) passô(u) uns dias o conselho tutelar **foi lá na escola conversá(r)** com a dona S.... (IBORUNA/AC-86; RO:890)

Em (62), o falante diz que o conselho tutelar foi até um lugar, a escola, com a finalidade de conversar com outra pessoa. Nesse caso, percebemos, a exemplo de (62), duas ações sendo marcadas pela CMCP, a de deslocamento até um local com a finalidade de atingir outra ação, a de *falar* com alguém.

Em (63), o falante diz que *foi* até o lugar de onde vinha sons com a intenção de *ver* o que estava acontecendo. Embora nessa construção seja usado um verbo de processo mental, *ver*, podemos afirmar, pelo fato de o contexto ser uma briga, que a intenção do falante não foi a de somente *ver* o que estava ocorrendo, mas sim compreender o porquê da briga e tentar evitar que ela continuasse.

(63) eu tava dormin(d)o... aí na hora que eu acordei que eu vi eles gritan(d)o eu acordei eu **fui lá vê(r)** tava todo mundo lá já... aí eu vi que eles tava discutin(d)o né?... tava brigan(d)o já... aí mi/ minha mãe falava pra num fazê(r) i::sso né? (IBORUNA/AC-86; RO:886-888).

Na CMCP, em (64), o falante diz que alguém *foi* até um lugar *morar* com outra pessoa. As duas CMCP com o verbo *ir* seguido de verbos de processo existencial ocorrem com o verbo *morar*, como em (64). Em construções com esse verbo, ainda que seja possível uma leitura de deslocamento espacial, propriedade da CMCP, percebemos que a marcação de dois eventos não é tão explícita quanto com outros verbos de movimento orientado, como em (62) e (63), em que a finalidade é bem explícita. *Morar*, no entanto, não indica ação prototípica, ainda que se a construção marque propósito.

(64) Doc.: [onde assim que eles] se viam? Inf.: escondido... porque... ninguém sabia de nada nós só ficô(u) sabendo quando ela:: **foi mesmo embora morá(r)** com ele lá... sabe... (IBORUNA/AC-90; NE:116-118).

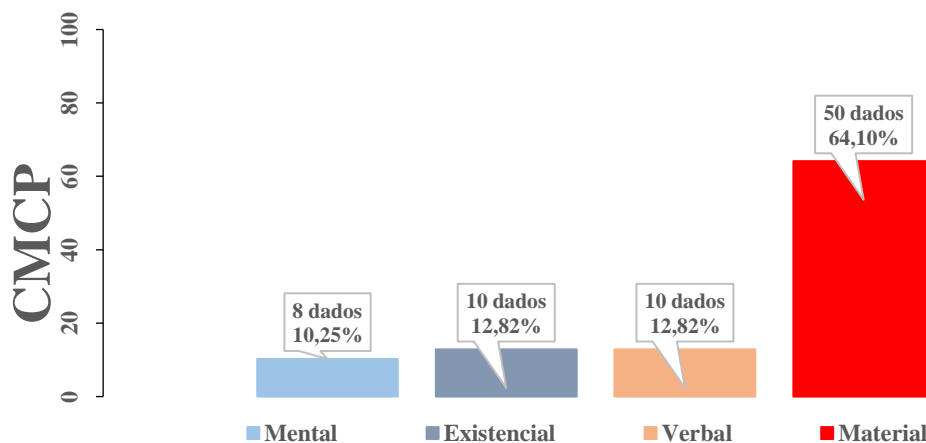
Em (65), o falante diz que a esposa dele, no dia em que eles iriam embora para São Paulo, *foi* até a casa do ex-marido com a finalidade de se *despedir* do filho dela. Na CMCP, os dois eventos, *ir* e se *despedir* são explícitos.

(65) chegô(u) a dá(r)... muita confusão essa briga porque:: era no dia que nós fomos embora pra São Paulo::... ela **foi despedí(r)** do filho dela na casa do:: ex-marido dela e::...

eu num gostei e nós (a)cabô(u) brigan(d)o eu e o ex-marido dela... (IBORUNA/AC-29; NE:30-35)

Com relação à CMCP seguida de infinitivo com o verbo *vir*, 64,1% dos dados ocorrem com verbos de processo **material**, como em (66), 12,82% dos dados com verbos de processo **verbal**, em (67), 12,82% com verbos de processo **existencial**, em (68) e 10,25% dos dados com processo **mental** em (69), apresentando restrições com relação a verbos de processo **comportamental** e **relacional**.

Gráfico 4: Semântica de V2 em CMCP *vir* seguido de infinitivo



SEMÂNTICA DE V2 EM CMCP *VIR*+INFINITIVO

Fonte: elaboração própria.

Na CMCP, em (66), o informante diz que ele e outra pessoa *vem* até a casa da cunhada com a finalidade de realizar uma segunda ação, no caso, *pintar*. Podemos perceber, nesse caso, a realização de dois eventos bem definidos.

(66) E aí ele peço já me pôs lá no negócio –“não vem eu e o Z. aqui e tal... a gente **vem pintá(r)** pra vocês... cês compram o material que nós **vem pintá(r)**”– aí:: a minha cunhada (IBORUNA/AC-127; NE:26-28).

Em (61), a informante diz que o primo dela capotou um carro e os colegas dela *vieram chamá-la* para ir até a Santa Casa ver o marido que estava todo machucado. Nesse

caso, ocorrem duas ações bem definidas, sendo que a ação de V1 demonstra um movimento com finalidade de se atingir a ação de V2.

(61) Inf.: e quando eles voltaram... éh:: meu/ o meu primo capotô(u) o fusquinha né? o carro dele e:: machucô(u) todo mundo... aí era né? e/ os né? colega **vieram chamá(r)** né? Que eles tava tudo no hospital... aí eu fui lá na Santa Casa... meu marido tava tudo machucado... (IBORUNA/AC-136; NR:61-65)

Em (62), a informante diz que, aos dez anos de idade, *veio morar* na cidade junto com o pai. As CMCP com verbo de processo existencial ocorrem todas com o verbo *morar*. Diferentemente das outras CMCP, como em (79), nessas construções, ainda que seja possível uma leitura de movimento espacial do verbo *vir*, as ações de V1 e V2 estão mais integradas.

(62) Doc.: [e] depois... a senhora... é:: terminô(u) a esco::la? Inf.: terminei... aí QUAN::do eu já tinha::... DEZ anos meu pai **veio... morá(r)** na cidade... [Doc.: hum] a gente vendeu logo o **sítio e veio... morá(r)** na cidade... (IBORUNA/AC-108; NE:73-75)

Em (63), a CMCP é formada pelo verbo *vir* seguido de um verbo de processo mental, *ver*. Nesse caso, a informante diz que a irmã dela a chamou para *ver algo*. Percebemos, nessa CMCP, duas ações, a de *ir* até dentro de casa com a finalidade de *ver* as cadeiras novas.

(63) chegamo(s) em ca::sa... e meu pai tinha comprado umas cade(i)ra no::va... aí a mi/ eu na frente conversan(d)o c'as minhas amigas... aí minha irmã me chamô(u)... –“**vem aqui vê(r)**... vem aqui”– e a minha/ que vergonha das minhas amigas né?... (IBORUNA/AC-98; NE:9-14).

As CMCP são construções em que, obrigatoriamente, percebemos dois eventos distintos, sendo que a ação de V1 é sempre um movimento orientado a um segundo evento. Nesse caso, a própria semântica de movimento espacial de V1, nas CMCP, marca a finalidade da construção. Portanto, são construções que, ainda que estejam mais integradas do que a oração adverbial final (por não possuírem conectivo entre V1 e V2, ao contrário desta) mantêm na semântica, o conteúdo dos significados das partes, o que

demonstra maior composicionalidade do que as CPP e a CFV2, construções instanciadas por ela.

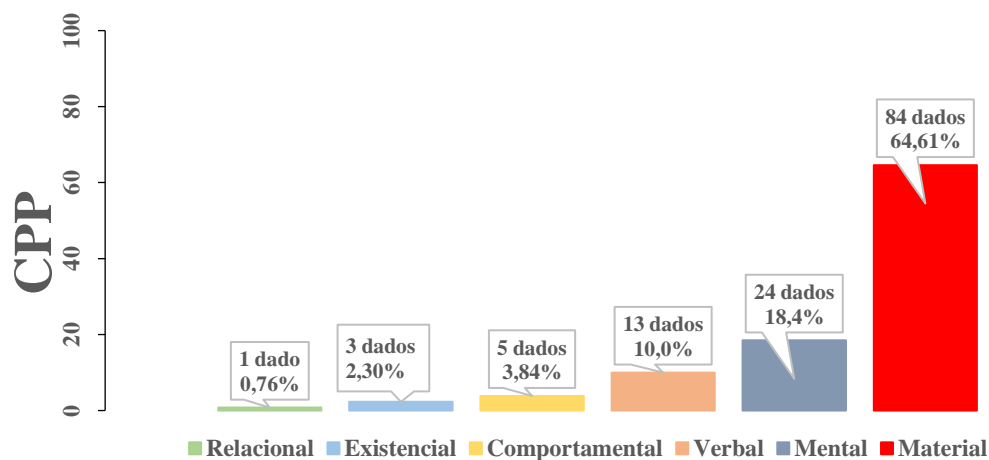
Isso justifica a alta frequência de verbos com semântica relacionada ao mundo físico, os verbos de *fazer*, nos termos de Halliday (1994), em contraposição à baixa aceitabilidade de outros tipos semânticos mais ligados ao mundo das relações abstratas, como é o caso dos verbos relacionais, ou do mundo da consciência, como os verbos comportamentais.

Traugott e Trousdale (2013), a respeito da esquematicidade, afirmam que níveis mais esquemáticos de construções são mais abstratos, inclusivos e composicionais. Verificamos, por meio da variável *tipo semântico*, que na CMCP, ocorrem dois eventos bem definidos, o que evidencia a composicionalidade alta dessa construção, uma vez que o movimento da ação de V1, somado à ocorrência de um verbo em forma não finita em V2, são propriedades inerentes à CMCP, cujo sentido de finalidade é estritamente dependente da identificação dos componentes da construção.

3.2.3.2 Tipo semântico de V2 em CPP

As CPP com *ir* seguido de infinitivo ocorrem com o espaço de V2 preenchido por verbos de processo **material** (64,6%), como em (64), processo **mental** (18,4%), em (65), **verbal** (10%), em (66), **comportamental** (3,84%), em (67), **existencial** (2,36%), em (68) e **relacional** (0,76%), em (69).

Embora a porcentagem de dados de processo material seja altamente predominante, as construções com *ir* seguido de infinitivo, não apresentam restrição quanto aos outros tipos semânticos em V2.

Gráfico 5: Semântica de V2 em CPP *ir* seguido de infinitivo

SEMÂNTICA DE V2 EM *IR* + INFINITIVO

Fonte: elaboração própria.

Em (64), o informante diz que o suco de morango deve ser preparado como se *fosse fazer* um suco de laranja. Percebemos, pela CPP *fosse fazer*, que se trata de um uso perifrástico, com dois verbos integrados, os quais, inclusive, poderiam ser trocados por uma forma simples, *fizesse*, sem perda de compreensão da informação.

(64) como você toma o suco de morango sendo que ele... o morango ele tem mais é gosto e num tem líquido então o que você faz? você faz um suco como se **fosse fazê(r)** de laranja... aí você substitui... o... líquido da água... (IBORUNA/AC-103; RP:390-394)

Em (65), a informante diz que *foi aprender* a enfeitar bolo. Trata-se, também, de uma CPP, uma vez que, por meio da junção do verbo *ir*, em tempo pretérito, e de um segundo verbo, de processo mental, *aprender*, temos a ocorrência de uma ação somente, a de *aprender* algo, cujo sentido poderia ser explícito, inclusive, por uma forma simples, *aprendi*.

(65) toda vez que ela... é/ éh::...ela ensinava a confeitá(r) bolo então eu **fui aprendê(r)**... a enfeitá(r) bolo... e NÃO:: o salgado que (inint.)... (IBORUNA/AC-96; RP:270-271)

Em (66), o informante diz que, caso *fosse pedir* comida na casa dos outros, provavelmente alguém daria. Nesse caso, a CPP *fosse pedir* indica, por meio da junção do verbo *ir*, no pretérito do subjuntivo, e do verbo de processo verbal, *pedir*, a ação de pedir algo e poderia ter intercambiada, sem maiores alterações de significado, por *pedisse*.

(66) ela::... ela fi/ pegava... e num fazia comida né?... de(i)xava eu... eu com fome... chegava/ chegava até chorá(r) de fome... né? e eu:: muito bobo num... num... num IA pedí(r) comida na casa dos o(u)tro se eu **fosse pedí(r)** né? alguém me me daria né?... (IBORUNA/AC-69; NE:38-41)

Em (67), a informante diz que a filha *foi experimentar* um copo de vinho e acabou passando mal. Nesse caso, percebemos que a construção *foi experimentar* trata-se de uma CPP com verbo *ir*, na terceira pessoa do pretérito perfeito, seguido do verbo *experimentar*. Por se tratar de uma CPP, podemos notar que a construção indica somente a ação de *experimentar*, podendo ser parafraseada por *experimentou*.

(67) só uma vez a minha filha ela foi com umas aMIGas... e:: ela nunca tinha tomado::... nada de bebida alcoólica né?... e ela **foi experimentá(r)** uns... um/ a/ um... um copinho de vinho... e ela achô(u) que era uma coisa num sabia como ia sê(r) a rea/ a reação... dePOIS né?... e aí ela... caiu mesmo (IBORUNA/RP-101; NR:105-108)

Em (68), podemos perceber, na construção *fosse funcionar*, que se trata de uma CPP, a qual poderia ser usada como uma forma simples, *funcionasse*, sem prejuízo ao sentido da informação. Assim, a informação passada pela construção é a de *funcionamento* de algo, sendo que o verbo *ir*, nesse caso, não indica ação.

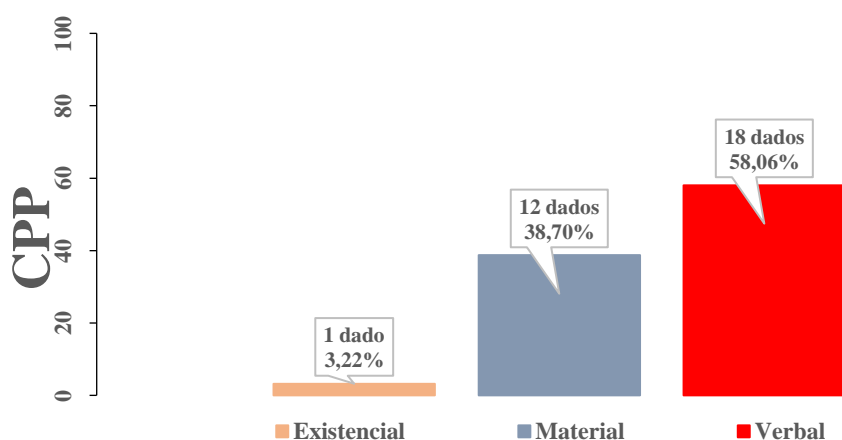
(68) ... ou:: você trabalha ou num trabalha você é rico você é pobre você é atendido pelo SUS... só que é meio éh éh éh um sistema furado... [Doc.: uhum ((concordando))] porque:: ((informante pigarreia))... se **fosse funcioná(r)** como... como foi PROgramado o sistema SUS... era/ porque o sistema SUS foi funcionado ah/... todas as cidade tem uma verba do governo pro SUS... (IBORUNA/RP-105; NE:400-404)

Em (69), a informante diz que a mãe *foi parar de amamentar*. Nessa construção, apesar de ocorrerem dois verbos, *foi* e *parar*, notamos apenas uma ação, a de *parar*. Além disso, há um outro verbo após a construção, *amamentar*. Percebemos, nesse caso, que o uso da CPP poderia ser facilmente substituído por uma forma simples, *parou*.

(69) –“não... eu só vô(u) pôr brin/ cê vai pôr brinco o dia que você de(i)xá(r)... de mamá(r) se cê pará(r) de mamá(r) a gente coloca brinco”–... aí... ela falô(u) –“então tá bom... eu páro... e vô::(u)... pôr brinco”– aí ela catô(u) levô(u) ela pa colocá(r) brinco... aí ela re/... lógico... doeu porque... furá(r) a orelha dói mas ((risos))... ela falô(u) assim –“ai mas eu agüento”– ((fala rindo)) e::... né? e/ u::/ aí que ela **foi... pará(r)** de amamentá(r)... então é/ foi a gestação né?... (IBORUNA/RP-102; NE:87-90)

A respeito das CPP formadas pelo verbo *vir*, dentre os 142 dados coletados, no que se refere aos processos semânticos (HALLIDAY, 1994) de V2, os casos encontrados ocorrem com verbos de processos verbal, (58,0%), em (70), material, (38,7%), em (90), e existencial, (3,22%) do total, conforme o dado mostrado em (71). Esse tipo de construção parece apresentar restrições aos verbos de processo mental, relacional e comportamental.

Gráfico 6: Semântica de V2 em CPP com *ir* seguido de infinitivo



SEMÂNTICA DE V2 EM *VIR*+INFINITIVO

Fonte: elaboração própria.

Em (72), a CPP *vinham falar* indica a ação dos alunos de reconhecerem verbalmente para a informante o quanto a aula tinha sido importante. Além disso, essa construção pode ser parafraseada por uma forma simples, *falavam*, sem prejuízos à informação.

(72) aulas teóricas... entremeadas também com muito seminário... com muita leitura obrigatória... coisa que (precisa lê(r)) durante o curso de TESTAVAM mas que depois do curso **vinham falar**(r) – “ é professora aquilo que a senhora ((rindo)) obrigô(u) a gente a lê(r)... entrava no concurso” – né? (IBORUNA/RP-146; DE:240-244).

Em (73), a CPP *veio mostrar* indica, também, somente uma ação, a de mostrar algo à informante, podendo ser substituída por uma forma simples, *mostrou*.

(73) porque a leitura você tem que lê(r) e imaginá(r) na cabecinha tudo o que tá acontecendo... naquele pedacinho de texto” – e aí ele pegô(u) um livro... e **veio mostrá(r)** que ele tava lendo bem... e ele pegô(u)... e falô(u) – “óh... aqui tá escrito isso isso isso isso e isso” (IBORUNA/RP-108; NE:126-130).

Em (74), a CPP formada por um verbo existencial ocorre com o verbo *mudar*. Nesse caso, a CPP, por ocorrer com um verbo existencial, não marca ação prototípica, como ocorre com verbos de processo material, como em (90), por exemplo.

(74) Inf.: não antes eu morava aqui em Onda Verde né? daí... daí:: meu pai::... ganhô(u) herança né? (ganhô(u) uma casa aqui né?)... daí **a gente veio mu/ mudá(r) pra cá...** e essa::... como eu falei antes... é que mudô(u) muito pra mim né?... porque eu comecei morá(r) em sítio mas aqui é mais sossega::do... de boa... na cidade é mais... sei lá né? (IBORUNA/AC-41; NE:20-25).

Com relação ao tipo semântico de verbos em CPP, percebemos, comparando-as com as CMCP, que, ainda que ocorram verbos de processo material em grande quantidade, as CPP são menos restritivas com relação a verbos relacionados ao mundo das relações abstratas (HALLIDAY, 1994), o que se evidencia, por exemplo, pelo alto índice de verbos de processo verbal nas construções formadas pelo verbo *vir*.

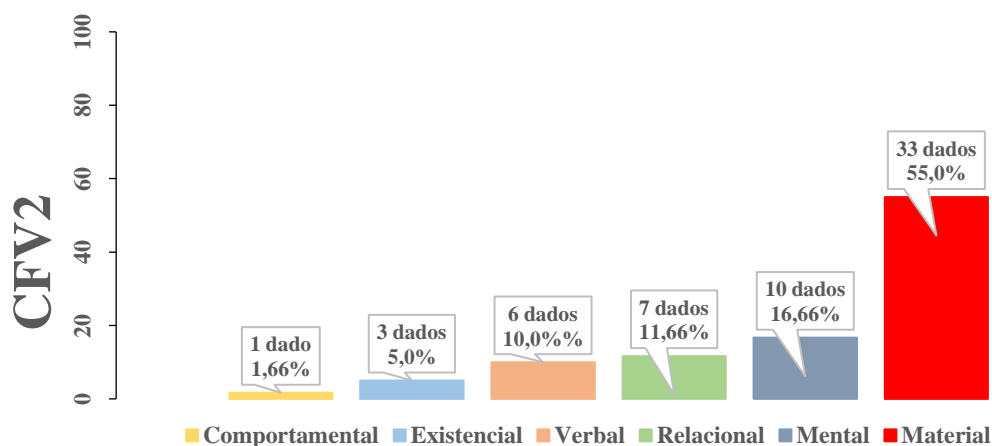
As CPP, as quais são advindas das CMCP, estão em um nível mais abaixo do que estas, em uma relação de hierarquia, e são menos composicionais e menos esquemáticas. Em vista disso, a ocorrência de verbos com sentido mais abstrato, nessas construções, justifica-se pelo fato de o V1, na CPP, estar altamente desbotado com relação à semântica de movimento e, por essa razão, a construção não estar tão restrita a marcar ações do mundo físico, do *fazer*, nos termos de Halliday (1994).

As microconstruções CFV2, do mesmo modo como ocorre com as CPP, apresentaram resultados distintos da CMCP com relação à presença de verbos de ação e mais abstratos. Na subseção seguinte, apresentamos os resultados dos cruzamentos de V2 com relação às CFV2.

3.2.3.3 Tipo semântico de V2 em CFV2

As CFV2 com *ir* seguido de infinitivo não têm restrições quanto ao tipo semântico de V2, apresentando todos os descritos por Halliday (1994). Os dados com processo **material** ocorrem com (55%), como em (75), **mental**, (16,6%), como em (76), **relacional**, (11,6%), como em (77), **verbal** (10%), como em (78), **existencial**, (5%), como em (79), **comportamental** (1,6%) das ocorrências, como em (80).

Gráfico 7: Semântica de V2 em CFV2 *ir* seguido de infinitivo



SEMÂNTICA DE V2 EM *IR*+INFINITIVO

Fonte: elaboração própria.

Em (75), o informante diz que algumas pessoas *foram roubar* um motel e bateram no carro da polícia. Nesse caso, percebemos que a construção *foram roubar* trata-se de uma CFV2, visto que existe uma preocupação, por parte do falante, ao usar uma forma composta, em tenta divertir o ouvinte e fazê-lo compreender o quanto ele achava absurdo um roubo em um motel. Isso é evidenciado pelas perguntas feitas por ele, como “*foram roubar o quê?*” e pelo fato de ele estar narrando a história rindo.

Ademais, a CFV2, em (75), não pode ser parafraseada por uma forma simples sem que haja diferença no resultado da informação, cujo impacto seria menor. Portanto, o verbo *ir*, nesse caso, não marca movimento espacial, como em CMCP, mas é desbotado, passando a assumir a função pragmática de marcação da informação focal, no caso, *roubar*. Utilizar dois verbos para marcar um evento demonstra integração entre eles e a focalização da ação de forma mais explícita, o que se perderia caso se usasse a forma simples, *roubaram*, por exemplo. Goldberg (1995) descreve essas implicações na mudança de sentido das construções por meio do princípio da não-sinonímia. Segundo a autora, qualquer mudança sintática na construção implica também em mudança semântica ou pragmática. Dessa forma, usar uma forma composta não somente muda a estrutura sintática da construção, como também inclui maior focalização nessa ação.

(75) Inf.: bateram no carro da polícia Doc.: ahm... e eles **foram ro(u)bá(r)** o quê? Inf.: **foram ro(u)bá(r)** um:: motel ((o Inf. fala baixo)) Doc.: um motel?... e atrapalhá(r) o povo lá? Inf.: cê acha? ((risos)) Doc.: ((risos)) tá (IBORUNA/AC-025; NR:55-60)

Em (76), a informante está narrando uma briga e diz que foi unhada pela adversária. Ao utilizar a CFV2, a informante não marca movimento espacial, com o verbo *ir*, já que ela olha para ela mesma, e o verbo *ir*, em sentido inicial, marca afastamento do locutor. Além disso, parafrasear a construção com uma forma simples, *quando eu vi*, significa deixar mais implícito o aborrecimento da informante com relação ao que a adversária causou nela. Ao usar a forma composta, *fui ver*, a falante evidencia, por meio da estrutura da construção, uma função pragmática de foco da ação de V2, levando o leitor a se compadecer de seu aborrecimento.

(76) aí ela começô(u) a ficá(r) nervosa e começô(u) a me unhá(r) e eu nem (tchum) (inint.) né? aí eu peguei soltei ela assim... quando eu **fui vê(r)** eu tava tudo unha::da... tinha me unhado tudo sabe? (IBORUNA/AC-016; NE:54-59).

Em (77), a informante está narrando um fato triste, o fato de o pai ter saído de casa e ido morar com a colega da mãe, perto da casa onde ela morava. A CFV2 demonstra o quanto o fato surpreendeu e magoou a informante.

(77) ... e:: e e foi uma coisa assim quando ele foi embora eu sofri mui::to eu fiquei doen::te... éh:: chorei choRAva bastan::te porque::... apesar dele tá perto da minha casa eu num saBIA que ele tava perto da minha casa com essa o(u)tra mulher que era colega da minha mãe num espera::va que ele fosse... **se relacioná(r)** justo c'a colega da minha mãe... (IBORUNA/AC-038; NE:23-26)

A troca hipotética da CFV2, em (94), por uma forma simples, *eu não esperava que ele se relacionasse justo com a colega da minha mãe*, acarreta em mudanças no sentido da construção, visto que se perde parte do foco dado, pela falante, ao absurdo da ação do pai, de acordo com os julgamentos dela. O verbo *ir*, nesse caso, desbotado semanticamente, ao ser utilizado junto com o infinitivo, *relacionar*, é uma estrutura composta com verbos altamente integrados, cujo objetivo é salientar uma ação, por meio da função pragmática de foco.

Em (78), o informante demonstra-se indignado pelo fato de não existir nenhum negro no banco.

(78) se você entrá(r) em todos esses banco você num vai vê(r) nenhum gerente negro... aliás cê num vai vê(r) nem as faxine(i)ra negra né?... daí já começa né?... aí:: eu **já fui perguntá(r)** falei assim – “ô por que que num tem negro aqui né?” (IBORUNA/AC-0369; RO:283-285).

A CFV2, nesse caso, está focalizada também pelo advérbio *já*, antes da construção. Segundo Ilari (2002), os advérbios têm funções focalizadoras, dentre elas, a de identificação com o próprio contexto, por meio da retomada de momentos. Percebemos, nesse caso, que ainda que o advérbio não tenha mais a função prototípica de marcador temporal, ele indica a momentaneidade do falante que, ao perceber a ausência de negros no banco, simultaneamente questionou sobre esse fato.

O fato de o falante optar por usar a construção em forma composta, ao invés de uma hipotética forma simples, *já perguntei*, somada ao uso de um advérbio com função focalizadora, sustenta a intenção dele de demonstrar ao ouvinte o quanto acha absurdo o fato de não existir negro naquele lugar. Ademais, ao utilizar o termo *né*, ele espera que o ouvinte concorde com ele sobre essa afirmação. Assim, o desbotamento do verbo *ir, fui*, na CFV2 em questão, passa a assumir uma função pragmática, a de focalizar a informação da construção.

Com relação à CFV2 com V2 de processo existencial, encontramos poucas ocorrências. Sobre o verbo *ir*, somente 3 casos, dentro os quais retomamos a construção apresentada em (70), agora renumerada em (79). Conforme supracitado, a CFV2 ocorre com os verbos *ir, foi, e parar*. O verbo *ir*, nesse caso, está desbotado semanticamente. Por meio da CVF2, o falante está narrando, de forma divertida, a história de ele ter comprado uma estante que deu problema. Pelo absurdo da história, ela acabou sendo transmitida pelo Jornal Bom dia. Nesse caso, o uso do verbo *parar* carrega o sentido de a história estar sendo transmitida pelo próprio jornal.

(79) sofá ele é azul um azul marinho meio com um BEge assim tem um tapete bege... o rack de marfim esse rack me deu uma dor de cabeça até... eu comprei na::... um rack não uma estante... comprei no:: móveis Casa Verde e:: deu problema ti/ **foi pará(r) até no jornal Bom Dia** a história da/ dessa minha::... estante ((risos))

O uso de uma forma composta, nesse caso, é, também, uma propriedade importante ao foco que o falante pretende dar à situação, visto que, a utilização da forma simples, *parou até no jornal*, daria um sentido menos enfático à ação.

A respeito da ocorrência de verbos com processo comportamental em CFV2, encontramos somente um dado, em (80). A informante diz que, por causa de uma depressão, ficou muito mal e pensou que *fosse morrer*.

(80) tive uma depressão... que eu fiquei eu fiquei em cade(i)ra de roda... [Doc.: ah::] depressão tão forte que (inint.) pensei que **fosse morrê(r)**... e eu me levantei por mim mesmo de vez em quando dá uns piripaque agora tô nem aí...

Nesse caso, percebemos que o verbo *ir, fosse*, tem a função de salientar a segunda ação, a de *morrer*, visto que a informante, ao narrar essa situação, demonstra o quão grave

ela foi e como ela foi forte por ter conseguido superá-la. Ao tentarmos utilizar a CFV2, em (80), por meio de uma forma simples, *pensei que eu morresse*, percebemos que a informação é prejudicada, uma vez que o sentido inicial da afirmação, com a informante acreditando que as consequências da depressão que enfrentou fosse a morte, perde-se. O uso de uma forma composta, com o verbo *ir*, desbotado semanticamente, seguido pela forma infinitiva, é responsável pela focalização da informação passada pela falante, salientando o quanto foi grave a doença que ela enfrentou.

Nas CFV2, em comparação com a CPP e a CMCP, ainda que a predominância seja também com verbos de processo material, com mais da metade das ocorrências, ela se mostra menos restrita à ocorrência de outros tipos verbais em V2. Se observamos os dados estatísticos de ocorrência de processos mais abstratos, percebemos, por exemplo, que os dados com processo existencial somam 5% da totalidade de casos de CFV2, em contraposição a 2% em CMCP. Uma vez que as CFV2 são menos frequentes do que as CMCP, essa extensibilidade do uso de verbos menos concretos na construção, em CFV2, demonstra o desbotamento semântico dela, que não marca movimento, mas sim foco demonstrando a intenção pragmática do falante.

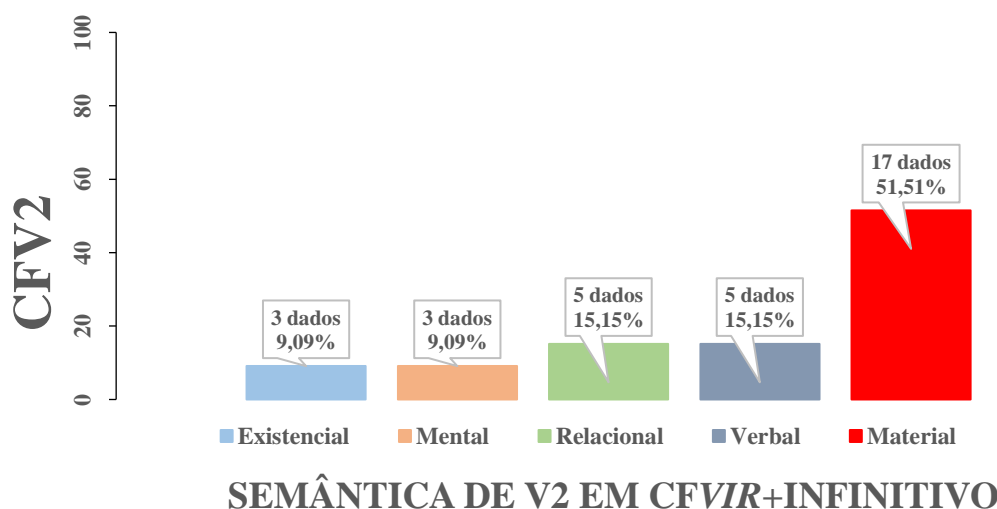
A noção de movimento espacial, presente em CMCP, colabora para a diminuição dos usos de verbos de processos abstratos em V2, com relação às CPP, as quais ocorrem com V1 metaforizado em um movimento no eixo temporal. A CFV2, por sua vez, embora não carregue a noção de movimento inicial do verbo *ir*, ocorre com V1 marcando foco na ação de V2, sendo, portanto, justificado o aumento das ocorrências de outros processos semânticos em V2, uma vez que, segundo Bybee (2016), o aumento da frequência de um *type* implica em sua maior produtividade, dando origem a novos itens. Sendo assim, o aumento na ocorrência de outros tipos semânticos nas microconstruções CPP e CFV2, em comparação à CMCP, de onde foram surgindo, é uma forte evidência de extensibilidade da CMCP.

As CFV2 com *vir* seguido de infinitivo tem restrição somente com relação aos verbos de processo comportamental. Os verbos de processo **material** ocorrem em (51,5%) dos dados, como em (81); os de processo **relacional**, em (82) e **verbal**, em (83), em (15,1%) e os de processo **mental**, em (84) e **existencial**, em (85), (9,09%).

A alta frequência de verbos de processo mental e existencial, nesses casos, e a não restrição a nenhum tipo de semântica de V2, nas CFV2, com a ocorrência de verbos mais abstratos, são evidências de que essas construções estão hierarquicamente abaixo das CMCP, visto que o desbotamento semântico de V1, cujo sentido não marca mais

movimento prototípico, ligado a verbos mais abstratos, torna a construção mais específica e menos esquemática.

Gráfico 8: semântica de V2 em CFV2 com vir seguido de infinitivo



Fonte: elaboração própria.

Em (81), o informante diz que a tia ficou contente com a vinda dele, o que demonstra por meio da pergunta “que *cê veio fazer* aqui meu filho”.

(81) aí:: minha tia ficô(u) toda contente de eu tê(r) chegado lá... aí no o(u)tro dia... aí minha tia falô(u) –“que *cê veio fazê(r)* aqui meu meu filho–... (IBORUNA/AC-129; NE:25-27).

Nesse caso, percebemos que se trata de uma CFV2, visto que o falante utiliza a construção para focar, por meio de uma pergunta retórica, a surpresa da tia com a presença do sobrinho. Além disso, ao tentarmos parafrasear a construção por uma forma simples, *que cê fez aqui meu filho*, percebemos que o sentido da construção se perde. Além de não marcar foco, a construção hipotética se constrói no passado e, por meio do discurso direto, a fala da tia, no contexto, deveria apresentar verbo em tempo presente, com simultaneidade da ação, *vir*, com o próprio momento da fala. A utilização de uma estrutura composta, em CVF2, acarreta, portanto, em alteração pragmática diferente da

passada por uma forma simples, o que comprova o princípio da não sinonímia (GOLDBERG, 1995).

Em (82), o informante, por meio da focalização do verbo falar, critica as pessoas que fazem pronunciamentos sobre o atraso do Brasil com relação à política.

(82) porque eu acho o seguinte por exemplo... essa política que vem sendo feita no Brasil... é uma política de de de de remen::do... sempre foi feito assim... e num adianta ninguém **vim falá(r) aqui** por exemplo na minha opinião –“ah o Brasil tem que chegá(r) lá”–... ((barulho de carro)) cortá(r) por exemplo com esse F.M.I. que todo mundo critica... num é bem por aí... num é bem por aí...(IBORUNA/AC-119; RO:310-315).

A focalização é percebida, ainda, pelo fato de, após a construção, ocorrer um advérbio focalizador *aqui*. Ademais, o uso de uma forma composta, *vim falar aqui*, ao ser substituído por uma forma simples, *falar*, é modificado, não somente estruturalmente, mas também com relação à pragmática, o que se comprova pelo princípio da não-sinonímia (GOLDBERG, 1995). Em (83), o informante está narrando sua experiência ao sair de Mirassol, uma cidade pequena, e ir para São Paulo.

(83) vi aquele MOvimento... a a aquele movimento que e é:: acostumado aqui em Mirassol... vi aquele MOvimento eu fu/ fiquei eu falei –“nossa onde que eu **vim pará(r)** meu Pai”– né? –“aonde que eu **vim paRÁ(r)**”– fiquei assusTAdo... olhan(d)o aquela BAITA daquela estação né? da da Luz é:: que cha/ é Estação da Luz... aí eu subi a escadaria né? (IBORUNA/AC-129; NE:10-14).

Ao utilizar a CFV2 *vim parar*, o informante deixa claro a surpresa com a diferença das cidades, o que é salientado, também, pelo fato de ele utilizar uma pergunta retórica, questionando-se sobre onde estava. O uso de uma forma simples, nesse caso, *onde parei meu Pai*, demonstra que a mudança estrutural da paráfrase tem como resultado modificações no resultado semântico e pragmático da construção, visto que se perde a noção de foco (GOLDBERG, 1995).

Em (84), o informante está narrando sobre a doença do sobrinho, que, segundo ele, foi descoberta em um momento constrangedor. A focalização, na CFV2 *veio descobrir*, é intensificada pela presença do advérbio focalizador *quando* (ILARI, 2002).

(84) então foi assim u/ u/ uma fase de muito:: sofrimento pra gente... porque é::... **quando a gente veio descobrí(r)** a história é é::... a doENça dele... e foi assim numa situação muito constrangedora que até então a gente NEM conhecia.. (IBORUNA/AC-120; NR:113-135).

A troca da CFV2 por uma forma simples, *quando a gente descobriu*, embora tenha como resultado uma construção semanticamente aceita, resulta na perda do foco que o falante dá para o fato de descobrir uma doença, o que, segundo ele, foi uma situação bastante constrangedora. Em (85), o informante fala sobre o fato de ter uma arma, visto que algo pode *vir acontecer*.

(85) eu tenho uma arma devido eu moro no sítio eu preciso... dessa arma porque eu num sei o que acontece... e:: eu num sei que que::... que que pode **vim acontecê::(r)** até a polícia chegá(r) lá... (IBORUNA/AC-129; NE:25-27)

Nesse caso, a troca da CFV2 por uma forma simples, *e eu num sei que que pode acontecer* é uma construção semanticamente aceitável, contudo, o foco que se dá para o perigo de viver em uma situação afastada, com a demora da polícia, caso haja algum problema, é perdido.

As CFV2 são microconstruções que apresentam menores restrições ao tipo semântico em V2, se comparadas com as CMCP, com as quais elas estabelecem relação de herança. As CFV2 estão mais abertas a verbos com conteúdo semântico relacionado ao mundo das relações abstratas (HALLIDAY, 1994), com verbos de processo existencial e relacional, e ao mundo da consciência, com os verbos de processo mental (HALLIDAY, 1994). As CMCP, no entanto, estão mais ligadas ao mundo físico, uma vez que a frequência das construções que ocorrem com o processo material, nessas construções, representa grande parte das ocorrências. Isso ocorre pelo fato de as construções com verbos de movimento orientado, nas quais não houve desbotamento da ação de deslocamento espacial, as construções marcarem ações concretas, diferentemente do que ocorre com construções menos esquemáticas.

Em vista disso, o tipo semântico de V2 em construções formadas pelos verbos *ir/vir* seguido de infinitivo é relevante para que sustentemos as propriedades de cada microconstrução formada por esses verbos seguidos de infinitivo, as CMCP, as CPP e as CFV2.

3.2.4 Animacidade do sujeito

Nesta subseção, apresentamos os resultados obtidos a partir da análise do tipo de sujeito, [+animado], [-animado], das microconstruções CPP, CMCP e CFV2, com o intuito de comprovarmos nossas hipóteses de que a CMCP e CPP são construções que têm um grau de restrição com relação a sujeitos inanimados, uma vez que ocorrem, em grande maioria, com verbos de processo material, os quais indicam movimento. Além disso, nossa hipótese é a de que a presença de sujeitos [+animados], em CMCP, sustenta-se por se tratar de uma construção com verbos plenos. Ademais, a presença de sujeitos [-animados], como ocorre na CFV2, é indício de mudança.

3.2.4.1 Animacidade do sujeito em CMCP

As construções formadas pelo verbo *ir* seguido de infinitivo ocorrem, em maioria, com sujeito animado. Dentre as construções formadas por esse verbo seguido de V2 infinitivo, as CMCP ocorrem, em totalidade, com sujeito animado. Essa restrição com relação ao sujeito inanimado, em CMCP, justifica-se pelo fato de elas marcarem movimento espacial, cuja ação requer um sujeito animado. Com relação ao verbo *vir*, os únicos casos em que ocorre CMCP com sujeito inanimado são sujeitos metonímicos, como em em (86), (87) e (88):

(86) o caminhão de gás **vem enchê(r)** o tanque... um che(i)ro horrí::vel que embrulha o estômago aquele che(i)ro a gente quase passa mal (inint.)... (IBORUNA/AC-63; RP:1015-1018).

(87) agora no momento ele tá in(d)o na UNIP... e::... então tem éh lá/ o Prevêr que **vem pegá(r)** ele... e pega vários paciente... e vai pra lá... (IBORUNA/AC-66; NR:143-146)

(88) pra você tê(r) uma idéia... o trem... o trem fazia tinha um trem que ia e um que **VINHA... transportá(r)** o café pra Santos... (IBORUNA/AC-135; RO:364-365).

Em (86), o falante afirma que o caminhão de gás *vem encher o tanque*. Embora *caminhão de gás* seja um sujeito inanimado, sabe-se que é um meio de transporte dirigido por um motorista. Sendo assim, o falante utiliza, através da metonímia, uma ideia geral

para se referir a algo mais específico, individual, o qual, provavelmente, seria um sujeito animado.

Em (87), segundo o falante, o *Prever vem* até a casa deles e leva o irmão à UNIP para fazer o exercício. Ainda que o termo *Prever* faça referência a um sujeito inanimado, sabemos que ele representa um plano de saúde, cuja equipe, formada por sujeitos animados, desloca-se até a casa de pessoas conveniadas com o intuito de levá-las a consultas e tratamentos.

Em (88), o informante diz que o trem transportava café para a cidade de Santos. O sujeito *trem*, embora inanimado, é um meio de transporte, o qual é dirigido por um maquinista. Assim, o uso metonímico do meio de transporte no lugar do motorista permite, em CMCP, a ocorrência de sujeitos inanimados.

3.2.4.2 Animacidade do sujeito em CPP

As CPP ocorrem com quase 100% dos dados com sujeito animado, sendo que somente 1 ocorrência das construções apresenta um sujeito inanimado, em (89):

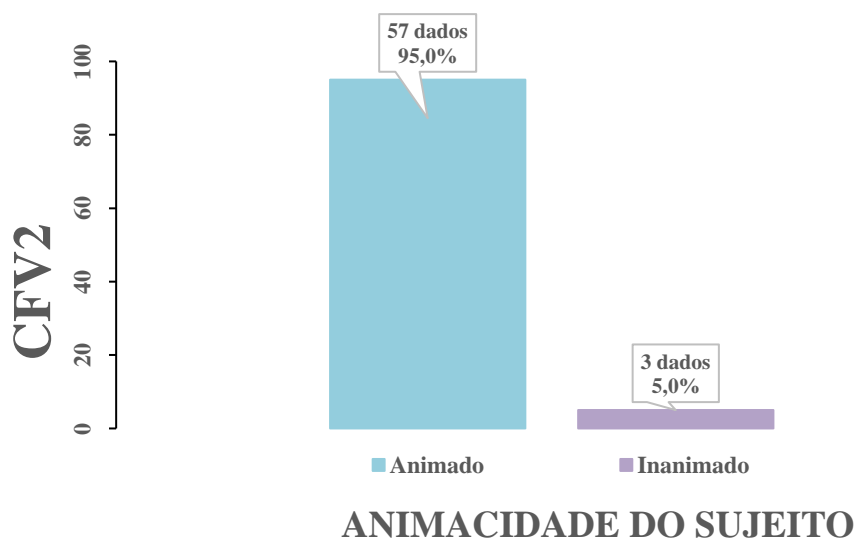
(89) porque:: ((informante pigarreia))... se **fosse funcioná(r)** como... como foi PROgramado o sistema SUS... era/ porque o sistema SUS foi funcionado ah/... todas as cidade tem uma verba do governo pro SUS... (IBORUNA/RP-105; NE:400-404).

Em (89), a construção *fosse funcionar* apresenta um sujeito inanimado, *o sistema SUS*. Nesse caso, o falante está reclamando do fato de esse sistema não funcionar do modo como foi programado pelo governo. A CPP *fosse funcionar* pode ser facilmente substituída pela forma simples, *funcionasse*, sem que se perca a semântica da construção. Sendo assim, V1, *fosse*, não representa um verbo de movimento, da mesma forma que V2, cuja semântica está classificada entre os verbos existenciais, os quais estão ligados a noções mais abstratas. Por não se tratar de um sujeito metonímico, como na CMCP, percebemos, na CPP, que a ocorrência de um sujeito inanimado é possibilitada pelo fato de, nessa construção, não se marcar ação, como na CMCP, o que implicaria em animacidade do sujeito para realizá-la.

3.2.4.3 Animacidade do sujeito em CFV2

As CFV2 com o verbo *ir*, por seu turno, ocorrem com 5% dos dados com sujeito inanimado, em contrapartida aos dados com sujeito animado, 95% do total, conforme demonstrado no gráfico 9.

Gráfico 9: animacidade do sujeito em CFV2 com *ir* seguido de infinitivo



Fonte: elaboração própria.

Embora a proporção dos dados com sujeito animado seja alta, V1, nas CFV2, não indica movimento, como ocorre com a CMCP. Por essa razão, uma vez que as CFV2 ocorrem com V2 de diferentes conteúdos semânticos, inclusive com sentidos abstratos, a ocorrência de sujeitos inanimado é compreendida, como em (90) e (91).

(90) ele é azul um azul marinho meio com um BEge assim tem um tapete bege... o *rack* de marfim esse *rack* me deu uma dor de cabeça até... eu comprei na::... um *rack* não uma estante... comprei no:: móveis Casa Verde e:: deu problema ti/ **foi pará(r) até no jornal Bom Dia a história da/ dessa minha::... estante ((risos))** (IBORUNA/AC-35; NE:91-95)

(91) aí na ho::ra de me atravessá(r)... eu já tava trêmula de MEdo... porque eu sabia que aquilo ali num tinha segurança nenhuma [você] [Doc.: lógico] é pequena mas cê sabe que... o trem balan::ça... né? aquele mundaréu de água passan(d)o emba(i)xó e rente ao

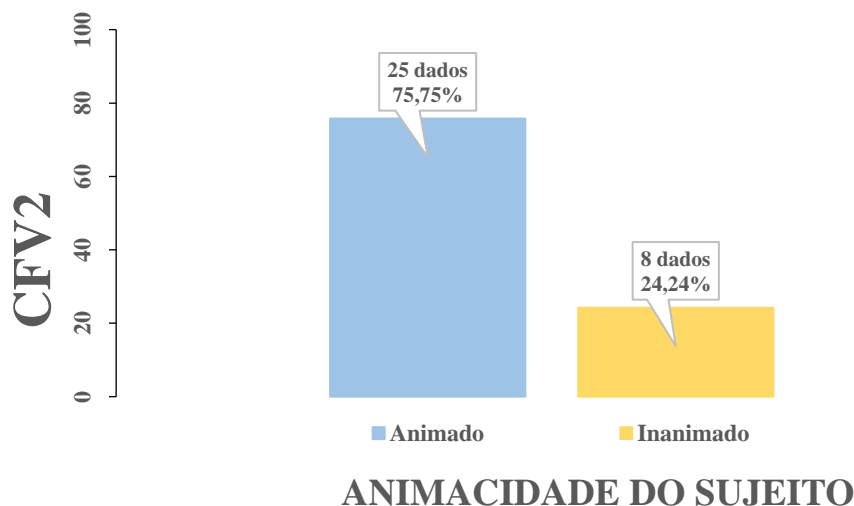
pau... bem... num podia tê(r) rolado c'a velha?... a **pinguela foi rodá(r)** justo comigo [justo comigo] [Doc.: não acredito] oh:: meu Deus do céu a velha já tinha vivido bastante... (IBORUNA/AC-100; NE:45-50.)

Em (90), o sujeito da CFV2 é o termo *história*, o qual está posposto à construção. Como a construção ocorre com um verbo de processo existencial, não há a necessidade de ocorrência de um sujeito animado.

Em (91), a CFV2 tem como sujeito o termo *pinguela*. Nesse caso, ainda que o sentido da construção seja de movimento, podemos notar que o falante, antes de usar a CFV2, fala que a pinguela era pequena e balança. Desse modo, o fato de a pinguela rodar é explicado pelo tamanho dela em comparação à quantidade de pessoas que por ali passavam. Isso explica o porquê de a CFV2 ocorrer marcando um movimento com um sujeito inanimado.

As CFV2 com o verbo *vir*, diferentemente das CPP e CMCP, apresentam maior aceitabilidade de sujeito inanimado, sendo que 24,2% das construções são com sujeitos inanimados, em (92), em contraposição 75,7% das ocorrências.

Gráfico 10: animacidade do sujeito em CF com verbo *vir*



Fonte: elaboração própria.

Em (92), a CFV2 tem como sujeito o termo *massa*. O informante está ensinando como se faz determinada comida e diz que o fermento deve ser colocado conforme a necessidade que a massa *venha crescer*.

(92) quase que no ponto que nós dizemos ali ponto de véu... u/ uma massa bem elástica uma massa bem fininha acrescentamos ali o fermento... fermento conforme a necessidade que você precisa que ela **venha crescê(r)**... aqui em Rio Preto como é um clima muito quente... (IBORUNA/AC-057; RP:133-136).

Apresentamos, nesta subseção, os resultados referentes ao cruzamento das variáveis *animacidade do sujeito* e microconstruções. Percebemos, a partir disso, que, ainda que, proporcionalmente, os dados ocorram mais com sujeito animado, a presença de sujeito inanimado ocorre, principalmente, em CFV2, as quais, por não indicarem ação verbal prototípica de movimento, possuem maior aceitabilidade de sujeitos metafóricos e/ou inanimados.

A seguir, discutiremos os tipos de complementos presentes nas CPP, CMCP e CFV2, com o intuito de comprovar a ação presente em CMCP em contrapartida ao desbotamento semântico da noção de movimento em CFV2.

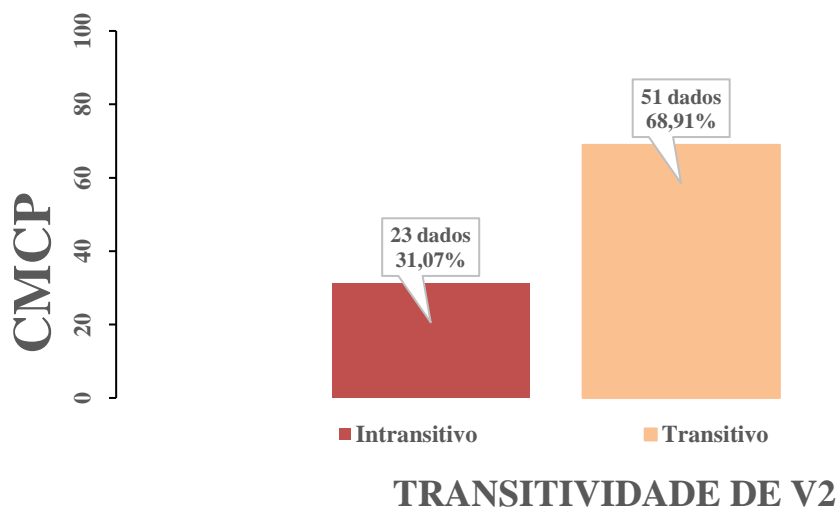
3.2.5 Transitividade de V2

Nesta subseção, apresentamos discussões acerca do tipo de verbo ocorrido em V2, observando a transitividade deles. Classificamos os verbos em dois subtipos: *transitivos*, os quais ocorrem com complementos¹⁸ e *intransitivos*, que são os casos em que o verbo aparece sem qualquer tipo de complemento, ainda que haja ocorrência de adjuntos.

3.2.5.1 Transitividade de verbos na CMCP

Com relação às CMCP com o verbo *ir*, os verbos *transitivos* representam 68,91% dos dados, o equivalente a 51 ocorrências, como em (93), em contraposição aos 31,07% de dados com verbos *intransitivos*, 23 construções, como em (94) e (95).

¹⁸ Optamos por não marcar a diferenciação do tipo de objeto ocorrido nos dados, uma vez que isso não se mostrou relevante a nossas hipóteses.

Gráfico 11: Transitividade de V2 em CMCP com *ir*

Fonte: elaboração própria.

(93) pra MIM era bom porque tinha contato direto com a agên::cia... e então como eu tinha esse contato eu já aproveitei e **fui distribuí(r)** currículo né? porque nisso eu já tava desempregado... (IBORUNA/AC-051; NE:49-51.)

(94) éh:: que eles **foram pescá(r)** no rio Turvo e::... pescaram o dia inte(i)ro pegaram bastante pe(i)xe e eles foram de moto... (IBORUNA/AC-107; NR:70-71).

(95) Inf.: poderia sê::(r) ahm::... a história de de uma:: de uma situação... quando eu trabalhava::... num determinado restaurante né? e::... a gente havia atendi::do QUATRO empresários que **foram almoçá(r)**... e depois que foram embora eu encontrei uma:: uma PASTA... (IBORUNA/AC-145; NE:42-45).

Em (93), o falante que *foi distribuir currículo* em uma empresa. Nessa CMCP, a ocorrência do verbo *distribuir* representa a finalidade do deslocamento do informante até uma agência. Desse modo, ele alcança o objetivo, a distribuição do currículo.

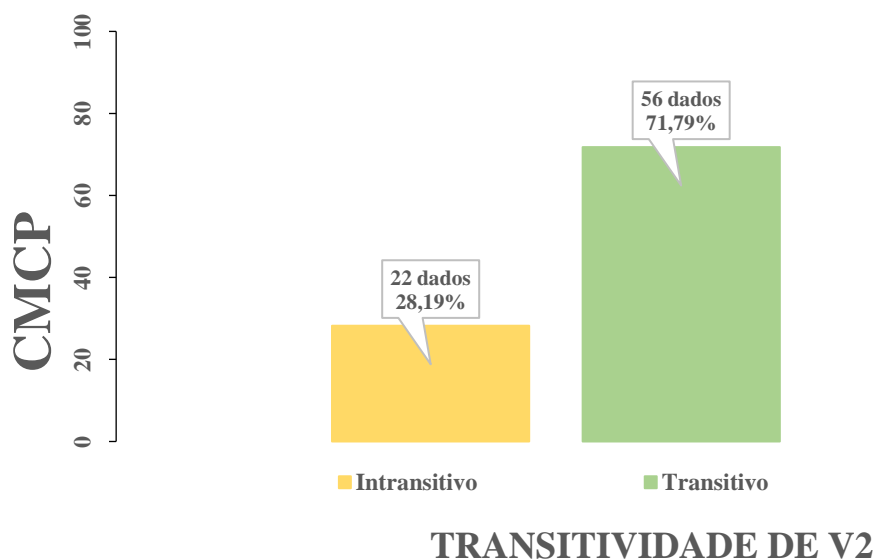
Em (94), o informante algumas pessoas *foram pescar no Rio Turvo*. Podemos notar, nesse caso, que V2 está sendo usado sem um complemento, de forma não transitiva. Entretanto, a ação de pescar subentende que os peixes serão afetados por isso, ao serem pegos pelos pescadores.

Em (95), o informante diz *que havia atendido quatro empresários que foram almoçar*. A CMCP *foram almoçar*, nesse caso, ocorre com um V2 intransitivo, *almoçar*.

Visto que, em CMCP, a noção de movimento de V1 seja a de orientação a uma segunda ação, marcando finalidade, esse tipo de construção ocorre em sua maioria com verbos transitivos, com complementos recebendo ação verbal, por meio de objetos. Entretanto, por a CMCP se tratar de uma construção mais esquemática do que as CPP e as CFV2, visto que estas são microconstruções herdadas daquela, a construção de movimento com propósito ocorre de forma mais produtiva, ocorrendo, em grande número, com verbos intransitivos.

As CMCP com o verbo *vir* ocorrem, também, com os dois tipos de verbos: *transitivos* e *intransitivos*. O número de dados referentes aos verbos transitivos equivale a 71,79% do total, 56 dados, como em (96). Em contrapartida, os dados com verbos intransitivos são 28,19%, 22 ocorrências, como em (97).

Gráfico 12: transitividade de V2 em CMCP com *vir*



Fonte: elaboração própria.

(96) então o colégio tinha um corpo... tinha o:: veio o irmão do diretor... que foi Diretor das escolas... a/ libanesas ah::/ inglesas na Palestina... que num/ na:: no Sudão... então ele **veio lecioná(r)** inglês... então era um curso... ELEVADO... (IBORUNA/AC-151; DE:338-340).

(97) aí nisso num **vim trabalhá(r)** aquela tarde fui levá(r) o R. o R. pro::... pro pediatra dele pra... vê(r) se tava tudo bem... só que não caiu... a a ficha ninguém percebeu que ele tinha batido o ros::to né?... (IBORUNA/AC-118; NR:228-230)

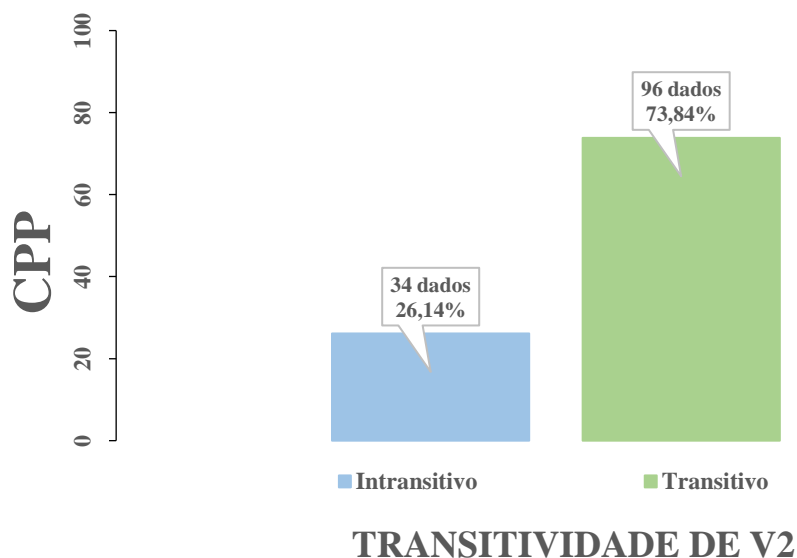
Em (96), o informante está narrando o fato de um professor que veio *lecionar inglês* em um colégio, com um curso elevado. A CMCP, nesse caso, ocorre com um V2 transitivo, *lecionar*, tendo como objeto o termo *inglês*.

Em (97), a CMCP *vim trabalhar* ocorre com V2 intransitivo. Ainda que *trabalhar* seja um verbo intransitivo, assim como as CMCP com o verbo *ir* intransitivo, há um objeto implícito, uma vez que a ação de trabalhar pressupõe que algum trabalho seja feito.

Embora a ocorrência de CMCP com verbos transitivos seja mais frequente, essa construção demonstrou alta aceitabilidade de formação por meio de verbos intransitivos em V2. Isso demonstra que, por estar em um nível mais esquemático do que as demais construções da rede (CPP e CFV2), ela ocorre de forma mais inclusiva, com diferentes tipos verbais.

3.2.5.2 Transitividade de V2 em CPP

As CPP com o verbo *ir* ocorrem, em sua maioria, com verbos transitivos, somando, 73,8% dos dados, como em (98). As construções com verbos intransitivos, ou seja, sem nenhum tipo de complemento, ocorrem com 26,14%, 34 dados, como em (99).

Gráfico 13: transitividade de V2 em CPP com verbo *ir*

Fonte: elaboração própria.

(98) –“ é seqüestro é seqüestro”– aí... que ele **foi contá(r)** a história que ele era amante dela e como ele tava fugin(d)o do:: do marido dela ele pegô(u) e se enfiô(u) no:: no porta-mala ((fala rindo)) (IBORUNA/AC-85; NR:103-105).

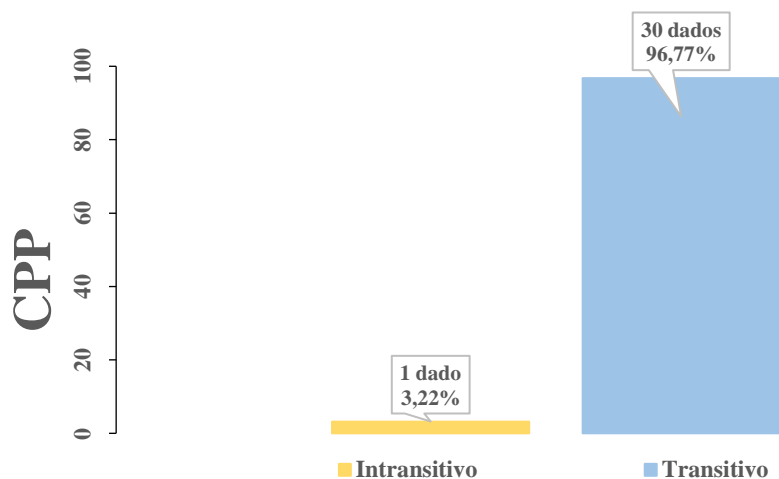
(99) Inf.: [é::] e com minha mãe internada... aí mas como eles já sabiam né?... do problema... combinaram de uma tia minha d’uma irmã dela í::(r)... ficá(r) com ela naqueles dias que eu **fosse:: viajá(r)**... só que é:: eu tinha o(u)tro receio meus pais sempre foram muito... super protetores e eu teria que fazê(r) a viagem SOzinha... (IBORUNA/AC-118; NE:60-65).

Em (98), o informante está narrando uma história sobre alguém que precisou se esconder em um porta-malas, porque estava fugindo do marido da amante. Em determinado momento, ele diz que o amante *foi contar a história*. Nesse caso, trata-se de uma CPP, visto que poderíamos substituir a construção por uma forma simples, *ele contou a história dele*, sem que houvesse impedimentos semânticos e/ou estruturais. V2, contar, nesse caso, é um verbo cujo complemento é o objeto *história*.

Em (99), a informante está narrando a história sobre um período que ela precisou viajar e, como a mãe estava internada, foi socorrida por uma tia que fez companhia à irmã. Nesse caso, a CPP *fosse viajar* poderia ser parafraseada com uma forma simples, *viajasse*. O verbo viajar, em V2, é um verbo intransitivo, o que se percebe, inclusive, pelo fato de, depois da CPP, a informante falar sobre outro problema.

Com relação às CPP com o verbo *vir*, os dados com verbos transitivos, como em (100), representam 96,7% dos dados, em contrapartida a 3,2% de dados verbos intransitivos, o equivalente a somente 1 dado, em (101).

Gráfico 14: Transitividade de V2 em CPP com *vir*



TRANSITIVIDADE DE V2

Fonte: elaboração própria.

(100) ... aí a gente... começô(u) a conversá::(r) e tudo ma::is... a gente... se falô(u) mui::to assim pela internet... e ela... tava namoran(d)o um carinha... e ela... ela nunca gostô(u) de mestiço... japonês... e ela namorava um japonês... eu falei – “é uma pena né?” – ela vim... e ela... **vinha me perguntá(r)**... as coisa assim e ficava na maior saia justa ela me perguntava... coisa assim sobre ela e o namorado dela assim... (IBORUNA/AC-21; NE:35-40).

(101) Inf.: não antes eu morava aqui em Onda Verde né? daí... daí:: meu pai::... ganhô(u) herança né? (ganhô(u) uma casa aqui né?)... daí **a gente veio mu/ mudá(r) pra cá...** e essa::... como eu falei antes... é que mudô(u) muito pra mim né?... porque eu comecei

morá(r) em sítio mas aqui é mais sossega::do... de boa... na cidade é mais... sei lá né? (IBORUNA/AC-41; NE:20-25).

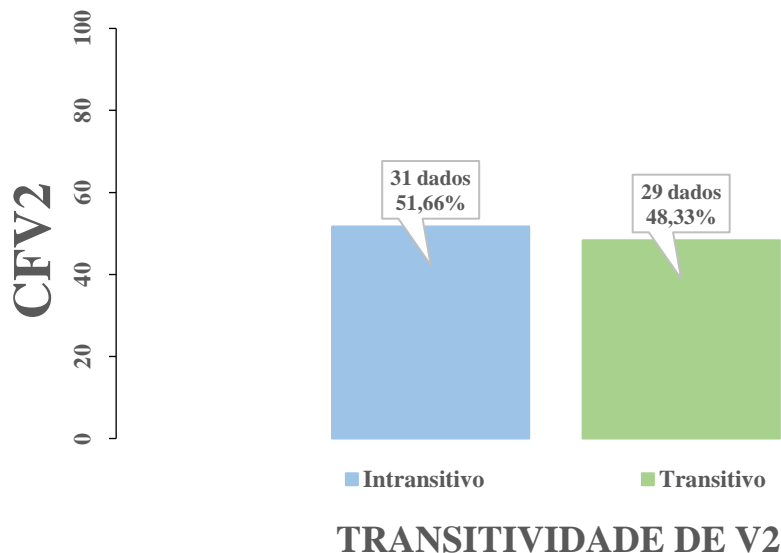
Em (100), a informante diz que uma moça *vinha perguntar as coisas a ela*. A CPP *vinha me perguntar*, nesse caso, pode ser substituída por uma forma simples, *perguntava*, visto que não há movimento espacial marcado pelo verbo *vir*, o que se comprova, inclusive, pelo contexto da conversa ocorrer via internet. O verbo *perguntar*, nesse caso, está sendo usado com dois complementos: *as coisas* e *me* (pronome retomando a própria falante).

Em (101), a CPP *veio mudar* é o único caso que encontramos de CPP com V2 intransitivo. Nesse trecho, a informante diz que morava em Onda Verde, mas que, quando o pai ganhou uma herança, eles vieram morar para o lugar onde estão recentemente, marcado pelo locativo *cá*. A CPP em (100) ocorre com O V2, *mudar*, de forma intransitiva, e pode ser trocada por uma forma simples, *a gente mudou pra cá*, sem prejuízo à informação passada pela informante.

A microconstrução CPP, pela perda semântica de movimento orientado, tem dois verbos altamente integrados, marcando somente uma ação. As CPP com o verbo *ir* ocorrem em maioria com verbos transitivos, mas demonstram aceitabilidade alta com relação a verbos intransitivos. As CPP com o verbo *vir*, por seu turno, têm restrição com relação a verbos não transitivos. Por estarem em um nível abaixo, hierarquicamente, com relação à CMCP, são construções menos esquemáticas. Isso significa dizer que são padrões mais específicos, *types* individuais menos inclusivos se comparados à produtividade de verbos presente no esquema da CMCP.

3.2.5.3 Transitividade de V2 em CFV2

As CFV2 com o verbo *ir* ocorrem, proporcionalmente, com 51,66% dos dados com verbos intransitivos, como em (102) e, portanto, sem complemento e 48,3% com verbos transitivos, como em (103).

Gráfico 15: Transitividade de V2 em CFV2 com *ir*

Fonte: elaboração própria.

(102) Inf.: [porque já tá lá] o nome dele já tá lá então pode até piorá(r) as coisa né? por que/ por causa de uma bob(e)i(ra) né? [Doc.: é] que ele **foi fazê(r)**... aí:: depois desse dia nunca mais jogaram vôlei acho que voltaram a jogá(r) lá tem dia que eles arma a rede lá né?... (IBORUNA/AC-15; NR:460-462).

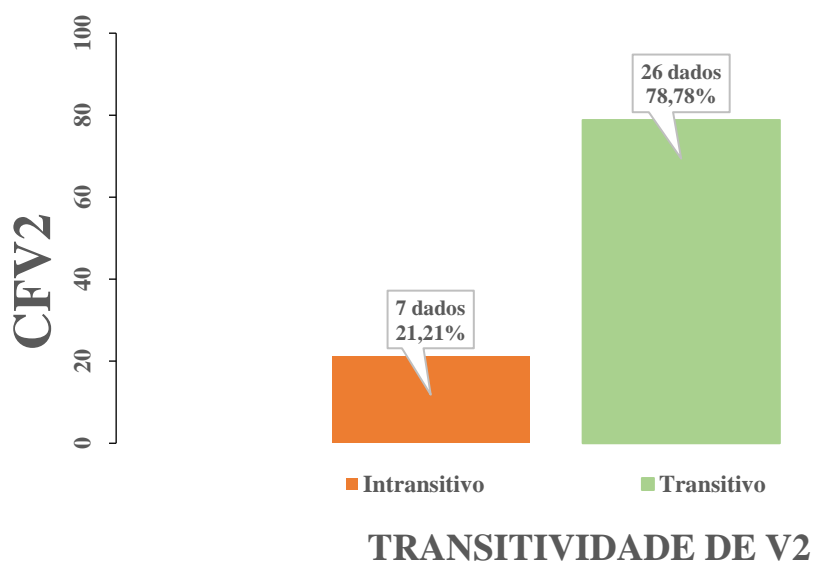
(103) Doc.: é se **fosse ro(u)bá(r)** [acho que até/ era até melhor né?... melhor assim] Inf.: [não... é:: é se fosse ro(u)bá(r)]... mas num era ro(u)bá(r) né? que ele [Doc.: é] [que]ria né? [num era] [Doc.:coisa pior né?] [coisas pior] (IBORUNA/AC-122; NR:198-200).

Em 102, o informante está falando sobre uma outra pessoa, a qual fez uma besteira. Nesse caso, a CFV2 *foi fazer*, ao ser substituída por uma forma simples, *fez*, perde parte da sua função pragmática de foco. A CFV2 é utilizada pelo falante para demonstrar o quanto ele desaprova a ação feita por essa pessoa sobre a qual ele está falando. V2, nessa construção, é um verbo transitivo, com objeto anteposto ao verbo, *bobeira*, retomado pelo pronome *que*.

Em (103), o informante está falando sobre alguém que fez algo ruim, segundo ele, pior do que roubar. Ele diz que se *fosse roubar*, seria até melhor. A construção, em (121), é uma CFV2, a qual é usada pelo falante procurando concordância com o leitor. Isso é evidenciado, inclusive, pela pergunta feita no final, com o termo *né*. Por se tratar de uma CFV2, a troca hipotética por uma forma simples, *roubasse*, perde parte da função de foco intentada pelo informante. V2, nessa construção, está sendo usado de forma intransitiva, com o verbo *roubar*. Embora não haja complemento com relação a esse verbo, fica implícito um complemento, visto que a ação de roubar pressupõe que algo seja tirado de alguém ou algum lugar.

As CFV2 com o verbo *vir* ocorrem em 78,7% dos casos verbos transitivos, como em (104), e 21,21% com verbos intransitivos, como em (105).

Gráfico 16: Transitividade de V2 em CFV2 com *vir*



Fonte: elaboração própria.

(104) Inf.: graças a Deus que não:: pelo amor de Deus... o cara tem quarenta ano... é mascarado... e é carioca... que que ele vai vim éh **vim fazê(r)** aqui aqui em São Paulo?... ah:: não ixé... e/ e é muita::... mordomia num treina cê acha que/... que a torcida de::... é do... éh de::... de::... São Paulo...é é que... é que nem a do... a do Rio? (IBORUNA/AC-122; RO:147-150).

(105) fomo(s) morá(r) um po(u)co mais pra cima... aí nós mudô(u) de lá porque:: na época meu::... meu padrasto tinha um carro né? e:: a estrada era muito ruim então acho que nós mudô(u) de lá por causa disso né?... porque:: estragava sempre o carro... aí nós mudô(u) aqui po Antunes... aí dali nós fomo(s) mudan(d)o até que nós **viemo(s) pará(r)** aqui... (IBORUNA/AC-15; NE:168-171).

Em (104), o informante está reclamando sobre um jogador de futebol carioca, comemorando, com a expressão *graças a Deus*, o fato de ele não vir para São Paulo. Segundo o falante, o jogador é *mascarado, carioca, tem quarenta anos*, o que justifica o fato de ele não vir para São Paulo. Ele focaliza o absurdo, na opinião dele, da vinda do cara para cá utilizando uma CFV2, *vim fazer*. O verbo *fazer*, nessa construção, é transitivo, sendo que o complemento ocorre, anteposto à construção, por meio do questionamento, *que que ele vai vim fazer?*

Em (105), a informante está narrando as mudanças que fez no decorrer da vida, até chegar onde mora hoje. Ela diz que foi morar um pouco mais cima de onde morava, e, em seguida, mudou-se para Antunes até que chegasse no lugar onde mora hoje. A CFV2, em (105) *viemos parar*, enfatiza o divertimento da informante com o longo trajeto que fez, cheio de mudanças, para que chegasse ao destino. Utilizar uma forma simples, nesse caso, perderia a focalização da ação, visto que alteração sintáticas implicam mudanças semânticas e/ou pragmáticas, segundo o princípio da não-sinonímia (GOLBERG, 1995). V2, em (123), é intransitivo, sendo que ocorre, após a construção, somente um locativo, *aqui*.

Embora a CFV2 ocorra em grande parte com verbos transitivos, a presença de verbos intransitivos na construção é bastante frequente. Contudo, essas ocorrências, em alguns casos, têm um objeto subentendido no contexto, como na construção (105), em que *roubar* pressupõe que algo seja roubado.

CFV2 e CPP são microconstruções menos esquemáticas do que as CMCP, de onde foram herdadas. Desse modo, ainda que ocorram com diferentes verbos, a produtividade dessas construções é menor se comparadas à CMCP, cujo V2 não apresenta restrições. Isso evidencia nível intermediário de produtividade da CMCP, a qual, por ocorrer com diferentes verbos, é mais inclusiva e esquemática, habilitando o surgimento de novas construções.

Discutimos, nesta subseção, os tipos de complementos ligados ao V2 de cada microconstrução formada por *ir/vir* seguido de infinitivo. A seguir, desenvolvemos

reflexões acerca da variável *presença de locativo* próximo à construção com o intuito de comprovar as três diferentes leituras acerca dos verbos de movimento *ir* e *vir* em construções do tipo CPP, CMCP e CFV2.

3.2.6 Presença de locativo

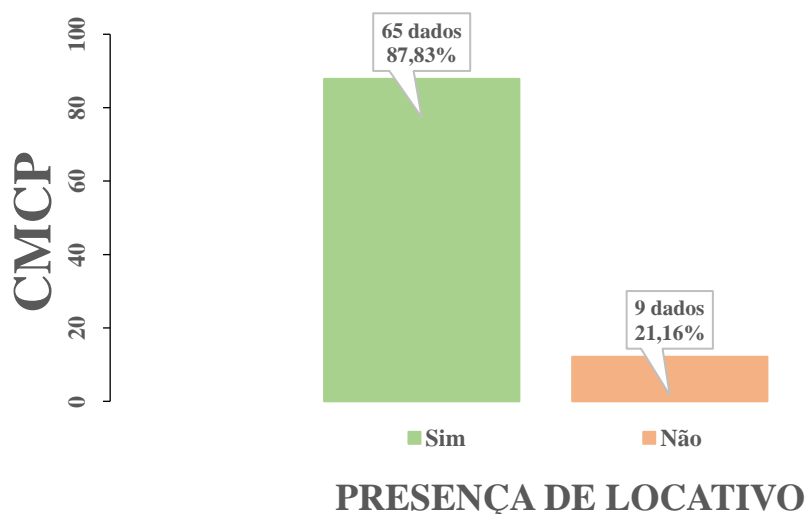
Nesta subseção, apresentamos discussões a respeito dos resultados dos cruzamentos entre os tipos de microconstruções formadas por *ir/vir* seguido de infinitivo e a presença de locativos ligados às construções.

Essa variável é importante, uma vez que, ainda que a CMCP marque deslocamento espacial de um ponto a outro, com um destino, a CPP e a CFV2 desbotaram-se semanticamente e, por essa razão, o movimento prototípico de trajetória, nesses casos, não está presente. Nossa hipótese é a de que, visto que não ocorre mais movimento de um ponto a outro, as CFV2 e CPP não têm locativos ligados a ela.

3.2.6.1 Presença de locativo em CMCP

Com relação às CMCP formadas pelo verbo *ir*, a proporção de dados com locativos ligados à construção é 87,8% dos dados, como em (106), em oposição a 21,2% de ocorrências que não possuem locativo nas proximidades da construção, a exemplo de (107).

Gráfico 16: Presença de locativo em CMCP com o verbo *ir*



Fonte: elaboração própria.

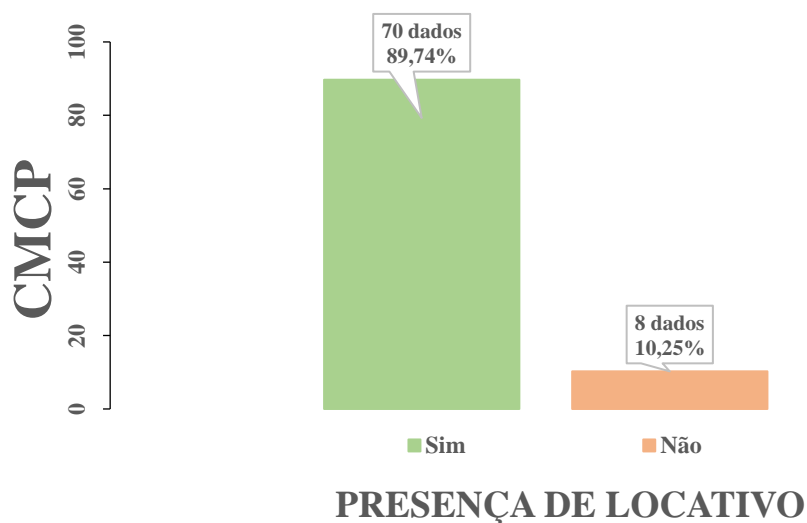
(106) aí ele passô(u)... aí chegô(u) passô(u) de carro o de N. e o G. aí eu **fui lá conversá(r)** com eles... aí o G. falô(u) que o de N. tava a fim de mim...(IBORUNA/AC-46; NE:40-41)

(107) na época cada um tinha seu cavalo... aqueles pelego boni::to... hoje a modernidade é CARro... o que ele fez?... pegô(u) o pelego... vendeu o pelego do irmão dele... na cidade... pôs um carpetinho no cavalo... aí **ele foi contá(r) pa MãE DELE**... (que é) minha bisavó... minha vó M... hoje nem existe nem os ossinho dela eu acho... aí ele falô(u) – “mãe eu fiz isso isso isso” (IBORUNA/AC-27; NR:68-71).

Em (106), a informante diz que foi até o ponto em que duas pessoas estavam para conversar com eles e descobriu o que o N. estava a fim dela. Ela fala por meio de uma CMCP, *fui lá conversar*. V1, portanto, marca um deslocamento físico de um ponto a outro, sendo o destino marcado pelo locativo *lá*. Por se tratar de uma CMCP, o movimento orientado a uma meta é uma das propriedades centrais dessa construção, e o uso de um locativo ligado a ela auxilia a noção de destino.

Ainda que a CMCP marque destino físico, contudo, não existe a necessidade de isso ser feito por meio de um locativo. Em (107), há uma CMCP. O informante está narrando o fato de uma pessoa que vendeu o cavalo do irmão e, depois disso, *foi contar* para a mãe o que tinha feito. Embora a CMCP marque deslocamento, nesse caso não há locativo marcando o espaço final do movimento da pessoa que vendeu o cavalo, ainda que esteja subentendido o alcance desse ponto, onde ocorre a finalidade. Isso é possível pela semântica de V1 em CMCP, cujo sentido é sempre de um movimento orientado, de um ponto a outro.

Com relação às CMCP com verbo *vir*, os dados com presença de locativo ligados à construção representam 89,7% das construções, como em (108), em oposição a 10,2% do total de dados sem locativos, como em (109).

Gráfico 17: Presença de locativo em CMCP com o verbo *vir*

Fonte: elaboração própria.

(108) e meu irmão como ele era maior né? e eu era muito pequeno... o meu pai chamava ele pra que **ele viesse abrí(r)** as porte(i)ras na na na estrada né?... e meu irmão sempre contava assim pra gente algumas vezes... (IBORUNA/AC-93; NR:103-105).

(109) é porque a fruta faz falta [Doc.: faz falta] pra mim a banana nanica faz muita falta... é:: mais eu num de(i)xo dela... às vezes no meio da noite eu sinto fome eu levanto duas horas da manhã **venho comê(r)** uma banana eu durmo na mesma hora.. (IBORUNA/AC-152; RP:423-425.)

Em (108), o informante diz que, por ser menor do que o irmão, o pai sempre chamava o filho mais velho para abrir as portei ras na estrada. A CMCP *viesse abrir* marca um deslocamento, tendo como destino um locativo, *estrada*, lugar onde se encontram as portei ras.

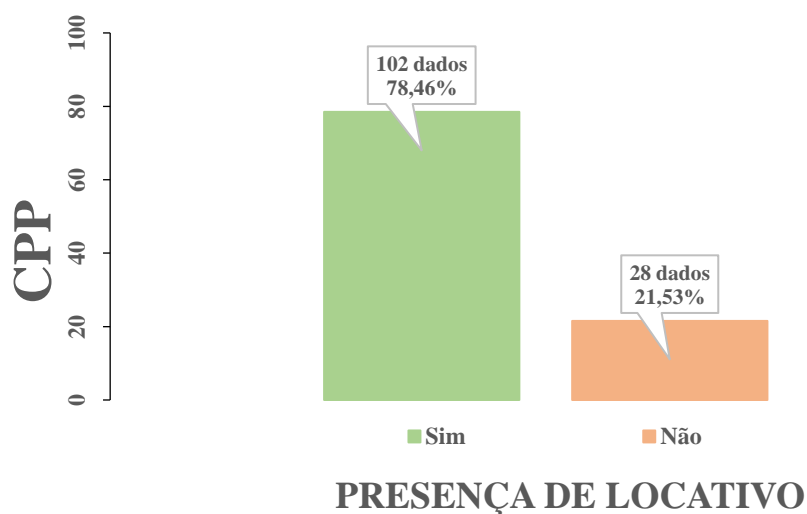
Em (109), o informante diz que, às vezes, quando sente fome no meio da noite, ela levanta às duas horas da manhã e *vem comer uma banana*. Apesar de ser uma CMCP, com deslocamento temporal, o destino físico não está marcado no contexto. Ainda assim, a noção de movimento não se perde.

A CMCP é uma construção que tem como uma das propriedades fundamentais a presença de um verbo de movimento orientado, o qual, ligado a um segundo verbo, marca deslocamento espacial a um destino. Desse modo, a presença de locativo ligado a essa construção é uma forte evidência da prototipia dela enquanto construção de finalidade e movimento, o que não ocorre com membros mais periféricos da rede construcional, como a CPP e a CFV2.

3.2.6.2 Presença de locativo em CPP

As CPP com verbo *ir* ocorrem, em sua maioria, com presença de locativos ligados a elas, sendo que 78,4% do total ocorrem com locativos, como em (110), em contrapartida a 21,5% de dados cujo contexto não os engloba, como em (111):

Gráfico 18: Presença de locativo em CPP com o verbo *ir*



Fonte: elaboração própria.

(110) aí tô lá aí a:: ambulância chegô(u) lá pediu pra levá(r) no hospital mas meu pai:: (num) me levô(u)... aí depois **fui chegá(r)** no hospital o médico me atendeu... e me/ e eu levei oito pontos na cabeça. (IBORUNA/AC-07; RP:15-18).

(111) éh mas é legal teve esses dias assim que levá(r) bolo/ fazê(r)/ vendê(r) bolo na escola pra arrecadá(r) dinhe(i)ro pra formatura né?... e tinha que fazê(r) bo::lo com

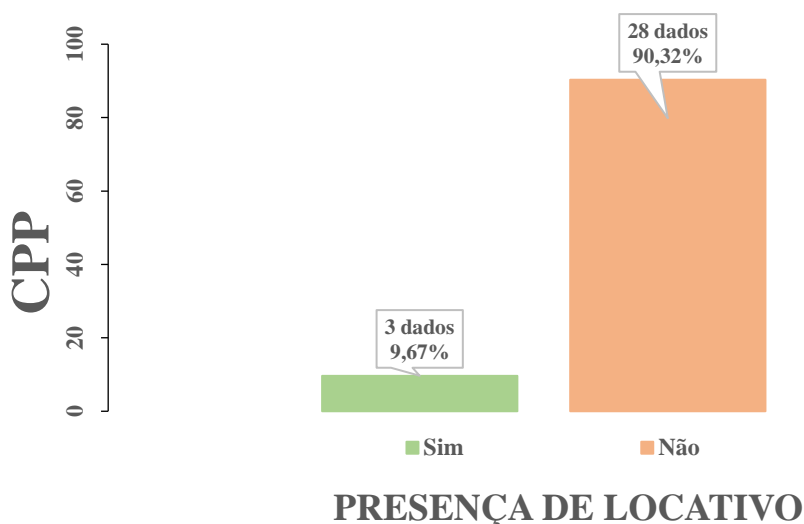
cobertu::ra e num sei quê... aí a hora que eu **fui fazê(r)** cobertura de chocola::te... meu irmão já lembrô(u) do doce *punk* (IBORUNA/AC-20; RP:138-141).

Em (110), o falante está narrando um acidente e diz que quando ele *foi chegar no hospital*, foi socorrido pelo médico. A construção *foi chegar* é uma CPP, visto que V1, *foi*, não marca mais movimento. Nesse caso, a construção poderia ser substituída por uma forma simples, *chegou*, sem danos ao sentido da informação. A presença do locativo, nesse caso, está ligada à semântica da construção e não somente ao componente V1, como ocorre em CMCP. Isso evidencia a baixa composicionalidade da CPP.

Em (111), a informante diz que quando *foi fazer a cobertura* de um bolo, o irmão a lembrou sobre uma cobertura específica, a *cobertura punk*. A CPP, nesse caso, ocorre sem nenhum locativo ligado a ela, visto que não tem semântica de deslocamento.

As CPP com o verbo *vir* com presença de locativos equivalem proporcionalmente a 9,6% dos dados, como em (112), em oposição a 28 ocorrências sem locativos próximos à construção, como em (113), o que representa 90,3% do total.

Gráfico 19: Presença de locativo em CPP com o verbo *vir*



Fonte: elaboração própria.

(112) Inf.: não antes eu morava aqui em Onda Verde né? daí... daí:: meu pai::... ganhô(u) herança né? (ganhô(u) uma casa aqui né?)... daí **a gente veio mu/ mudá(r) pra cá...** e essa::... como eu falei antes... é que mudô(u) muito pra mim né?... porque eu comecei

morá(r) em sítio mas aqui é mais sossega::do... de boa... na cidade é mais... sei lá né?
(IBORUNA/AC-41; NE:20-25)

(113) e a mulher dele paSSÔ(u) po po QUARto po pa:: sala de cirurgia e a minha ficô(u) lá no... pré-parto... daí a po(u)co veio a enferme(i)ra **veio me avisá(r)** que meu filho já tinha nascido... eu falei pra ela –“num é meu filho que nasceu não”–... (IBORUNA/AC-131; NE:5-9).

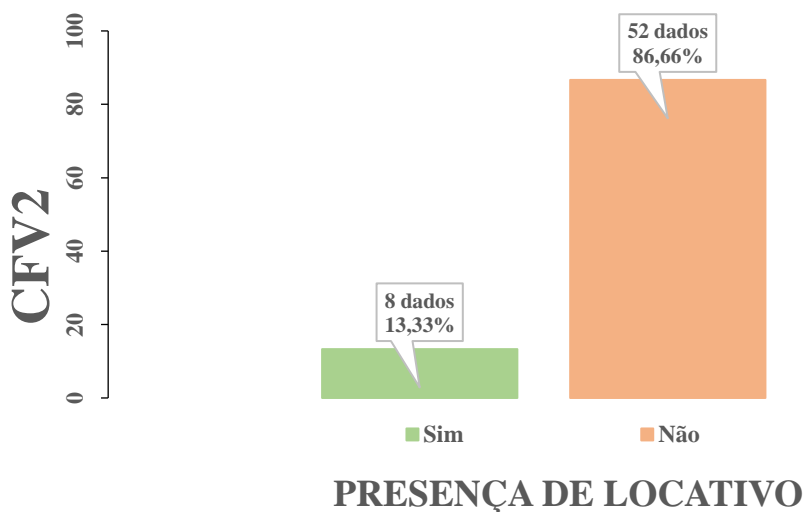
Em (112), a CPP *veio mudar* ocorre seguida por um locativo, *para cá*. Ainda que o locativo esteja ligado à construção, podemos perceber que ele se faz necessário pelo movimento marcado pela construção, e não ao V1, *veio*, o qual se encontra desbotado semanticamente. A exemplo do que ocorre na CPP em (110), o movimento marcado por toda a construção, em (112), evidencia a baixa composicionalidade da CPP.

Em (113), o informante diz que a mulher de uma outra pessoa estava tendo filho no mesmo momento em que a mulher dele. Em seguida, a enfermeira *veio avisar* que o filho já tinha nascido, mas acabou falando com o pai errado. A CPP, nesse caso, pode ser substituída por uma forma simples, *avisou*, sem que se perca a semântica da informação em forma composta. Além do mais, por se tratar de uma construção com um verbo de elocução, *avisar*, não faria sentido um locativo ligado a ela.

Embora a maioria das CPP com o verbo *ir* ocorram com presença de locativo próximo a ela, nas CPP os resultados mostraram o contrário. Quando comparamos os dois tipos de microconstruções com a CMCP, contudo, percebemos que esta apresenta maior ocorrência de marcas de locativo. Nossa interpretação com relação à diferença entre os dois *construtos*, com *ir* e com *vir*, é que a perda de movimento (a qual é intensificada pela presença de um locativo) ocorre de forma gradual, com membros mais próximos do protótipo de movimento, a CMCP, e membros mais distantes, os quais possuem o V1 ainda mais desbotado semanticamente.

3.2.6.3 Presença de locativo em CFV2

As CFV2 com o verbo *ir*, por seu turno, apresentam proporção de dados inversa às CPP e CMCP com esse verbo, uma vez que a soma de dados com presença de locativo 13,3% do total, como em (114), em contrapartida 86,6% do total que não possuem marca nenhuma de locativo, como em (115).

Gráfico 20: Presença de locativo em CFV2 com o verbo *ir*

Fonte: elaboração própria.

(114) essa minhas irmã tava sempre junto meus primo tal... e ESse rio... ele coleta o esgoto da cidade... olha onde que **eu fui caí(r)** filha por isso que eu falo eu num tive muita sorte porque eu **fui caí(r)** dentro do rio boste(i)ro é por isso que eu num levei muita [Doc.: risos)] [sorte] na vida... (IBORUNA/AC-100; NE:70-75).

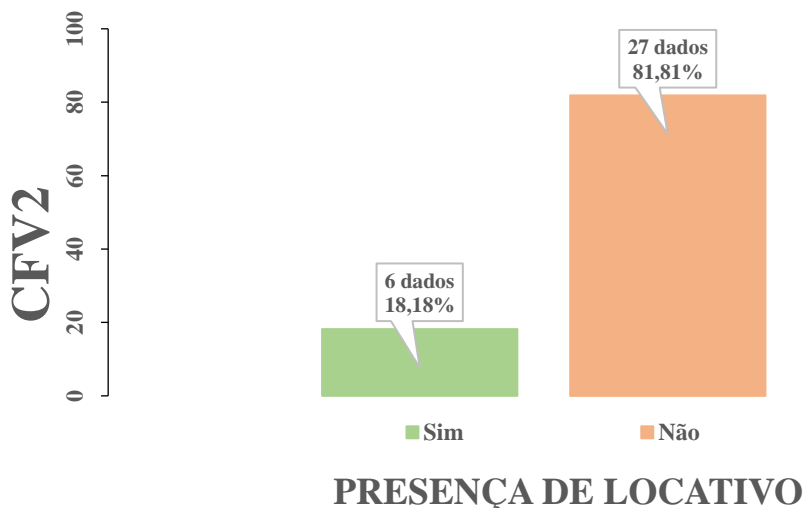
(115) vim terça-fe(i)ra aqui pra UNESP... **fui vê::(r)**... eu tinha ficado em:: na lista de espera/ tinham lançado trinta pessoas na lista de espera e eu fiquei em dezesseis praticamente no meio da lista de espera... (IBORUNA/AC-87; NE:69-70).

Em (114), a informante está narrando um episódio que ocorreu com ela. Ela diz que *foi cair* dentro de um rio bosteiro. Nesse caso, a CFV2 é usada, em meio a risos, para demonstrar o absurdo do que ocorreu com ela. O locativo, nesse caso *rio bosteiro*, faz referência à ação de *cair*, marcada pela CFV2.

Em (115), o informante está narrando o fato de ter ficado na lista de espera do vestibular da UNESP. Ele utiliza uma CFV2, *fui ver*, para demonstrar o quanto ficou chateado com o resultado. O foco, nesse caso, é marcado tanto pela construção, quanto pelo advérbio *praticamente*, logo em seguida, o que, segundo Ilari (2002), focaliza a informação dada pelo falante, levando o leitor a concordar com ele.

As CFV2 com o verbo *vir* ocorrem, em 81,8% do total, sem locativos ligados à construção, como em (116) em oposição a 18,8% do total de dados com locativos presentes, como em (117).

Gráfico 21: Presença de locativo em CFV2 com o verbo *vir*



Fonte: elaboração própria.

(116) e também seria:: é aliás é o correto porque não a negociação... mas que o:: Legislativo tenha poder também... para que nós não tenhamos aí um/ um ditador qualquer que venha... e::... leve o nosso país... a uma ditadura a uma::... situação aí... que **venha trazê(r)** problemas para o povo... mas... tô vendo... o governo Lula como o(u)tro qualquer do passado... (IBORUNA/AC-113; RO:250-254).

(117) ::í:: chegamo(s) em Noronha pista pequena tudo... mui-to se-co... quando a gente chega dá/... eu parava assim pensava – “gente que que eu **vim fazê(r)** aqui nesse fim/ FIM DE MUNDO”– né? achava que num tem NADA pra fazê(r) aqui que que eu tô fazen(d)o aqui? (IBORUNA/AC-51; DE:213-214).

Em (116), o informante está desabafando sobre o poder Legislativo, o qual deve ter poder para impedir um ditador governando o país, sendo uma situação que *venha trazer problemas para o povo*. Nesse caso, o uso de um CFV2 focaliza o aborrecimento

do informante com relação a governos ditatoriais. Não há locativos referentes à construção.

Em (117), o informante está narrando uma viagem que fez a Noronha, Trata-se de uma CFV2, cujo foco marca a intenção de mostrar o arrependimento do informante sobre a viagem. Isso é salientado, ainda, além da CFV2, pela ocorrência de uma pergunta retórica. Em (117), há a presença de um locativo, *aqui nesse fim de mundo*, o que retoma o destino da viagem, *Noronha*.

Ao compararmos os três tipos de construções com relação à presença/ausência de locativo, percebemos que a CMCP e a CPP se apresentam, proporcionalmente, de forma bem semelhante, em oposição às CFV2. Nessa construção, a propriedade de movimento orientado, marcado pelo sentido inicial dos verbos *ir* e *vir*, não se faz presente, o que explica o fato de o falante não ter a necessidade de marcar um locativo como meta. Essa propriedade é um importante argumento para comprovarmos o afastamento entre as CFV2 e as CMCP quando analisamos a semântica de V1. As CFV2, por serem construções mais abstratas, são autônomas com relação a marcas discursivas de lugar. Ao utilizar a CMCP, como artifício linguístico que comprove a semântica de movimento de V1, o falante utiliza locativos, os quais auxiliam a leitura de deslocamento, crucial para esse tipo de construção.

Com relação às construções aqui controladas, existe uma gradiência com relação à variável *presença de locativo próximos à construção*. Em primeiro lugar, com quase a totalidade dos dados com locativos, estão às CMCP, as quais, por serem mais concretas e marcarem semântica de deslocamento no verbo de movimento orientado, habilitam a marca de locativo ligados às construções. Em segundo lugar, estão as CPP, as quais, embora ocorram também com locativos, são mais abstratas e autônomas com relação a essa propriedade e, por apresentarem baixa composicionalidade, o locativo se faz presente devido à semântica de V2. E, por fim, estão as CFV2, as quais apresentam um nível maior ainda de abstratização e, por essa razão e pelo desbotamento semântico da noção de movimento, em V1, ocorrem, em sua maioria, sem locativos.

Nesta subseção controlamos a presença de locativos próximos às construções aqui analisadas, uma vez que defendemos que o uso de locativo seja motivado pela semântica de movimento de V1 (particularidade da CMCP).

Outra diferenciação com relação à tipologia de construções com *ir/vir* seguido de infinitivo refere-se à presença/ausência de material interveniente entre V1 e V2, discutidas na próxima subseção.

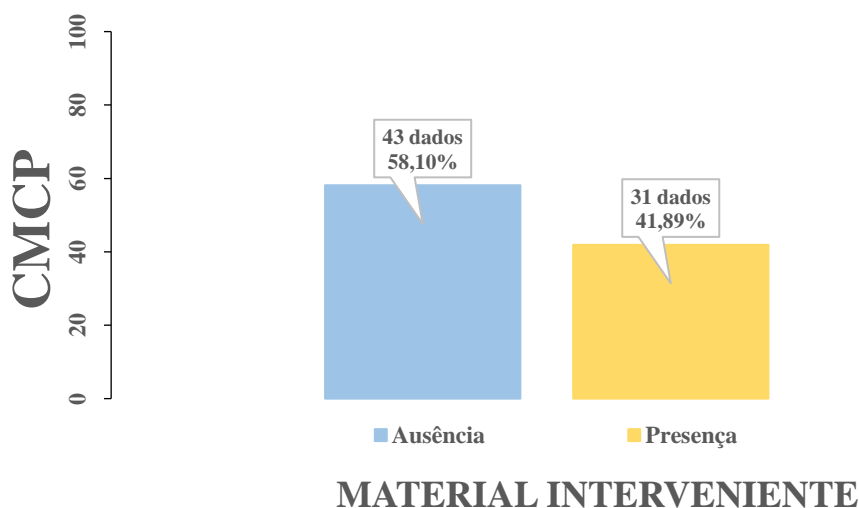
3.2.7 Presença de material interveniente entre V1 e V2

Nesta subsecção, apresentamos os resultados acerca do cruzamento entre o tipo de construção (CPP, CMCP e CFV2) e a presença ou ausência de material interveniente entre V1 e V2. Essa variável é importante para sustentarmos a relação hierárquica das microconstruções CPP e CFV2 com a CMCP, visto que a presença de material interveniente auxilia na leitura dessa como uma construção marcando dois eventos diferentes, sendo o primeiro, um de movimento orientado, em oposição às CPP e CFV2, nas quais ocorre apenas um evento.

3.2.7.1 Presença de material interveniente em CMCP

As CMCP com o verbo *ir* ocorrem proporcionalmente, com 41,8% dos dados com material interveniente entre V1 e V2, como em (118) e 58,1% com ausência de conteúdo entre V1 e V2, como em (119). Embora o índice de ocorrências sem material interveniente seja maior, podemos perceber que não há diferença estatisticamente relevante.

Gráfico 22: presença de material interveniente em CMCP com o verbo *ir*



Fonte: elaboração própria

(118) Inf.: viu o detalhe tudo... eles viram tudo certinho né? **e foram lá falá(r)** pa menina – “óh sua calcinha é assim assim assado” –... e a menina achô(u) ruim né? (IBORUNA/AC-15; RO:899-900).

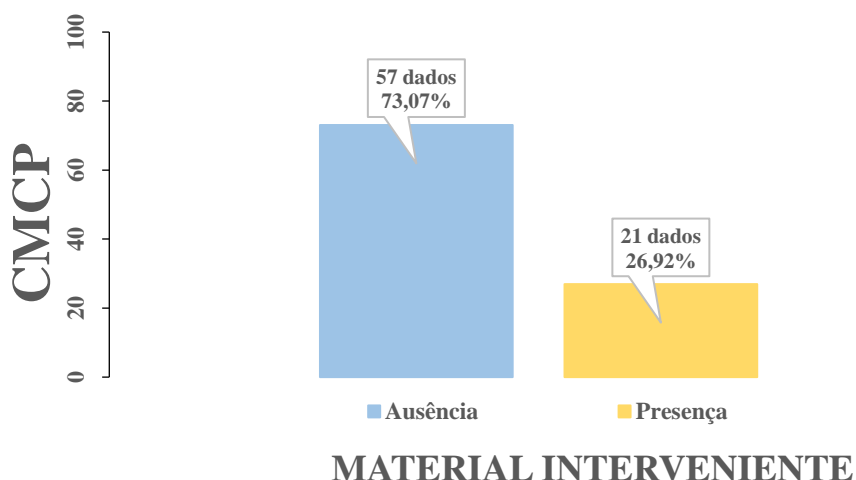
(119) aí na terça-fe(i)ra eu fui pra Nhandeara com meu pai minha mãe e ele foi... chegô(u) lá a gente não f/ não conversô::(u)... aí nós **fomos... comê(r)** um lanche... aí nós voltamo::(s) assim... mais ou menos tava mais ou menos bem... (IBORUNA/AC-52; NE:90-93).

Em (118), o informante está narrando algo que aconteceu com uma menina, cuja calcinha foi vista por várias pessoas. Segundo a informante, a CMCP *foram lá falar* ocorre com um locativo entre V1 e V2. A presença de material interveniente entre os dois verbos auxilia na leitura de dois eventos distintos: o de *ir* até um lugar, marcado pelo termo *lá*, e o de *falar* algo para a menina.

Em (119), em contrapartida, não ocorre material interveniente entre os verbos. Nesse caso, o informante diz que foi para Nhandeara com os pais e, depois de conversarem, *foram comer um lanche*, voltando em seguida. Embora não haja material interveniente entre os dois verbos, o fato de o falante informar, logo após a CMCP, que voltou, pressupõe um deslocamento anterior, em que se foi até um lugar.

As CMCP com o verbo *vir* apresentam 73,07% dos dados com ausência de material interveniente entre V1 e V2, como em (120) em oposição a 26,92% que o possuem, em (121).

Gráfico 23: Presença de material interveniente em CMCP com o verbo *vir*



Fonte: elaboração própria

(120) Inf.: [é::] aqui em Mirassol... e enxertava... veio a época das manga Aden então enxertava também... a manga... e ficô(u)... fazendo muda... ham:: eu trabalhei lá uns quatro anos mais ou menos assim... aí **eu vim trabalhá(r)**... no curtume... é o curtume aquele lugar que che(i)ra bem né?... e:: e:: e eu trabalhava dentro do curtume mesmo... (IBORUNA/AC-114; NE:25-30).

(121) aí o A. tava sentado... e o L. tava em pé... aí... aí (foi a hora)... aí diz que o L. olhô(u) pa trás... (já) **vinha uns quatro assim batê(r)** nele assim... aí eles apanharam pa caralho né?... tomaram (chute) na cabe::ça... só que o L. saiu corren(d)o... e ele num (a)güentô(u)... ele tomô(u) só uma bica... (IBORUNA/AC-43; NR:53-55).

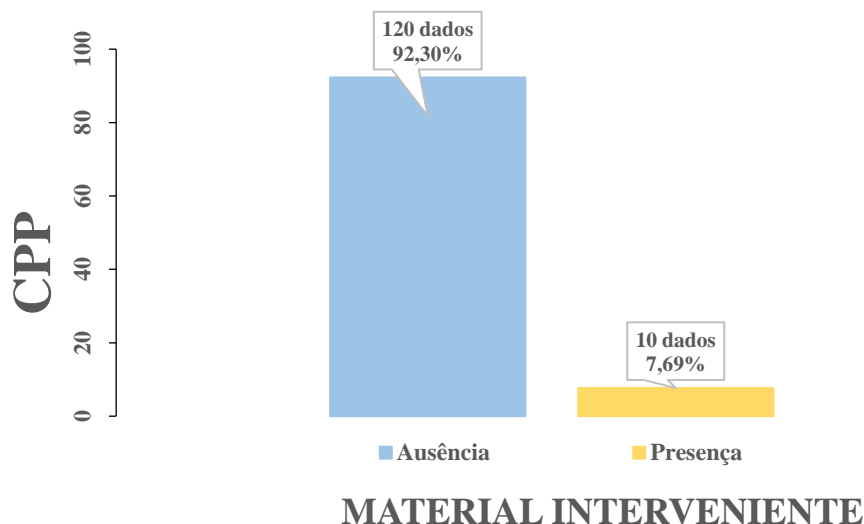
Em (120), o informante está falando sobre uma época em que trabalhava em curtume. Por meio de uma CMCP, *vim trabalhar*, ele afirma que se deslocou até o curtume com a finalidade de trabalhar dentro dele. Nesse caso, não há material interveniente entre V1 e V2.

Em (121), o informante fala sobre duas pessoas, o A., que estava sentado, e o L., que estava em pé. Segundo o relato, assim que o L. olhou para trás, *vinha uns quatro assim bater nele*. A CMCP, *vinha bater*, nesse caso, indica a ocorrência de dois eventos: a de ir até onde o L. e o A. estavam, com a finalidade de bater neles. Entre V1 e V2 ocorrem materiais intervenientes, *uns quatro assim*.

As CMCP são construções em que a semântica de movimento de V1, um verbo de movimento orientado, é importante para que se mantenha a finalidade da construção. Desse modo, podem ocorrer com materiais intervenientes entre V1 e V2, visto que, nessa construção, ocorrem duas ações distintas. As CPP, por seu turno, são mais restritas a materiais intervenientes entre V1 e V2, visto que, nessas construções, V1 está altamente desbotado com relação à semântica de movimento, e a composição toda da construção marca um deslocamento temporal a um tempo anterior à fala.

3.2.7.2 Presença de material interveniente em CPP

As CPP formadas pelo verbo *ir* apresentam-se, proporcionalmente, com 92,3% dos dados sem a presença de um material interveniente entre V1 e V2, como em (122), ocorrendo material somente em (7,6%), como em (123).

Gráfico 24: Presença de material interveniente em CPP com verbo *ir*

Fonte: elaboração própria.

(122) Inf.: a:: questão social hoje em dia... falta muito recurso né? especialmente na... na área da educação... na área da saúde... tá muito precário... o atendimento é péssimo... mesmo pa:./ pelo convênio... eu pago convênio... eles **foram marcá(r)** um retorno... o(u)tro di fiz uns exame tive que esperá(r) mais de trinta dias pra/ só pra retorná(r) pra mostrá(r) os exames pro médico...(IBORUNA/AC-133; RO:443-446).

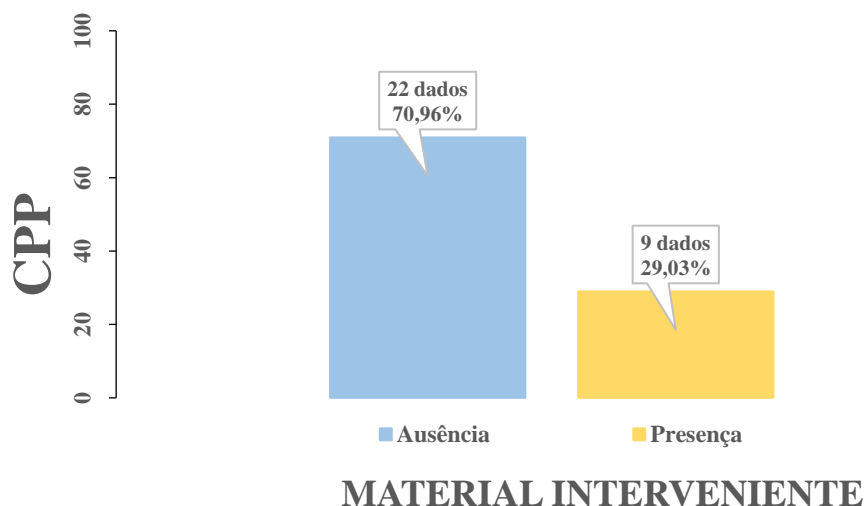
(123) daí eu peguei ainda noutra dia... saí:: **fui ainda dá(r)** um trampo c'um colega meu carpí(r) um lote aqui ali perto do Caparroz (IBORUNA/AC-31; NE:45-46).

Em (122), o informante afirma que paga convênio, e que *eles foram marcar um retorno* só para depois de trinta dias. A CPP *foram marcar um retorno* poderia ser substituída por uma forma simples, *marcaram um retorno*. Nesse caso, como na maioria das CPP com o verbo *ir*, não ocorre material interveniente entre V1 e V2.

Em (123), o informante diz que saiu e *foi dar um trampo* com um colega dele, afirmando que os dois iam carpir um lote perto do Caparroz. A CPP, *fui dar*, poderia ser parafraseada pela forma simples *dei*. Embora ocorra o material interveniente entre V1 e V2, o termo *ainda*, nessa construção não fica tão explícito o entrelaçamento de dois verbos marcando somente uma ação, como ocorre em (140).

As CPP formadas pelo verbo *vir* ocorrem em 70,9% dos casos sem nenhum material interveniente entre V1 e V2, como em (124), em oposição a 29,03% dos dados com a presença de material interveniente entre os verbos, como em (125).

Gráfico 25: Presença de material interveniente em CPP com o verbo *vir*



Fonte: elaboração própria.

(124) aí nós ficamo(s) esses quarenta e cinco dias lá foi ma::ravliloso o:: assim com exceção de um rapaz... e que que deu trabalho... pra... pra todo mundo ele mentia ele falava que ele era o agrônomo... ele falava que ia em tal fazenda... num aparecia [lá::] [Doc.: hum] e o dono da fazenda **vinha [reclamá::(r)]** (IBORUNA/AC-118; NE:108-110).

(125) :: no prime(i)ro dia de aula... ela tava um po(u)co perdida e aconteceu um fato muito engraçado... que ela só **veio me contá(r)** depois de algum tempo porque na verdade ela até ficô(u) com vergonha... do que aconteceu com ela... (IBORUNA/AC-88; NE:155-158).

Em (124), o informante está falando sobre um rapaz que viajou com ele, o qual dizia que iria em algumas fazendas, mas, como não cumpria isso, os donos da fazenda *vinham reclamar*. A CPP *vinham reclamar* pode ser substituída pela forma simples, *reclamavam*, mantendo, ainda, a marcação do mesmo evento, em tempo passado.

Em (125), a informante usou uma CPP, *veio me contar*, a qual pode ser substituída por uma forma simples, *me contou*. Nesse caso, ocorre um material interveniente entre V1 e V2, o pronome oblíquo *me*.

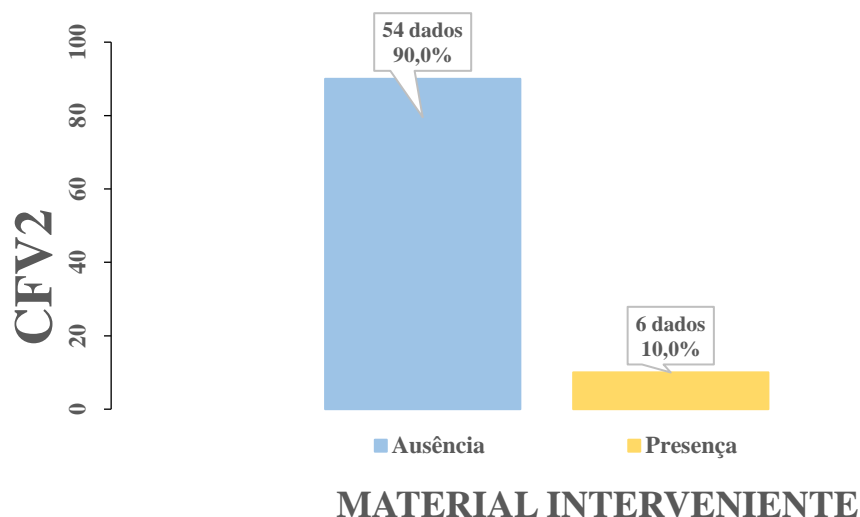
As CPP, diferentemente das CMCP, são construções que marcam somente um evento, o qual ocorre em tempo pretérito, anterior à fala. Embora a construção possua uma estrutura composta, V1, nessas construções, está desbotado semanticamente, metaforizando um deslocamento temporal para o passado. Por essa razão, a presença de material intervenientes entre os verbos não ocorre de forma frequente, visto que V1 e V2 estão altamente interligados. O sentido da construção, portanto, deriva do todo da própria construção.

A ausência de material interveniente entre V1 e V2, nas CPP, em contraposição à grande ocorrência desses entre V1 e V2 em CMCP são constatações do nível de integração entre os verbos em cada tipo de construção. Lehmann (1988, p. 217) delimitou seis parâmetros para medir o nível de integração das cláusulas complexas, a saber: rebaixamento hierárquico das cláusulas subordinadas, nível sintático, dessentencialização, gramaticalização do verbo principal, entrelaçamento, explicitude da articulação. Dentre os parâmetros organizados por Lehmann (1988), o do entrelaçamento entre os verbos interessa à análise das CPP. Uma vez V1 e V2, nessas construções, marcam somente um evento, a forte ligação entre os verbos, de forma contígua, auxilia a leitura de desbotamento semântico de V1.

3.2.7.3 Presença de material interveniente em CFV2

As CFV2 ocorrem com 90% dos dados sem a presença de material interveniente entre V1 e V2, como em (126), em oposição a somente 10% com presença de material interveniente, como em (127). A exemplo do que ocorre com as CPP, as CFV2 indicam alto nível de integração entre os verbos (LEHMANN, 1988), uma vez que o elo entre elas se mostra de forma mais explícita e por marcarem somente um evento.

Gráfico 26: Presença de material interveniente em CFV2 com o verbo *ir*.



Fonte: elaboração própria

(126) Doc.: e a história do seu primo como que é... como que ele **foi pará(r)** lá no C.D.P.?
 Inf.: então ele fez formação de quadrilha... (IBORUNA/AC-39; NR:133-134).

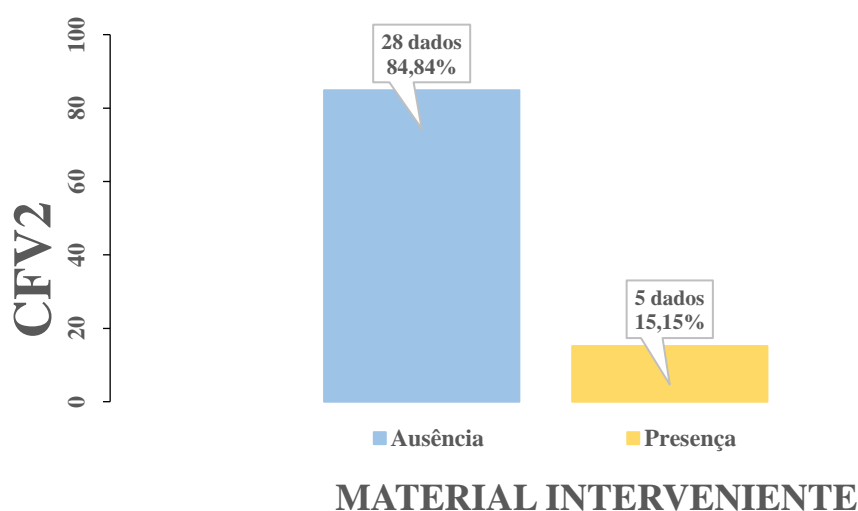
(127) porque a vi::da num era só ilusão né? isso aí ela falava muito... que tinha que pensá(r) muito assim::... em matéria de dinhe(i)ro... [Doc.: ham] que ela **foi se iludí(r)** com e::le... e aí:: que a vida dela virô(u) isso aí (IBORUNA/AC-114; NR:358-360).

Em (126), é feita uma pergunta a um informante. O documentador pergunta ao informante sobre a história do primo dele, e o modo como ele *foi parar lá no C.D.P.*, ao que o informante responde que o primo fez formação de quadrilha. A CFV2, nesse caso, ocorre sem material interveniente entre os verbos, os quais indicam somente uma ação, a de estar preso (*ir parar*) lá no C.D.P.

Em (127), o informante diz que uma outra pessoa tinha uma vida de ilusão. Em seguida, afirma que ela *foi se iludir* com outra pessoa, e o resultado é a vida dela estar desse jeito. A CFV2, nesse caso, ocorre com um material interveniente entre os verbos, o pronome *se*. Embora estejam divididos por esse pronome, V1 e V2, em (127), marcam somente uma ação, a de *se iludir*.

O mesmo é observado em CFV2 com o verbo *vir*, sendo 84,8% dos dados sem material interveniente entre V1 e V2, como em (128), em oposição a 15,5% dos dados com ocorrência de material interveniente entre os verbos, em (129). Isso demonstra, a exemplo do que ocorre com as construções formadas pelo verbo *ir*, que construções mais abstratas apresentam maior nível de entrelaçamento entre os verbos.

Gráfico 27: Presença de material interveniente em CFV2 com o verbo *vir*



Fonte: elaboração própria

(128) Inf.: aprendi a conhecê(r) as pessoas porque muitas pessoas... éh:: às vezes pessoas que você espera... éh:: que são teus amigos... que:: quando pessoas você você... foi... logo fazendo favor às vezes... éh nessa hora a pessoa... ou por dinhe(i)ro ou por alguma o(u)tra coisa::... talvez eles **num venha... trazê(r)** aquilo que... que eles deveria trazê(r) pra você... então éh:: aí que eu vo/ que a gente passa a conhecê(r) e passa a conhecê(r) o(u)tras pessoas... (IBORUNA/AC-113; NE:49-53).

(129) a minha opinião que eu tenho é sobre isso...programas mais educativos... éh programas que **venham de repente trazê(r)** pra gente POSSibilida::des de um dia melhor de que possamos fazê(r) (um) algo pra revertê(r) a situação...(IBORUNA/AC-57; RO-344-346).

Em (128), o informante diz que as pessoas não *venha trazer aquilo que eles deveriam trazer*. A CFV2, *venha trazer*, ocorre sem material interveniente entre os verbos, os quais, apesar de marcarem somente uma ação, *tragam*, ocorrem de forma composta com o objeto de focalizar a ação e demonstrar o quanto o informante se incomoda com essas pessoas que não trazem o que deveriam.

Em (129), o informante dá a opinião dele sobre os programas, os quais deveriam ser mais educativos. Ele solicita ainda que os programas *venham de repente trazer* possibilidades de um dia melhor. A CFV2, *venham trazer*, ocorre com um material interveniente entre V1 e V2, o termo *de repente*. Ainda que os verbos não estejam ligados diretamente, eles marcam somente uma ação, a de *trazer* algo. Contudo, ao usar a forma simples, intermedida por um advérbio, o informante focaliza a importância que dá para a melhoria em programas, os quais devem trazer esperanças.

Notamos, a partir dos resultados demonstrados, que as CMCP, por aceitarem material interveniente entre V1 e V2, encontram-se menos integradas sintaticamente (LEHMANN, 1988) do que as CFV2 e as CPP. Estas, por sua vez, por apresentarem menor ocorrência do uso de material interveniente entre V1 e V2, demonstram um nível menor de autonomia das cláusulas e, conseqüentemente, maior dependência entre elas.

Os resultados dos cruzamentos entre as construções (CPP, CMCP e CFV2), e a variável *material interveniente entre V1 e V2*, demonstram que o nível de ligação entre os verbos da construção está estritamente relacionado à semântica delas. A CPP e CFV2, as quais encontram-se em nível menos esquemático e mais abstrato com relação à CMCP, possuem alta proporção de construções com verbos sem presença de material interveniente entre eles. A CMCP, por seu turno, mais esquemática e concreta do que as CPP e CFV2, apresenta um nível maior de aceitabilidade de material interveniente entre os verbos, estando, portanto, menos integrada e com um nível maior de composicionalidade.

Nesta seção, apresentamos a análise quantitativa dos cruzamentos realizados entre as construções-foco deste trabalho (CMCP, CPP e CFV2) e as variáveis supracitadas. A partir dos resultados discutidos acima, percebemos que as construções possuem diferenciações entre elas.

As CMCP, sejam formadas por *ir* ou por *vir*, denotam sentido de movimento espacial até a meta, que é a própria finalidade. Possuem, portanto, relação direta com a oração adverbial final, estando mais próximas a ela hierarquicamente. Elas priorizam, no espaço de V2, verbos cuja semântica esteja ligada a relações físicas de ação e movimento,

como os de processo material. Isso demonstra que as CMCP possuem alto índice de composicionalidade, visto que a informação passada pela construção, a de um movimento até um propósito, deriva das partes menores que a compõem, tanto da semântica de deslocamento espacial de V1, quanto da junção de um verbo de movimento a um verbo em forma infinitiva, V2.

Além disso, têm majoritariamente um sujeito animado e, na ocorrência de um sujeito inanimado, isso é possibilitado por relações metonímicas. Essa propriedade auxilia a leitura inicial do verbo de movimento orientado, o qual não desbotou semanticamente em CMCP.

Os verbos, por serem, em grande parte, com semântica do tipo processo material, em CMCP, ocorrem com verbos transitivos. Além disso, as CMCP não têm restrição quanto à ocorrência de material interveniente entre V1 e V2 e possuem locativos ligados às construções, os quais evidenciam a noção de movimento inicial de V1.

As CPP estabelecem relações com as CMCP e com as orações adverbiais finais, mas, diferentemente dessas, sofrem desbotamento semântico da ação de V1, o qual é transferido da categoria de verbo pleno, como na CMCP, para um verbo auxiliar, formando uma perífrase temporal de passado. O desbotamento semântico de V1 demonstra que as CPP possuem um grau menor de composicionalidade do que as CMCP, uma vez que o sentido da construção é resultado da forte ligação entre V1 e V2, não se recuperando, portanto, os significados separadamente.

As CPP ocorrem prioritariamente com V2 carregando sentido de processo material, uma vez que V1, nessas construções, não marca mais ação. Com relação ao tipo de sujeito, as CPP ocorrem, em grande maioria, com sujeitos animados e V2 intransitivos. A ocorrência de material interveniente entre V1 e V2 é relativamente baixa, o que demonstra que, com relação à CMCP, as CPP estão mais integradas sintaticamente, menos esquemáticas e menos composicionais.

As CFV2 são construções que, a exemplo das CPP, sofreram desbotamento semântico de V1. Portanto, a semântica de deslocamento espacial, como na CMCP, foi substituída por função pragmática de foco, com o qual se enfatiza a ação de V2. As CFV2 estabelecem relações com a CMCP e CPP, mas estão metaforizadas no nível do discurso e, por essa razão, apresentam-se com relações mais abstratas. Com relação à semântica do processo de V1, em CFV2, percebemos que elas apresentam alta aceitabilidade de diferentes tipos de semânticas de verbos na posição de V2, sendo os processos ligados aos níveis das relações abstratas, como os de processo mental, bastante recorrentes nesse

tipo de construção. Além disso, as CFV2 não têm restrição quanto ao tipo de sujeito, ocorrendo tanto com sujeitos animados, quanto com sujeitos inanimados. Diferentemente das outras construções, as CFV2 não ocorrem prioritariamente com verbos transitivos. Elas têm um certo grau de restrição quanto às marcas discursivas de locativo, uma vez que ocorrem, em grande parte, estabelecendo relações metafóricas com sujeitos inanimados, o que evidencia o desbotamento do movimento de V1. Não ocorrem, de forma frequente, materiais intervenientes entre V1 e V2, uma vez que essas construções se encontram com um alto nível de integração entre os verbos.

Com o intuito sintetizar o que foi discutido e definir os níveis de mudança sofrida pelas construções na rede hierárquica formada entre elas, apresentamos, a seguir, um quadro de propriedades inerentes a cada construção. Apesar de o trabalho não focar nas orações adverbiais finais, elas são o início da mudança, visto que, a partir delas, a CMCP se instancia, habilitando, ainda, novas construções. Por essa razão e no intuito de estabelecer comparativos entre elas, incluímos, no quadro abaixo, a categoria de oração adverbial final.

Quadro 2: Propriedades das construções com *ir/vir* seguidos de infinitivo

Propriedade	ADV FINAL	CMCP	CPP	CFV2
Semântica de V1	movimento espacial com finalidade	movimento espacial orientado a um propósito	deslocamento temporal até o momento anterior à fala	focalização
Desbotamento semântico de V1	não	não	sim	sim
Nível de integração entre V1 e V2	baixo	intermediário	alto	alto
Animacidade do sujeito	Sujeito animado	Sujeito animado	Sujeito animado e inanimado	Sujeito animado e inanimado
Presença de material interveniente entre V1 e V2	Alta	Média	Baixa	Baixa
Locativos ligados à construção	Alto	Alto	Baixo	Baixo

Fonte: elaboração própria

Ainda que as construções CFV2, CMCP e CPP se apresentem de forma distinta, é possível reconhecer relações de herança, seja entre as microconstruções aqui discutidas, seja com a oração adverbial final. O surgimento de novas construções a partir de uma noção mais concreta de finalidade permite estabelecer relações hierárquicas entre diferentes níveis de construções, as quais vão se reconhecendo e modificando, criando uma rede construcional, apresentada na próxima seção.

3.3 CONSTRUCIONALIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES *IR/VIR* SEGUIDOS DE INFINITIVO

3.3.1 Rede construcional de *ir/vir* seguido de infinitivo

Nesta seção, apresentamos a rede construcional formada pelas construções de *ir/vir* seguidos de infinitivo levando em conta os pressupostos da abordagem construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). As mudanças sofridas pela construção da rede são identificadas, nos diferentes níveis, com relações hierárquicas.

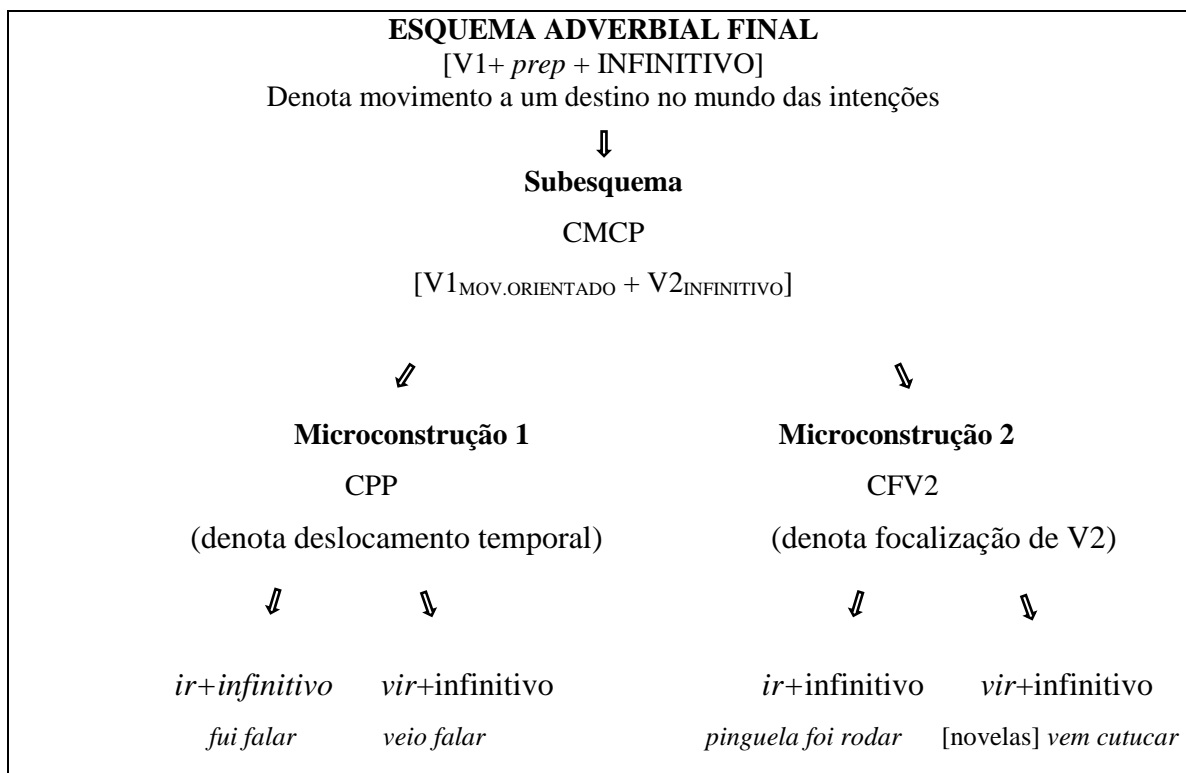
A abordagem construcional defende que as construções estão relacionadas, a exemplo de uma rede, com *nós* interligando diferentes construções, as quais se unem, de modo gradual, com níveis de maior a menor esquematicidade e mais ou menos composicionalidade, dependendo do estágio em que a construção se encaixa na rede.

A rede formada pelas construções com os verbos *ir/vir* seguidos de infinitivo está ilustrada na figura 6. No topo, o nível mais alto e abstrato, encontram-se as orações finais, representadas pela oração adverbial final. São construções que, sintaticamente, apresentam o esquema [V1+prep.+V2_{infinitivo}] e, semanticamente, denotam movimento de origem à uma meta, marcando destino no mundo das intenções.

Abaixo das orações adverbiais finais estão as CMCP. Elas não apresentam elemento conectivo entre V1 e V2, como a adverbial final, mas conservam, ainda, a noção de finalidade e, por isso, estabelecem relação hierárquica com as adverbiais finais, sendo um subesquema delas. As CMCP sofreram processo de construcionalização, instanciadas pela adverbial final, e deram resultado a uma nova construção, cuja estrutura sintática (verbo de movimento orientado seguido por um verbo no infinitivo, sem conectivo entre V1 e V2, conforme ocorre em adverbial fina) habilita uma nova leitura, a de propósito. Dentre as CMCP, as formadas pelos verbos *ir/vir* sofrem mudança construcional, perdendo algumas propriedades, como a semântica de deslocamento espacial, originando

novas microconstruções, as CPP e as CFV2, as quais ocorrem em diferentes *contrutos*, conforme demonstrado:

Figura 6: Rede das construções de finalidade



Fonte: elaboração própria.

Com base nas observações, as construções com *ir/vir* podem ser organizadas em níveis hierárquicos conforme demonstrado no quadro a seguir:

Quadro 3: nível hierárquico das construções com *ir+infinitivo*

Nível	Representação
Macroconstrução Esquema	Oração adverbial final
Mesoconstrução Subesquema	CMCP
Microconstruções	CPP, CFV2
Construto	<i>ir+infinitivo</i> , <i>vir+infinitivo</i>

Fonte: elaboração própria

3.3.2 Esquematicidade das construções formadas por *ir/vir* seguidos de infinitivo

Com relação ao grau de esquematicidade, as CMCP, subesquemas das orações adverbiais finais, encontram-se mais esquemáticas se comparadas às CPP e CFV2, visto que são construções mais abstratas e gerais, das quais novas construções vão sendo sancionadas. Além disso, as CMCP, pela semântica de movimento orientado a uma meta, são mais produtivas, admitindo outros verbos de movimento na posição de V1, consoante Oréfica (2014) e têm uma das posições da construção previamente definida pela semântica do verbo de movimento orientado.

As microconstruções CPP e CFV2 apresentam grau intermediário de esquematicidade, pois são *types* mais específicos de construções, as quais advêm da CMCP, mas perderam parte do conteúdo semântico dessas, herança da finalidade, desde a oração adverbial final.

Desse modo, as construções formadas pelos verbos *ir/vir*, no que tange ao nível de esquematicidade, estão organizadas da seguinte forma:

Quadro 4: nível de esquematicidade das construções com *ir/vir* seguidos de infinitivo

Construção	Esquematicidade
Esquema oração adverbial final	Nível alto de esquematicidade Sanciona o subesquema CMCP Formação esquemática <i>para+infinitivo</i> + geral e inclusivo
Subesquema CMCP	Nível médio de esquematicidade Sanciona as microconstruções CPP e CFV2 Verbo de movimento orientado + infinitivo
Microconstruções CPP, CFV2	Nível baixo de esquematicidade Sancionadas no construto Não sancionam novas construções + específicas

Fonte: elaboração própria

3.3.3 Composicionalidade das construções formadas por *ir/vir* seguidos de infinitivo

A composicionalidade de construções, em abordagem construcional, avalia os graus de transparência expressos no elo que liga *forma* e *significado*, visto que, quanto mais complexas as construções, mais composicionais elas são, sendo o significado derivado das partes menores que a compõem.

A oração adverbial final apresenta alto nível de composicionalidade, uma vez que a preposição *para* denota semântica de destino, o que, no mundo das intenções, representa a própria finalidade. Desse modo, a compreensão de finalidade, na adverbial final, é possibilitada pela configuração sintática da oração, *para* + *infinitivo*.

No que tange às CMCP, a semântica de deslocamento espacial, indicando um movimento orientado a uma meta, possibilita leitura de finalidade, o que se perde nas microconstruções CPP e CFV2, as quais têm V1 desbotado semanticamente. A CMCP, portanto, apresenta nível intermediário de composicionalidade, pois o sentido de finalidade é altamente dependente das partes menores que formam a construção, *verbo de movimento orientado* + *verbo em forma infinitiva*.

As CPP e CFV2 são microconstruções menos composicionais do que a CMCP, visto que são menos complexas e a integração entre os verbos mais transparente. A leitura de deslocamento temporal, na CPP, e foco em V2, na CFV2, depende do todo da construção.

As construções formadas pelos verbos *ir/vir*, no que tange ao nível de composicionalidade, estão organizadas da seguinte forma:

Quadro 5: nível de composicionalidade das construções com *ir/vir* seguidos de infinitivo

Construção	Composicionalidade
Esquema oração adverbial final	Nível alto de composicionalidade + complexas <i>para</i> : preposição que indica meta, finalidade
Subesquema CMCP	Nível intermediário de composicionalidade + complexas V1 de movimento orientado a uma meta
Microconstruções CPP, CFV2	Nível baixo de composicionalidade - complexas desbotamento semântico de V1 construção com verbos mais integrados

Fonte: elaboração própria.

3.3.4 Produtividade das construções formadas por *ir/vir* seguidos de infinitivo

A oração adverbial final é mais produtiva no sentido em que, por depender de uma configuração sintática bem específica, ela é mais abrangente quanto à ocorrência de outros verbos preenchendo os espaços da construção.

Na CMCP, na qual não ocorre conectivo entre V1 e V2, ao contrário da adverbial final, a produtividade da construção limita-se à ocorrência de verbos específicos, os de movimento orientado, e, dentre eles, os verbos *ir* e *vir*. Ademais, V2, em CMCP, pode ser tanto um verbo transitivo, quanto intransitivo.

A CFV2 e a CPP, visto que são construções mais concretas e menos esquemáticas, têm menor capacidade de extensibilidade, ocorrendo em contextos mais específicos. Contudo, apresentam-se bastante produtivas com relação ao tipo de verbo em V2. Isso ocorre pelo fato de serem construções mais abstratas do que a CMCP e, por essa razão, parecerem menos restritivas.

A caracterização das construções com relação à produtividade está organizada no quadro abaixo:

Quadro 6: nível de produtividade das construções com *ir/vir* seguidos de infinitivo

Construção	Produtividade
Esquema oração adverbial final	Alta produtividade <i>Para+infinitivo</i> Extensibilidade a outros verbos e conectivos
Subesquema CMCP	Nível intermediário de produtividade Verbos de movimento orientado (<i>ir, vir</i>)
Microconstruções CPP, CFV2	Nível intermediário de produtividade <i>Ir+infinitivo</i> e <i>vir+infinitivo</i>

Fonte: elaboração própria.

As propriedades de composicionalidade, esquematicidade e produtividade mostraram-nos que as construções formadas pelos verbos *ir/vir* seguidos de infinitivo se organizam em rede construcional, partindo das mais composicionais, produtivas e esquemáticas para as menos composicionais e menos esquemáticas.

No ponto mais esquemático estão as orações subordinadas adverbiais. Elas se organizam pela junção de um verbo (V1), intermediado por uma preposição (usualmente *para*), com um outro verbo (V2) em forma não finita. Essas construções têm como estatuto a marca de finalidade, com um movimento metafórico no mundo das intenções, conforme representado na figura e ilustrado em (130):

Figura 7: oração adverbial final com *ir* ou *vir*

<p>ADVERBIAL FINAL [V1+ <i>prep</i> + INFINITIVO] Denota movimento a um destino no mundo das intenções</p>

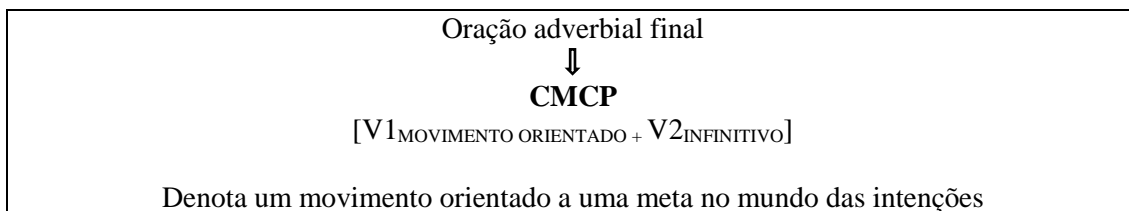
Fonte: elaboração própria

(130) França ou na Itália... que ela **foi lá pra ficá(r) uma temporada...** e graças/ e graças a Deus (IBORUNA/AC-24; NR-119-120).

Em (130), a informante diz que alguém se deslocou até a Itália ou França *para ficar* uma temporada por lá. O verbo *ir*, seguido pela preposição *para* e o verbo no infinitivo, *ficar*, demonstra a finalidade em, ao se realizar uma primeira ação, atingir a segunda ação, *ficar uma temporada*.

Esse tipo de construção é bastante usado na língua, podendo ocorrer com diferentes tipos de V1, sem restrições. A oração adverbial final é mais esquemática do que a CMCP, visto que necessita da preposição seguida de infinitivo para a marca de finalidade. É, ainda, mais produtiva, podendo ocorrer com diferentes verbos na posição de V1 e mais composicional, pois recuperamos, no sentido todo, a semântica das partes da construção: a preposição marcando o alcance da meta, a finalidade e o movimento, com V1.

A CMCP tem herança da oração adverbial final, pois denota, como essa, finalidade. No entanto, a propriedade *presença de conectivo antes de um infinitivo* não está presente, na CMCP, a qual é menos esquemática, menos composicional e menos produtiva do que a adverbial final, conforme demonstrado na figura e ilustrado em (131):

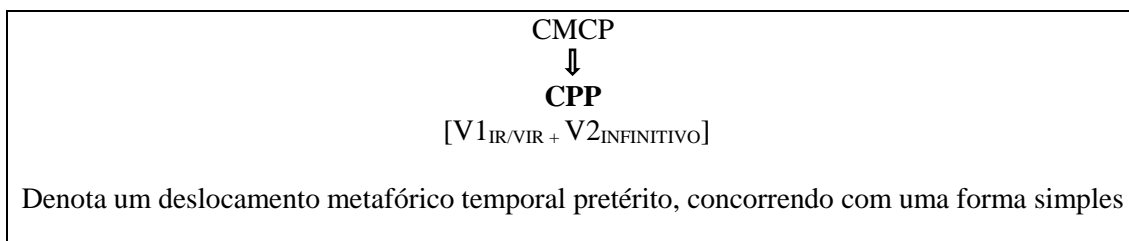
Figura 8: CMCP

Fonte: elaboração própria

Em (131), o informante diz que ligou para a mãe dela e a mãe da M. e que ambas *foram lá na praça achar* uma menina. Na CMCP em questão, o primeiro verbo, *ir*, marca um deslocamento espacial, até o destino, *praça*, com a finalidade de achar uma pessoa. Diferentemente da adverbial final, contudo, não existe conectivo entre os verbos. A leitura de finalidade, em CMCP, é possibilitado tendo a vista a própria semântica de movimento orientado do primeiro verbo à meta, marcada pelo segundo verbo. Ainda que a CMCP não carregue todas as propriedades da oração adverbial final, ela está estritamente relacionada a essa, sendo um membro menos prototípico de finalidade e, portanto, menos esquemático e composicional.

(131) Inf.: [NÃO] num tava na praça tava só eu e a M. ... aí:: nós ligamo(s) pra mãe da M.... pra mãe da M. e pra minha mãe daí elas **foram lá na praça achá(r)** essa meIna... fomo(s) atrás de/ do um monte de (gente) do conselho tutelar tal (IBORUNA/AC-31; NR-55-58).

Partindo da CMCP, ocorrem duas microconstruções, as quais seguem caminhos distintos, a microconstrução CPP, em (150), ilustrada na figura, e a CFV2, em (132), demonstrada na figura:

Figura 9: CPP

Fonte: elaboração própria

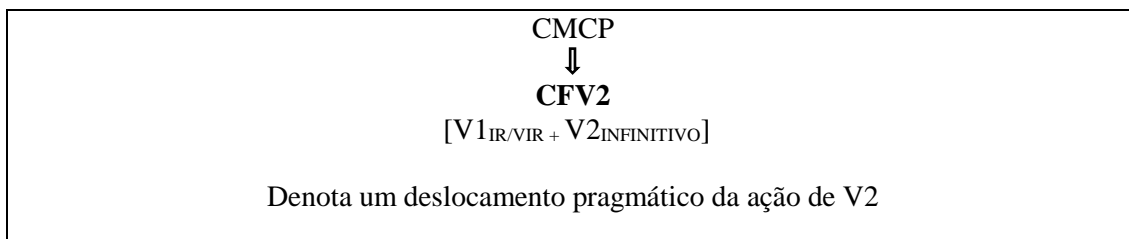
Em (132), a informante está desabafando sobre um relacionamento, no qual se dedicou totalmente ao parceiro. Conforme o tempo foi passando, ela foi saindo daquela

situação e conhecendo novas amigas. Ela diz que *foi fazer* novos amigos. A CPP, nesse caso, poderia ser substituída por uma forma simples, *fiz*, sem comprometimento do sentido da construção.

(132) e eu num tava mais agüentando... e (nisso) foi passan(d)o o tem::po eu fui conhecen(d)o outras pessoas [Doc.: hum] sabe? **fui fazê(r)** novas amigas foi saIN(d)o daquele negócio só dele só dele só ele só ele só ele... sabe? (IBORUNA/AC-47: NE-15-17).

A CPP é, portanto, um tipo de construção instanciada pela CMCP, com quem está relacionada diretamente. Entretanto, a noção de movimento, na CPP, foi metaforizado para um deslocamento temporal, no qual o falante informa algo feito antes do momento da fala, no passado. A CFV2, por seu turno, é um tipo de construção na qual o falante marca foco na ação de V2, como em (133):

Figura 10: CFV2



Fonte: elaboração própria.

Por meio da CFV2, em (133), a focalização da ação de V2 fica evidente, visto que o falante quer demonstrar o quanto fica irritado com o fato de alguém ter traído a irmã, ao ter um relacionamento com o marido desta.

(133) tanto homem no mundo... e **ela foi catá(r)** justamente o marido da irmã?... (IBORUNA/AC-15; RO:3).

Essa construção também foi instanciada pela CMCP, ocorrendo com verbos *ir/vir*. O deslocamento, em CFV2, não é espacial, mas sim a focalização da ação, com a qual se evidencia a intenção do falante sobre a mensagem e o efeito que pretende causar no ouvinte, levando-o a concordar com ele.

Todas as construções apresentadas estão relacionadas em uma rede construcional, a qual conta com membros mais prototípicos, como a oração adverbial final, e membros menos prototípicos, os quais não possuem todas as propriedades dessa construção, como a CMCP, que marca finalidade, sem, contudo, conectivo, ou as CPP e CFV2, as quais marcam, respectivamente, movimento metafórico temporal e focalização.

Além disso, existem ocorrências com sentido ambíguo, como em (134), o que demonstra a importância do tratamento dessas construções por meio da noção de protitipia. Em (152), a informante diz que os pais não aceitaram totalmente o que ela propunha, colocando como condição que *ela fosse morar com ele* ou *casar*. Não fica claro, em *fosse morar*, se o verbo *ir* está desbotado semanticamente, marcando tempo passado ao momento da fala, como na CPP, ou se ele indica movimento prototípico, como ocorre em CMCP.

(134) meus pais embora não aceitaram mui::to né? ((ruído de carros)) mas eles impuseram a condição de que eu **fosse morá(r)** com ele ou casá(r)... como eu num quis casá(r) eu tive que í(r) morá(r) com ele... (IBORUNA/AC-40; NE:8-10).

Ocorrências como em (134) evidenciam a fluidez categorial presente na língua, por meio das construções formadas pelos verbos *ir/vir* seguidos de infinitivo. Por essa razão, o tratamento das construções por meio da compreensão de uma rede hierárquica com categorias com fronteiras difusas, partindo de membros [+ prototípicos] instanciando membros [- prototípicos] se faz necessário.

Abaixo, com o intuito de sintetizar as propriedades inerentes a cada membro da rede construcional de *ir/vir* seguidos de infinitivo, elaboramos um quadro:

Quadro 7: Propriedades das construções formadas por *ir/vir* seguidos de infinitivo

CONSTRUÇÃO	Adverbial final	CMCP	CPP	CFV2
Semântica	Movimento no mundo das intenções	Movimento orientado a uma meta	Deslocamento metafórico temporal ao pretérito	Focalização de V2
V1	Sem restrições	Verbo de movimento orientado	<i>Ir</i> ou <i>vir</i>	<i>Ir</i> ou <i>vir</i>
V2	Forma infinitiva	Forma infinitiva	Forma infinitiva	Forma infinitiva
Integração entre V1 e V2	Baixa	Intermediária	Alta	Alta
Composicionalidade	Alta	Alta	Baixa	Baixa
Esquematicidade	Alta	Intermediária	Baixa	Baixa
Produtividade	Alta	Intermediária	Intermediária	Intermediária

Fonte: elaboração própria

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afirmamos, no começo do nosso trabalho, que as construções formadas pelos verbos de movimento básico *ir+infinitivo* e *vir+infinitivo* são construções muito recorrentes na Língua Portuguesa. Embora alguns estudos já tenham sinalizado diferentes nuances dentro dessas construções, o caminho utilizado para descrevê-las tem se limitado às discussões a respeito do processo de auxiliação, com as perífrases temporais. Outros casos passam, portanto, despercebidos devido à grande variedade de ocorrências dessas construções.

Adotamos, neste trabalho, o tratamento dessas construções por meio da abordagem do Modelo Baseado no Uso, o qual engloba propriedades do Funcionalismo ao Cognitivism linguístico. Dessa forma, as noções de prototipia e fluidez categorial se fizeram importantes para compreendermos as relações hierárquicas criadas pelas construções foco deste trabalho.

Nosso trabalho propôs um estudo mais abrangente e aprofundado dessas diferenciações entre as construções, expandido o contexto e representando, baseando-nos nos pressupostos teóricos da construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), uma rede construcional que abarcasse uma variedade de microconstruções, como construções de finalidade, a oração adverbial fina e a CMCP, as construções perifráicas de passado, CPP e construções focalizadoras de V2, CFV2.

A análise quantitativa dos dados, por meio do EXCEL e do programa R, demonstraram que as construções mais esquemáticas, como a CMCP, ocorrem com V2 com sentido mais concreto, como os verbos de processo material, demonstrando um pouco de resistência com relação a sentidos mais abstratos. Além disso, entre os verbos da CMCP há grande ocorrência de material intervenientes, o que demonstra baixa integração entre V1 e V2 e que essas construções são, ainda, bastante composicionais. Além disso, por se tratarem de construções com semânticas mais concretas, marcando movimento, ocorrem quase integralmente com sujeitos animados. Ademais, ocorrem locativos ligados à construção, uma vez que esses auxiliam a leitura de finalidade, na CMCP.

No que tange às CPP, percebemos, por meio dos testes quantitativos, que elas são construções menos esquemáticas e composicionais, visto que a integração de V1 e V2 se mostra de forma mais evidente. A leitura de deslocamento temporal, presente na construção, é possibilitada pelo resultado da própria construção. Ademais, os verbos se encontram altamente interligados.

Com relação às CFV2, notamos que o movimento, nessas construções, desbotou-se, ocorrendo a focalização de V2, sendo que o intuito do falante, ao utilizá-la, é enfatizar a ação de V2 e salientar seu próprio julgamento sobre essa ação, buscando levar o leitor a concordar com ele. Essa construção apresenta alta aceitabilidade de verbos mais abstratos, na posição de V2, e sujeito inanimado, visto que a ação, nessa construção, é metafórica.

O tratamento das CMCP, CPP e CFV2 por meio da ilustração de uma rede construcional, com diferentes níveis de esquematicidade, possibilita a compreensão das relações existente entre elas, as quais são altamente correlacionadas, mas apresentam particularidades que as alocam em diferentes níveis. Assim, o tratamento construcional, proposto por Traugott e Trousdale (2013), por meio da metáfora de rede, com diferentes nós, auxilia na compreensão de que a língua não pode ser tratada de forma automatizada, em categorias bem definidas, uma vez que as construções vão se criando, na língua, por meio de relações entre protótipos e categorias menos representativas, as quais vão trazendo novas informações e novas formas de comunicação.

Nosso trabalho, por meio da descrição da rede construcional formada pelas construções com verbos *ir/vir* seguidos de infinitivo, ilustra o tratamento dado à língua como uma entidade viva, não estática, na qual as categorias linguísticas vão se encontrando por meio de *nós* e relações hierárquicas em diferentes níveis. Desse modo, a rede construcional das CMCP, CPP e CFV2, ligadas à oração adverbial final, por meio dessa tese, dialoga com o modelo da construcionalização, contribuindo para, de forma empírica, compreender o tratamento de mudança construcional da língua por meio de relações hierárquicas.

As relações de finalidade, deslocamento temporal e foco, aqui descritas, por meio das CMCP, CPP e CFV2, foram analisadas de forma sincrônica, sem extrapolar diacronicamente o português brasileiro do século XXI. Um trabalho mais apurado acerca do surgimento de cada microconstrução, bem como as CMCP, poderia justificar o caminho distinto seguido por essas construções interligadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, J.C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2010.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

BERLIN, B.; KAY, P. **Basic Color Terms: Their Universality and Evolution**. Berkeley: University of California Press, 1969.

BRUGMAN, C.; LAKOFF, G. **Cognitive topology and lexical networks**. In Steven L. Small, Garrison W. Cottrell, Michael K. Tanenhaus, eds., *Lexical Ambiguity Resolution: Perspectives from Psycholinguistics, Neuropsychology and Artificial Intelligence*, 477-508. San Mateo, CA: Morgan Kaufmann,

BYBEE, J. L.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

BYBEE, J. L. **Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency**. In: JOSEPH, B. D.; RICHARD, D. J. (Ed.). *The handbook of historical linguistics*. Malden: Blackwell Publishing, 2003. p.624-647.

_____. (2002a) **Sequentiality as the basis of constituent structure**. In Givón, Bertram. *The Evolution of Language out of Pre-Language*, 109-132. Amsterdam: Benjamins, 2007.

_____. (2002b). **Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change**. *Language Variation and Change* 14: 261–290. In: BYBEE, 2007.

_____. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, A.T. de. **Aspecto verbal no português falado**. In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; RODRIGUES, A.C.S. (orgs.) *Gramática do Português Falado, Vol VIII: Novos estudos descritivos*. (p.83-121). Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2002.

_____. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CROFT, W. **Radical Constructions grammar: syntactic theory in typological perspective**. New York: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W; CRUSE. **Cognitive Linguistics**. CUP, Cambridge, 2004.

DIAS, N. B. **As cláusulas de finalidade**. Tese (doutorado). Instituto de Estudo das Linguagens. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2001.

DIK, S. C. **Studies in Functional Grammar**. Londres/New York: Academic Press, 1980.

_____. **The theory of Functional Grammar I**. Dordrecht: Foris, 1989.

FILLMORE, C. **The case for case**. In: BACH, E.; HARMS, R. (Ed.). *Universals in linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968. p.1-88.

GIBBON, A. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GIVÓN, T. **Historical syntax and synchronic morphology: an archaeologist's field**. CLS, v. 7, 1971.

_____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

_____. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: a constructional grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S. C. L. G. **Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista**. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional Grammar**. London: Arnold, 1994.

HEINE, B (org.). **Approaches to Grammaticalization**, Vol.1- Focus on Theoretical and Methodological Issues. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

HOPEER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University, 2003.

HUDSON, R. A. **Language Networks: The New Word Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

ILARI, R. et al. **Considerações sobre a posição dos advérbios**. In: CASTILHO, A. T. *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, v. I, 1990, p. 63-141.

ILARI, R. **Sobre os advérbios focalizadores**. In: _____. *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, v. II, 2002, p. 193- 212

LABOV, W. **Sociolinguistics patterns**. Oxford, Blackwell, 1972.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____. **The contemporary theory of metaphor**. Cambridge: Cambridge University, 1992.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da Vida Cotidiana**. Trad. Vera Maluf. Campinas: Mercado de Letras, 2002 [1980].

LAMBRECHT, K. **Information structure and sentence form**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LEHMANN, C. **Word order change by grammaticalization**. In Marinel Gerritsen; Dieter Stein, eds., *Internal and External Factors in Syntactic Change*, 395–416. Berlin: Mouton.

_____. **Gramática Funcional**. 2011. Disponível em: <http://www.christianlehmann.eu/publ/gramatica_funcional.pdf> Acesso em 14 Ago. 2013.

_____. **Towards a typology of clause linkage**. In HAIMAN, John e THOMPSON, Sandra (eds) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Philadelphia: John Benjamins, 1988.

MALVAR, E. **Future temporal reference in Brazilian Portuguese**: past and present. Ph.D. Dissertation (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, University of Ottawa, Ottawa (CA), 2003.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MEILLET, A. **L'évolution des formes grammaticales**. In : MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1912. p.230-280.

NICHOLS, J. **Functional theories of grammar**. In: *Annual Reviews Anthropol*, 13: p. 97-117, 1984.

OLIVEIRA, J. M. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Tese (doutorado). UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (Org.). **Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas**. Niterói: Ed. da UFF, 2012.

ORÉFICE, P. **A construção de movimento com propósito em português**. Dissertação (mestrado). Programa de pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa. UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Araraquara: 2014.

RODRIGUES, A.T.C. **Eu fui e fiz essa tese:** As construções do tipo *foi fez* no português do Brasil. Tese (doutorado). Instituto de Estudo das Linguagens. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2006.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. **Funcionalismo e abordagem construcional da gramática.** Revista Alfa, São Paulo, 60 (2): 233-259, 2016.

ROSCH, E. **Principles of categorization.** In: ROSCH, E; LLOYD, B. B. (eds.): *Cognition and categorization.* Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1978.

SANTOS, A. **O futuro verbal no português do Brasil em variação.** Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 1997.

SILVA, A. **A expressão da futuridade no português falado.** Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório editorial: São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2002.

TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization:** prototypes in linguistic theory. New York: Oxford University Press, 1995.

TORRENT, T. T. **A rede de construções em Para (SN) Infinitivo: uma abordagem centrada no uso para as relações de herança e mudança construcionais.** Tese (doutorado). Programa de pós-graduação em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2009.

TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization, constructions and the incremental development of language:** suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (Ed.). *Variation, selection, development: probing the evolutionary model of language change.* Berlin: Mouton de Gruyter, 2008b. p.219-250.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes.** Oxford: Oxford University Press, 2013.